

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23347

DIRECTOR ANTÓNIO RUELLA RAMOS

QUARTA-FEIRA 17 OUTUBRO 90 70\$00

Eles prometem



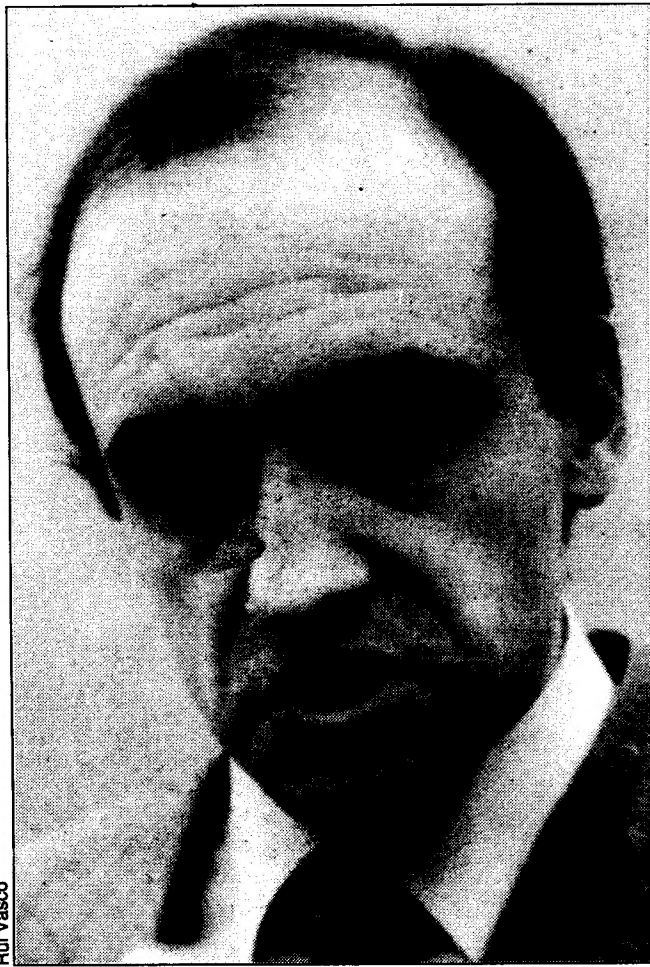
Francisco Paraíso

Mário Soares

Estabilidade

Mário Soares reafirmou ontem, na RTP, que a sua actuação no próximo mandato presidencial, caso seja eleito, vai privilegiar a estabilidade. Reivindicou uma intervenção discreta, pois «não tem que ser dirigida contra outros órgãos de soberania». Apesar disso, Soares não se coíbiu de afirmar que é necessário um maior pluralismo, nomeadamente no reconhecimento do papel das oposições.

Págs. 2, 3 e 4



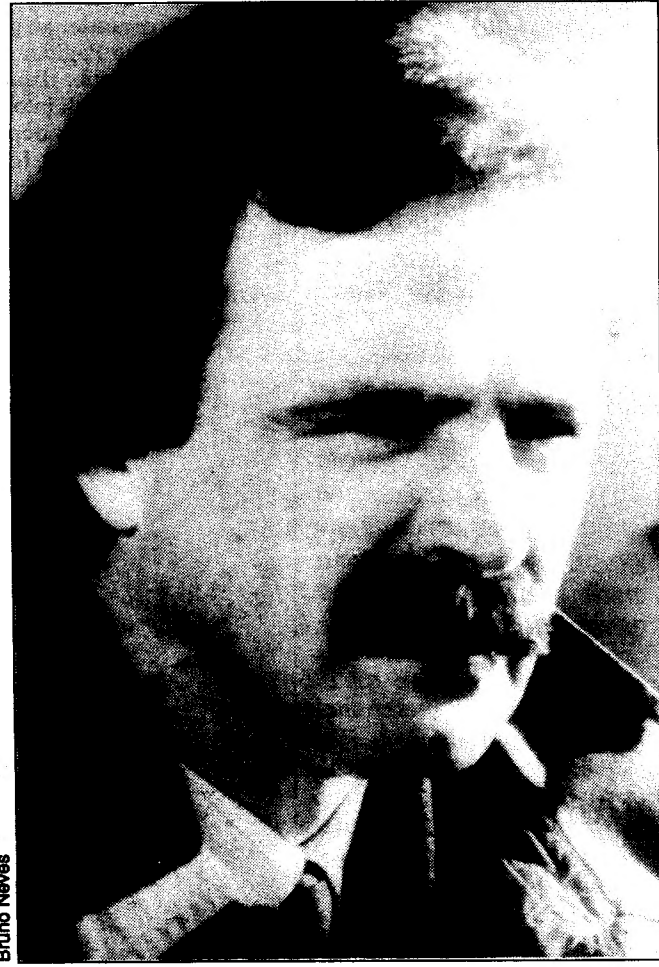
Rui Vasco

Miguel Beleza

Progresso

Progresso económico e social é o que nos promete o ministro das Finanças ao apresentar o Orçamento de Estado para 1991. Embora alertando para potenciais dificuldades resultantes da evolução da crise do Golfo, promete também menos inflação e aumento dos rendimentos reais das famílias. E ainda o «milagre» da (des)multiplicação: menos impostos com mais receitas fiscais.

Pág. 11



Bruno Neves

Artur Jorge

Vitória

A selecção nacional de futebol terá, esta noite, diante da Holanda, um jogo de paciência, como Artur Jorge gosta de dizer. A pensar na vitória, claro, e com o contributo de Paulo Futre, agora alicerçado num seguro de um milhão de contos, como se conta na pág. 21 em reportagem com o patrocínio de

SMALTEX

Wall Street investe mil milhões na URSS

Um grupo financeiro da Wall Street, o Batterymarch Financial Management, anunciou a criação de um fundo de investimento (que poderá atingir mil milhões de dólares) destinado a empresas que estão a ser privatizadas na União Soviética. Este primeiro grande investimento norte-americano na URSS vai arrancar de imediato, desdobrando-se em duas fases. A primeira, que

decorrerá até Janeiro, envolve 20 milhões de dólares. A notícia surgiu no momento em que Mikhail Gorbachev apresentava ao Soviète Supremo o seu programa de transição para uma economia de mercado. Este projecto, que resultou da fusão do chamado programa de 500 dias com o plano de Rizhkov, é contestado pelo presidente do Parlamento russo, Boris Ieltsin.

Pág. 9

Lisboa posto de vigia das marés negras

Pág. 12



PORTE
PAGO

Morreram Art Blakey
e Delphine Seyrig

Pág. 18

Presidenciais: pretexto para PSD
atacar Sampaio

Pág. 5

CDS/Madeira decide apoiar
Basílio Horta

Pág. 6

Concertação social tropeça
nos rendimentos

Pág. 13

Avaria no Metro

Pág. 13

SIC

«Em matéria de política externa e de defesa nacional há toda a vantagem, dado o melindre das situações, em que os problemas sejam discutidos, antes de mais nada, ao nível da Assembleia da República e que se crie o máximo de consensualidade possível entre os diferentes poderes»

«A intervenção do Presidente da República não tem que ser conflituosa. Não tem que ser dirigida contra outros órgãos de soberania. Tem que ser feita discretamente»

«Tenho uma ideia de e para Portugal e nunca abduquei de levar por diante essa ideia»

«A função do político não é só ir ao dia a dia. A função do político é de prever o que aí vem e de ser capaz de encaminhar o país para estar o mais preparado possível para o futuro»

«Não me vai meter nas lutas partidárias normais»

«Se eu for eleito não penso que seja adequado dissolver a Assembleia da República»

«É preciso fazer um grande esforço no sentido do pluralismo em todos os aspectos, nomeadamente no do reconhecimento das oposições. Eu gostaria que o país estivesse mais plural e assumisse mais essa pluralidade»

«Nunca fui um entusiasta do bipartidarismo»

«Não está excluído que um governo de maioria trabalhe melhor que um governo de coligação»

«Demiti o Governador de Macau porque ele me pediu antes a demissão. (...) Eu acredito na sua inocência. Não conheço o processo, nem tenho que o conhecer»

«Nunca fiz uma viagem ao estrangeiro que não fosse previamente articulada com o Governo. Nunca tomei nenhuma iniciativa de ordem externa - e tenho sido solicitado para dezenas de iniciativas - sem prevenir o Governo»

Presidente disse tudo na «Primeira Página»

Candidato Soares tinha mais para dizer

GRANDE ANGULAR

Tão bem disposto como tinha entrado para o estúdio 2 da RTP, ainda com os cremes e os pós da caracterização na cara, Mário Soares não quis arriscar, logo à saída, uma opinião definitiva sobre a entrevista que acabava de conceder ao programa Primeira Página.

«Naquele ringue, disse o Presidente e candidato, a gente precisa de ver depois para saber como é que foi».

Achou as perguntas

«muito boas» lembrando no entanto que tinha «muito mais coisas para dizer». Mas era óbvio que Mário Soares estava satisfeito. E se o tempo não chegara para tudo quanto tinha para dizer, foi suficiente para dizer muito daquilo que queria, incluindo o esclarecimento de várias questões relativas à sua declaração de candidatura e à conferência de imprensa de anteontem, porventura mal interpre-

tadas em alguns meios de comunicação ou por alguns analistas políticos.

A propósito da notícia da candidatura de Basílio Horta, Soares confessou não esperar que ela viesse já mas, disse, «surgiu um candidato e eu saúdo-o, até porque o dr. Basílio Horta é uma amigo pessoal e foi ministro num governo meu».

Utilizando um Nissan Massima ao serviço da sua candidatura, Soares só às 22

horas chegou à RTP, um pouco mais tarde do que estava previsto, acompanhado pela filha Isabel, pelo comandante Gomes Mota e pelo assessor Ventura Martins. Estrela Serrano tinha chegado um pouco antes para um pequeno reconhecimento da situação.

Não deixando nada ao acaso, para este confronto com as câmaras, Soares escolheu um fato azul, gravata de riscas e camisa numa

tonalidade leve de azul.

Na mão trazia o seu material de apoio: a brochura com a declaração de candidatura, um exemplar da Constituição e alguns papéis avulsos.

A entrada foi cordialmente recebida por Coelho Ribeiro, presidente da RTP, José Eduardo Moniz e Manuel Ricardo Ferreira, acompanhados por todo o staff das relações públicas da empresa, que faziam as honras da casa.

O ambiente era de boa disposição geral. As críticas que há uns meses o Presidente tinha dirigido à RTP eram águas passadas. Sem ressentimentos de parte a parte, conversou alguns minutos com os responsáveis da televisão e com os jornalistas, dirigindo-se depois à sala de caracterização.

Ao contrário de outros políticos que não gostam de ser vistos nestes preparativos, Mário Soares não teve problemas em se deixar fotografar. A sua boa disposição revelava um candidato em forma e já em campanha.

Gomes Mota, Isabel Soares e os assessores de Belém para a comunicação social Estrela Serrano e Ventura Martins, seguiram a entrevista numa sala de visionamento do piso superior.

Sem tirar os olhos do pequeno écran, entre duas cigarrilhas fumadas à revelia de um cartaz proibitivo e um copo de água para refrescar, o mandatário de Soares não escondia o seu agrado nesta espécie de primeiro ensaio de pré-campanha, soltando uma ou outra exclamação de «muito bem», quando



O Presidente da República com o presidente da RTP

Soares entra em campanha com Crespo na inquirição

Intervir para evitar conflitos e já cor

«Eu estou aqui para convencer os eleitores a votarem em mim em 13 de Janeiro», disse Mário Soares a Mário Crespo, no termo de uma entrevista em que a originalidade da formulação das perguntas suplantou, e de longe, as novidades das respostas. Foi ontem, no Canal-1 da RTP, durante o programa «Primeira Página», que Mário Soares confessou ter entrado a sério em pré-campanha eleitoral, recordando volta e meia que, candidato ou não, é Presidente da República até Maio do ano que vem.

Um dia depois da conferência de Imprensa em que o actual Chefe de Estado explicitou melhor o que declarou na sessão solene de

apresentação da sua candidatura, Mário Soares teve sem dúvida o tempo necessário para comunicar directamente com milhões de portugueses que pudessem ter dúvidas sobre o seu relacionamento com o Governo de Cavaco Silva ou com o demitido Governador de Macau, Carlos Melancia.

«Não reivindico. Digo o que seria interessante», sintetizou Mário Soares, quando questionado sobre a sua alegada reivindicação de maiores poderes nos capítulos da condução das políticas internacional e de Defesa, recordando, todavia, que é o comandante supremo das Forças Armadas e, também, o titular primeiro da representação externa de Portu-

gal.

«Meu amigo é «você»

A conversa com Mário Crespo foi marcada pelo estilo peculiar do entrevistador e pela rapidez de resposta do entrevistado. Mário Soares variou no tratamento entre o «meu amigo» e o «você» e Crespo, dado que era o candidato que ali estava, optou pelo «senhor».

Na linha do seu actual mandato, Soares reafirmou o desejo de não «entrar em competição com outros órgãos de soberania». Perante opiniões desfavoráveis à sua falta de protagonismo, o Presidente da República afirmou a sua pouca consideração pelo termo em causa e

sublinhou que todas as suas deslocações ao estrangeiro, oficiais ou particulares, foram fruto de consenso com o Executivo.

«Você não me vai meter em lutas partidárias normais», disse Soares a Crespo quando este, encarado com bonomia pelo actual PR, tentou salientar querelas nunca confessadas entre o Presidente e o primeiro-ministro.

A função do político

Antes, Mário Soares tinha definido que «a função do político é prever o que aí vem».

E, sobre política externa e a necessidade de de estar a par da dita, o recandidato a Belém foi lapidar: sublinhou

que se trata de «um dos deveres do Governo» e de «um dos direitos do Presidente».

Já quanto à eventual dissolução prematura da Assembleia da República, dadas as obrigações de Portugal perante os seus parceiros comunitários para o ano de 1992, Soares disse não achar que seja adequada e, mesmo sublinhando que o seu poder neste capítulo é discricionário (logo no início da entrevista, ao recordar o poder não vinculativo da audição do Conselho de Estado), colocou uma condição: «Se for um pedido unânime dos partidos, eu posso aceder e devo aceder».

Antecipação da aprovação do Orçamento de Estado,

COMENTÁRIO

Soares
contra Soares

Em rigor, a entrevista que Mário Soares ontem concedeu ao «Primeira Página» não trouxe nada de novo. Todas as ideias expressas eram já conhecidas. Mas o grande mérito do candidato foi precisamente esse: mais uma vez Mário Soares fez profissão de fé num país plural e na solidariedade institucional. As insistentes perguntas de Mário Crespo sobre as relações Soares-Governo se, por um lado, foram fastidiosas, serviram, em contrapartida, para deixar claro que, havendo um segundo mandato de Mário Soares o comportamento deste não será diferente do primeiro.

Mas, Soares o disse, as circunstâncias é que o poderão ser, pois, como o Presidente também acentuou, a maioria conseguida pelo PSD foi excepcional. Como se vai comportar Soares perante um Governo de minoria ou de coligação? Como irá um primeiro-ministro de um governo minoritário estabelecer o seu relacionamento com um Presidente de quem dependerá muito mais do que no presente? Essas as questões a que, por ora, Soares não pode responder, a não ser no campo dos princípios.

Mas se Soares defende a solidariedade institucional e na campanha eleitoral vai explicar as suas ideias com independência, mesmo sabendo que elas poderão ser entendidas como críticas ao executivo, há uma outra questão que sobressairá durante a campanha (já surgiu, aliás, ontem, no Parlamento): a colagem do PS ao candidato-Presidente, com o fito óbvio e natural de ganhar embalagem para as Legislativas. E, aí, o papel de Soares terá de ser o de árbitro entre um Governo que, por evidente incapacidade, desvaloriza as eleições e um PS que, por necessidade premente, quer utilizar Mário Soares como principal ponta de lança dos seus propósitos de afirmação eleitoral.

Soares terá assim de usar de alguma contenção, de que já deu mostras ontem na televisão. Terá de centrar a campanha no campo dos princípios e no debate das grandes questões nacionais. Uma campanha contra si próprio. Mais fácil e mais ao seu estilo seria ter um adversário directo e forte.



José Leite Pereira



Francisco Paraiso

«Não sou um homem particularmente vocacionado para o poder, mas para a liberdade»

alguma das respostas do seu candidato correspondia melhor à mensagem que deveria ser passada.

«Achei que a entrevista se baseou muito na conferência de imprensa para orientar o debate, e que o Presidente aproveitou a ocasião para explicar a sua declaração de candidatura, que não é um manifesto político, pois vai existir um em breve», comentou Gomes Mota, no final, acrescentando que Mário Soares aproveitara também para chamar a atenção de que o debate que vai suscitar ao País, não é um conflito com o Governo.

À saída, o Presidente teve um encontro inesperado no corredor ao lado do estúdio. Sentado num maple encontrava-se Narana Coissoró.

Alguém lhe deu os parabéns porque o CDS ia finalmente ter um candidato.

Resposta pronta e irónica do dirigente centrista: «É o que eu venho saber».

Augusto Vilela



Francisco Paraiso

Antes da entrevista, com Gomes Mota e Ventura Martins

vencer eleitores

uma modificação da Lei Eleitoral ou novas saídas constitucionais e consensuais para a dignidade da futura presidência portuguesa da CEE, em tempo subsequente a lutas políticas internas acabaram por constituir, na perspectiva do candidato Mário Soares, soluções aceitáveis.

Coligações e maiorias

Crespo recordou a Soares, na esteira do que Pulido Valente tem frisado, declarações pretéritas sobre a necessidade de existirem quatro partidos fortes, em Portugal. Ou seja: que o semi-presidencialismo só dará ao Chefe de Estado mais que uma «magistratura de influência» caso o hori-

zonte partidário seja composto por uma coligação.

«Nunca fui um entusiasta do bipartidarismo», disse Soares, numa demarcação nítida perante teses bipolarizadoras.

E esclareceu: «não está excluído que um Governo de maioria trabalhe melhor que um Governo de coligação».

De resto, o Presidente da República defendeu as obras públicas em Macau e o recém-demitido Governador do Território aludido, fez o elogio da Liberdade de Imprensa e do pluralismo, enviando a propósito deste uma mensagem anti-crispação aos espectadores da «Primeira Página» da RTP.

Redacção «DL»



Francisco Paraiso

Última concentração antes de enfrentar as câmaras

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: António Ruella Ramos.
Administradores: Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director
António Ruella Ramos

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)
Mário Mesquita (1989/1990)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira,
João Galamba de Oliveira,
José Luís Feronha,
Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques,
Alves Henriques,
Ana Mafalda Inácio,
Ana Paula Sá, Augusto Vilela,
Céu Neves, Daniel Reis,
Dina Soares, Elsa Andrade,
Emília Trindade, Ernesto Sampaio,
Fernando Braderode Santos,
F. Dias Brito, Gisela Oliveira,
João Isidro, Jorge Ferreira,
José Rui Cunha (Bruxelas),
Júlio Rodrigues, Luisa Alexandra Botinas, Lurdes Féria,
Maria Antónia Martinho,
Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques,
Machado Tavares Dias, Paulo Martins,
Pedro Alvim, Pereira de Almeida,
Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa,
Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: Alessandra Balsamo, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador),
Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luis Tenreiro

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos e Oscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador),
António Lima e Maria Helena Matos

Chefe de Publicidade
Luis Valadas

Gestor de Informática
Luis Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegrámas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

«Quer ao menos o que podes...»

GRANDE ANGULAR

Dezasseis anos de protagonismo político como dirigente partidário, ministro, primeiro-ministro e Presidente da República, antecedido de décadas de luta contra o fascismo (essas decerto menos conhecidas, sobretudo pela juventude nascida com a Liberdade) dispensariam a tentativa de retratar Mário Soares. Amigos e inimigos, adeptos e adversários, pelas opiniões que expõem a seu respeito ajudaram o povo a compor o resultado da sua própria apreciação. Sabe-se quem é Mário Soares, as suas virtudes e os seus defeitos; que, apreciado ou detestado, é referência obrigatória, indispensável, na reflexão sobre o País - passado, presente ou futuro; que provavelmente algumas das suas imperfeições criam em seu redor uma atmosfera amável; que a busca de consensos por que alguns o criticam traduz, antes do mais, um espírito de tolerância apreendido desde a meninice. E sabe-se muitas outras coisas. Ainda assim, o momento é propício ao traçado breve de um perfil do homem que, sem concorrência credível, se prepara para cumprir o segundo mandato em Belém.

Os que conhecem bem Mário Soares, da intimidade e da luta política, e os outros, subscvem uma sua afirmação que funciona como uma espécie de *ex-libris*: é um «corredor de fundo». A perseverança tem-na ele aplicado, desde a juventude, na defesa da Liberdade. De forma intemerata, como é também

reconhecido sem excepções. É um lutador por natureza; a política é a sua primeira paixão, todos concordam. Não admira: nasceu rodeado de políticos — o pai e os amigos do pai. Formou-se em Histórico-Filosóficas e em Direito, razão bastante para detestar números. Não obstante o gosto pelas letras, foi péssimo aluno a Latim. E não tem ouvido para a música.

Os livros — lê-os e escrevê-los — e os quadros constituem as suas segundas paixões. Mário Soares possui talvez a maior biblioteca privada de Portugal sobre o século XIX, nas áreas da Literatura e da História, e compra regularmente obras de todos os géneros. Em rapaz, adorava ter uma gripe, a fim de poder ficar na cama, a ler. A sua colecção de arte, que vem fazendo desde antes do 25 de Abril, é apreciável — Pomar, Vieira da Silva, Sá Nogueira, Hogar, Júlio, Graça Morais, Ribeiro de Paiva. Os donos das galerias revelam que o Presidente é humilde: quando não percebe, pergunta. E lê jornais. É um homem de cultura.

Um defeito que até os amigos lhe censuram é o excesso na amizade, o qual lhe tem valido alguns amargos de boca. Até os inimigos concedem que é extremamente generoso; e leal e fiel para além, às vezes, da conveniência razoável. Reconhecem-lhe também um talento natural, ou aprendido muito cedo, de estar bem nos palácios e nas cabanas; uma extraordinária facilidade de comunicação; uma preciosa



O «corredor de fundo» prepara-se para mais um embate televisivo

intuição política; o culto da solidariedade como dever; e o não ter modificado, com o acesso a altas funções, o gosto pelas coisas boas da vida: viver bem, comer bem, vestir bem, conviver, rir, cultivar os pequenos hábitos de cidadão comum. Também sabe viver mal; foi o caso em Paris, durante o exílio. E o comer bem não exclui, pelo contrário, os pastéis de bacalhau e a salada de atum.

No terreno da política, as convergências são em menor número. Se todos vêem nele um homem corajoso que, durante a ditadura, enfrentou prisões, o desterro e o exílio, e já em democracia ousou proclamar, contra as corren-

tes dominantes, a sua ideia, e foi determinante para a conformação do regime; se os democratas, à parte opções ideológicas, o respeitam pelo alto contributo que deu à luta antifascista — o seu percurso político tem-lhe valido acusações de incoerência. Mário Soares responde com a defesa permanente da Liberdade, fronteira inegociável, entendida a cada momento num contexto dado e segundo a sua própria evolução. Passou pelo PCP, aderiu à social-democracia e nesta área foi boleando alguma radicalidade, antecipando-se a experiências hoje universalmente saudadas. «Os princípios são essenciais, e um político que os esquece

é um homem sem estofo, um oportunista. Mas, para além dos princípios, existem as realidades: a arte da política consiste em conciliar esse todo», escreveu em *Portugal: Que Revolução?* O modo como tem feito esta conciliação divide as opiniões; há quem lhe reprove na sua área política, a esquerda, excessiva boa vontade, cedências. Trata-se de um pecado original, porque Mário Soares foi educado para estender a mão ao adversário, diz quem conheceu seu pai. A sistemática busca de consensos reflecte a sua formação de base, acrescentam — prevenindo, todavia, que é na oposição que ele está bem, porque é um lutador. Perfila Terêncio: «Quando não puderes o que queres, quer ao menos o que podes». E insiste em que não serão os conservadores a resolver os problemas do futuro, mas uma esquerda renascida.

Goza hoje de uma popularidade invejável que certamente o desvanece e o amargura. Amargura-o porque o preço do amplo consenso gerado em torno da sua figura de estadista é o risco da abstenção ou do plebiscito, nas próximas eleições. Para um homem como Mário Soares, a ausência de dificuldades não é um bem; é a dispensa da luta e a redução do debate. O exercício do previsível segundo mandato como Presidente da República compensa-lo-á provavelmente da sua reeleição natural.

João Paulo de Oliveira

As reacções à entrevista da RTP

O objectivo deste curto inquérito era recolher os depoimentos de candidatos a Belém, já confirmados ou potenciais. Por razões diferentes, Basílio Horta, Maria Santos e Carlos Carvalhas estão ausentes.

O vice-presidente centrista, que passou a tarde de ontem lançando as bases da sua aposta presidencial - reuniu com Freitas do Amaral e personalidades susceptíveis de o apoiar - escusou-se a corresponder ao convite do «DL». Na sua óptica, a condição de «candidato a candidato» torna injustificáveis quaisquer declarações públicas sobre a matéria, nesta fase.

A deputada «verde» ao Parlamento Europeu encontra-se em Estrasburgo, pelo que não assistiu ao programa «1ª Página».

O mesmo aconteceu com Carlos Carvalhas, que na noite de ontem participou em Lisboa num seminário promovido pelo PCP sobre o fenómeno da pobreza. Neste caso, porém, o nosso jornal optou por solicitar um comentário a António Abreu, mandatário nacional, uma vez que Carvalhas é, de entre estes três candidatos, o único que já se encontra no terreno, com o «staff» de campanha parcialmente definido.

António Abreu:
«Igual a si próprio»

António Abreu, indicado pelo «DL» a pronunciar-se sobre a entrevista televisiva, por impedimento de Carvalhas, foi parco em palavras. Começou por afirmar que «não é intenção do candidato Carlos Carvalhas e da candidatura pronunciar-se sobre intervenções públicas de outros candidatos».

Ainda assim, o mandatário nacional da candidatura, acrescentou: «sobre a entrevista, direi que Mário Soares se revelou igual a si próprio, com um discurso que corresponde às orientações políticas do actual mandato».

Marques Júnior:
«Evitou distinguir o candidato do Presidente»

«Não foi possível distinguir o candidato do Presidente»; Mário Soares «não quis perturbar a ideia de coabituação, sempre presente» - eis uma síntese do comentário de Marques Júnior ao comportamento do PR no «Primeira Página».

O dirigente do PRD, convidado a pronunciar-se na qualidade de possível candidato a Belém, aceitou apenas fazer declarações... na qualidade de Marques Júnior. Desen-

volvendo aquelas duas ideias centrais, considerou que, quando confrontado com a questão dos poderes presidenciais - no campo da política externa e da defesa -, Soares «não foi capaz de consubstanciar propostas concretas», precisamente porque tentou sempre evitar a distinção entre candidato e Presidente.

Para Marques Júnior, o apelo formulado ao eleitorado para que ajude Mário Soares a «fazer o que considerava importante fazer», nos domínios da justiça social e eliminação de desigualdades, «surge desfazado». Porque? Porque ao privilegiar a ideia de coabituação com o Governo, reconhecendo os limites dos seus próprios poderes, o PR está «a cair em contradição».

Trata-se, aos olhos do dirigente renovador, de «eleitoralismo», susceptível de prejudicar o debate, no decurso da campanha. «Soares vai ter dificuldade, perante candidatos que não têm de conciliar, como ele, o facto de ser candidato e Presidente. O debate, será, assim, desvalorizado». Neste quadro, Marques Júnior conclui que «ou esta entrevista foi feita fora de tempo ou Mário Soares não tem nada de especial para dizer aos portugueses».

Carlos Marques: «É preciso debate sobre regionalização»

Carlos Marques é o candidato à Presidência da República que conta, à partida, com o apoio da UDP. Foi nessa qualidade que o «DL» quis saber qual o seu comentário em relação à entrevista de Mário Soares, ontem, na RTP.

Sublinhou ter ouvido com «muita atenção a entrevista do candidato Mário Soares» e no final «não ter encontrado novidades em relação ao que já fora dito na apresentação da sua recandidatura». O candidato considera que «a questão fundamental a discutir, nestas eleições, é qual vai ser o novo caminho da República segundo o que está escrito na Constituição».

O candidato à presidência destacou, ainda, a necessidade «fazer um grande debate sobre a regionalização, já que a Constituição prevê a realização de eleições regionais, sem que nunca tal tenha sido cumprido». As suas preocupações vão ainda para o facto «de se estar a assistir a uma invasão dos poderes do Presidente, nomeadamente no que respeita à crise no Golfo».

Redacção «DL»

POLÍTICA

O anúncio da recandidatura de Mário Soares condicionou a primeira sessão do ano parlamentar, polarizando o essencial do discurso partidário e relegando tudo o mais para um plano secundaríssimo. Já se esperava, aliás. O que não se esperava era a pressa do PSD em associar às presidenciais o ataque imediato a Jorge Sampaio: a um ano de distância, também a sombra das eleições legislativas já marca o ritmo em S. Bento

O peso dos ausentes

A opção de Jorge Sampaio pela Câmara de Lisboa, em detrimento da sua presença na bancada do maior partido da oposição, serviu de pretexto a Pacheco Pereira para continuar os ataques do PSD ao PS e ao seu secretário-geral.

Esse já fora o prato do dia nos meses que precederam as férias. Ao repegar a questão, como o fez logo na reabertura do Parlamento, a maioria confirma que nem admite a pausa das eleições presidenciais e vai persistir em polarizar o debate político, até ao fim da legislatura, sobre a única matéria que verdadeiramente lhe interessa, as eleições legislativas.

A sombra espessa de Soares e Sampaio, ambos ausentes deste debate dadas as funções que desempenham noutros órgãos, acabou por pesar, assim, sobre a primeira jornada parlamentar, tal como promete continuar a condicionar o debate político em S. Bento, até às eleições legislativas.

A recandidatura de Soares tinha sido levada ao hemicycle por António Guterres, líder parlamentar do Partido Socialista. Outros se lhe seguiriam no mesmo tom, como Carlos Brito, Duarte Lima e Narana Coissoró. Elogios ao candidato, sobrevalorização das coincidências da sua plataforma eleitoral com o programa socialista e

identificação dos objectivos do PS e do seu antigo secretário-geral, na hora actual, constaram abundantemente da prosa de Guterres, tal como a repetida alusão à incomodidade de Cavaco Silva face à recandidatura de Soares.

Ela decorre, segundo Guterres prática do Governo, nos últimos anos, e da sua continuada tentativa de desvalorização da Presidência da República. O Governo terá, inclusive, «sonogada informação indispensável ao Presidente» e o Governo agiu por vezes (sic) «em clima de pura clandestinidade política, violando a Constituição e

desrespeitando a solidariedade institucional que o Presidente nunca lhe negou».

A resposta foi assumida por Pacheco Pereira, vice-presidente do Grupo Parlamentar do PSD e único dirigente de topo da maioria que se tem mostrado disponível para apoiar, explicitamente, Mário Soares, tal como já o fizera no MASP, em 85.

«Quem desvaloriza a recandidatura é o secretário-geral do PS, que está ausente deste debate», afirmou, para acrescentar que Jorge Sampaio já em 85 se distanciara da candidatura de Mário Soares, onde a sua parti-

pação terá sido «irrelevante».

A explicação para esta inesperada invocação do nome de Sampaio veio de seguida, com as eleições legislativas em fundo.

«Tal como o dr. Mário Soares vai estar praticamente sozinho nas presidenciais - disse Pacheco Pereira - também o dr. Cavaco Silva vai estar praticamente sozinho nas eleições legislativas, se o líder do principal partido da oposição continuar a destacar-se por esta ausência».

António Guterres desmentiu, factualmente, o afirmado sobre a participação de Sampaio no MASP e lembrou as normas regimentais do Parlamento para justificar a ausência de Jorge Sampaio. Depois forneceu a sua interpretação do comportamento de Cavaco Silva e dos seus partidários em todo este processo:

«É visível o incómodo do primeiro-ministro na perspectiva de reeleição - disse o deputado socialista - e por isso se adiantou a garantir que, por mais que lhe batessemos, durante a campanha, não retiraria o seu apoio a Mário Soares. Mas como nós queremos que o primeiro-ministro goste cada vez mais de Mário Soares, vamos continuar a bater-lhe sobre esta matéria», concluiu o presidente da bancada do PS na Assembleia da República.

Daniel Reis

Proposta a extinção dos serviços de extinção da Pide e da Legião

«Acto natural próprio da normalidade democrática», qualifica o deputado Silva Marques o seu projecto de encerramento do serviço de coordenação da extinção da Pide/DGS e da Legião Portuguesa, que ontem mesmo apresentou ao Parlamento, à cabeça de um grupo de deputados do PSD.

Do preâmbulo e dos oito artigos deste projecto de lei resulta a preocupação de salvaguardar o destino dos arquivos das duas organizações repressivas já extintas.

Nomeadamente, os arquivos vão ser integrados na Torre do Tombo e só serão abertos ao público a partir de 25 de Abril de 1999.

O acesso à documentação da Pide, da DGS e da Legião, antes do decurso deste prazo, só poderá ser autorizado pelo presidente da Assembleia da República, a título excepcional, mediante parecer favorável do director da Torre do Tombo sobre o requerimento demonstrativo do interesse «pessoal, directo e legítimo» na consulta.



Martinho substitui Marques Junior na vice-presidência da Assembleia

O PRD foi, ontem, notícia ao incluir o nome do seu presidente, Hermínio Martinho, na lista dos candidatos às vice-presidências da Assembleia da República. Esta foi, aliás, a única alteração significativa proposta para o elenco da Mesa da Presidência, secretários e vogais incluídos. Continuam, assim, como vice-presidentes os deputados Manuela Aguiar (em representação do PSD), Ferraz de Abreu (PS) e José Manuel Maia (PCP).

Os candidatos do PRD e do PS não reuniram, nesta primeira tentativa, os votos necessários para a eleição, mas não deixarão seguramente de ser eleitos em escrutínios posteriores e tal como é da praxe parlamentar. Hermínio Martinho substitui Marques Junior, que tem ocupado o cargo desde o início da legislatura, com o assumido objectivo de o desligar de todos os cargos partidários e parlamentares e assim facilitar a apresentação da sua candidatura à Presidência da República.

Paternidade reivindicada da limitação de mandatos

Os renovadores fizeram, também, questão de vincar, em conferência de Imprensa, que lhes cabe a paternidade original da limitação do número de mandatos consecutivos dos presidentes das Câmaras Municipais e a defesa das candidaturas individuais, propostas por grupos de cidadãos à margem das listas partidárias, nas eleições autárquicas.

O ministro dos Assuntos Parlamentares tinha anunciado, momentos antes, que a correspondente proposta do Governo, anunciada no Verão pelo próprio Cavaco Silva, iria entrar «dentro de dias», no Parlamento. Carlos Lilaia, em nome do PRD, insistiu ser sua a primazia desta ideia pois já em 1986 os renovadores tentaram propiciar as candidaturas individuais e tal projecto foi derrotado com os votos contra de todas as outras bancadas parlamentares.

Também a tese de limitação do número de mandatos dos presidentes camarários não vingou, em sede de revisão constitucional, mas transformou-se, agora, num dos temas dominantes da sessão legislativa, devidamente apadrinhada pela maioria e até com o apoio explícito do Presidente da República.

Agendadas para 22 de Novembro as alterações à lei autárquica

«Apesar de ter diminuído o seu peso eleitoral, bastaram quatro anos ao PRD para convencer o Presidente da República e o primeiro-ministro, presidente do maior partido português, da bondade das nossas ideias e projectos», venceu Lilaia, líder parlamentar dos renovadores-democráticos.

Carlos Lilaia garantiu que, se o Governo não fizer avançar, a tempo, a sua reclamada proposta, o PRD vai exercer um direito de agendamento no dia 22 de Novembro (a reserva de data já está confirmada) para sujeitar à Assembleia da República o seu projecto de alterações à lei eleitoral para as autárquias.

«Aqueles que sempre acusaram o PRD de não ter ideias e ideologia e de ser um partido inútil, não resta outra atitude se não a de reconhecerem a validade do nosso projecto e da nossa capacidade em os superar», concluiu Lilaia.

Sabe-se que o PRD se propõe limitar as presidências das câmaras pelo mesmo titular a três mandatos consecutivos, ou seja doze anos, «tempo mais que suficiente para qualquer autarca deixar obra feita», na expressão de Carlos Lilaia.



António Guterres e Pacheco Pereira: operações de guerra subitamente desencadeadas, à sombra espessa dos ausentes Soares e Sampaio. Nem deram tempo às gentilezas da praxe, no recomeço do ano parlamentar

Cimeira luso-espanhola marcada para Dezembro

A próxima cimeira luso-espanhola, que participarão os primeiros-ministros Aníbal Cavaco Silva e Felipe Gonzalez, realiza-se em Portugal durante a primeira quinzena de Dezembro, disseram fontes da diplomacia espanhola. A data certa e o local do encontro ainda não estão definitivamente fixados admitindo-se a hipótese de a cimeira se realizar em Lisboa ou no Algarve.

Miranda do Corvo sob investigação

A Alta Autoridade Contra a Corrupção encetou uma investigação sobre as actividades do anterior executivo municipal de Miranda do Corvo, quando este era presidido pelo actual governador civil de Coimbra, Jaime Ramos. A inspecção, que incide sobre os últimos anos do mandato, pretende averiguar a actuação da Câmara em domínios como o das obras e admissão de pessoal.

Alta Autoridade com elenco completo

Os quatro elementos eleitos por cooptação para a Alta Autoridade para a Comunicação Social tomaram posse ao fim da manhã de hoje, em cerimónia presidida pelo presidente da Assembleia da República, Vítor Crespo. A escritora Agustina Bessa-Luís, o director da RDP, Beltrão Coelho, o ensaísta António Quadros e o professor universitário Fernando Seara, são as personalidades que ficam a representar neste organismo, a opinião pública, a comunicação social e a cultura.

Luxemburgo ajuda a pagar despesas de Portugal no Golfo

Cavaco Silva, que participou numa conferência de Imprensa com o primeiro-ministro do Luxemburgo Jacques Santer, revelou que aquele país manifestou disponibilidade para pagar parte das despesas que três países, Portugal, Holanda e Bélgica, têm com o seu apoio às operações, no quadro da UEO, com vista à solução da crise no Golfo.

Eurodeputados debateram União Política Europeia

Os eurodeputados António Capucho (PSD), Luís Marinho (PS) e Barros Moura (PCP) participaram ontem, em Bruxelas, num debate sobre a União Política Europeia e as reformas institucionais da CEE. Este é o segundo debate sobre questões comunitárias organizado pela «Atlântida», uma associação portuguesa fundada por funcionários portugueses das instituições da CEE. Entretanto, o Parlamento Europeu nomeou Carvalho Cardoso (CDS) relator do parecer da proposta de regulamento da segunda etapa de aplicação da legislação sobre política agrícola comum a Portugal.

Mota Amaral quer discutir Lajes

O chefe do Executivo açoriano, Mota Amaral, quer discutir com o primeiro-ministro e com o ministro dos Negócios Estrangeiros questões relacionadas com a renegociação do acordo das Lajes. Segundo Mota Amaral, «é indispensável acertar todos os pontos de vista relativamente à renegociação do acordo por forma a que resultem soluções favoráveis ao conjunto do Estado português e, particularmente, à região autónoma dos Açores».

Advogados de Macau criticam lei judiciária

A Associação de Advogados de Macau enviou hoje à Assembleia da República um parecer em que considera inadequada e limitativa da autonomia local a proposta de lei sobre «Organização Judiciária de Macau», a discutir pelo Parlamento já amanhã. Os advogados afirmam, que a referida legislação deverá «configurar um modelo autocentrado de organização judiciária».

Aldeia do Carvalho com eleições no domingo

As eleições intercalares para a Assembleia de Freguesia de Aldeia do Carvalho, concelho da Covilhã, realizam-se no domingo, após o parecer do Tribunal Constitucional. As eleições surgem na sequência da demissão, em Maio, do presidente, eleito pelos «Amigos da Terra». Na corrida está agora uma única lista apresentada pela CDU.

CAP quer um ministro com «mais experiência»

«Não pedimos a cabeça do ministro, o que pedimos é que o ministro tenha mais cabeça». Desta forma Rosado Fernandes, presidente da Confederação dos Agricultores de Portugal, CAP, tornou clara a posição do organismo que representa, relativamente a Arlindo Cunha.

Ontem, em conferência de Imprensa a CAP considerou que o ministro «não revelou capacidade negocial para consagrar política e tecnicamente ao nível europeu» aspectos que tinham sido contemplados durante a cimeira de Copenhaga, em 1988. A saber: a «adaptação progressiva da nossa agricultura, com mais meios e mais tempo».

A CAP apontou, entre outros, exemplos onde os esforços do Ministério da Agricultura falharam. «Não foi negociado o reforço das ajudas do PEDAP; não foi negociada a prometida reintegração de quotas de importação do sector das frutas», disse Rosado Fernandes.

Aquele dirigente considerou que foi a «inexperiência» de Arlindo Cunha perante alguns dossiers sobre a organização comum do Mercado uma das razões para «a desastrosa negociação».

Rosado Fernandes lembrou a propósito a apreensão que a CAP demonstrou aquando da demissão de Álvaro Barreto. «Foi uma altura delicada pois negociavam-se dossiers importantes», acrescentou.



A CAP pretende ver «mais capacidade negocial» na discussão da política agrícola comunitária

No que se refere à política interna de agricultura, as críticas não foram menos severas. «É o caos», afirmam os agricultores. «A desorganização do Ministério é generalizada» e segundo a CAP, tal facto já levou à «consequente desmotivação de técnicos superiores mais competentes, alguns dos quais se demitiram».

O corolário da actual situação traduz-se, de acordo com dados da CAP, na «inoperância dos diversos

serviços», entre os quais, o IFADAP. Aquela confederação sublinha que neste caso o Estado já tem em atraso pagamentos aos agricultores que ascendem a «mais de um milhão de contos».

Os agricultores pretendem ver o «estado das coisas» alterado de forma radical. Não querem a «cabeça do ministro» como referiram mas fizeram saber que recorrerão a todos os meios - Assembleia da República, parlamentares

europeus, Conselho de Concertação Social. A culminar, anunciaram uma vez mais a intenção de promoverem no dia 25 de Novembro uma manifestação de protesto dos agricultores portugueses, em Rio Maior.

Da parte do Ministério da Agricultura não houve qualquer reacção às declarações da CAP, apesar das tentativas feitas pelo DL junto da tutela.

Redacção DL

Basílio já tem apoio do CDS/Madeira

O social-democrata Duarte Lima foi o único, entre os dirigentes parlamentares sondados ontem pela Lusa a propósito da decisão tomada por Basílio Horta de entrar na corrida a Belém a criticar a candidatura, que na sua óptica «resulta de problemas internos do CDS».

O deputado salientou que a posição do seu partido, definida no último congresso, é «clara e inequívoca». Ao insistir uma vez mais na preferência por Mário Soares, a direcção social-democrata «condena» Basílio ao mesmo dilema de Lucas Pires: cingir-se ao apoio do seu partido.

António Guterres, Hermínio Martinho e Carlos Brito consideraram positiva a iniciativa do dirigente centrista. O primeiro, depois de afirmar o «grande respeito» que lhe merece a coragem demonstrada, considerou: «só não temos respeito por quem foge ao combate por ter medo de perder», numa clara referência à «colagem» do PSD ao actual Presidente. Para o líder da bancada comunista, «é positivo que cada área politico-ideológica promova um candidato».

Os centristas, conforme adiantou o «DL» na edição de ontem, só no sábado tomam decisões nesta matéria, em Conselho Nacional. Basílio Horta conta, para já, com o «apoio incondicional» do

CDS/Madeira, ontem assegurado. Recorde-se que idêntica atitude fora tomada por esta estrutura autónoma do partido - liderada por Ricardo Vieira, que no último congresso se opôs a Freitas do Amaral - quando Lucas Pires admitiu a hipótese de concorrer ao sufrágio presidencial.

A Júnior falta o cenário

«O PRD comprometeu-se a arranjar determinado cenário para concretizar essa candidatura. Portanto, é o partido que me vai dizer se as condições em que me prontifiquei a candidatar-me estão ou não satisfeitas». Foi nestes termos que Marques Júnior definiu ontem, à agência Lusa, o seu posicionamento actual, de tal modo reservado que, instado pelo «DL» a pronunciar-se sobre a entrevista televisiva de Soares (ver «Grande Angular») não o quis fazer sequer na condição de potencial candidato.

Aparentemente, entre os renovadores, muito caminho falta ainda percorrer. Hermínio Martinho reconheceu-o, ao afirmar que Marques Júnior «é a figura que mais se ajusta» ao perfil definido pelo partido, mas «nada está ainda decidido».

Redacção «DL»/Lusa

Carrascalão tem medo de deputados portugueses

O governador de Timor Leste opõe-se à visita de deputados portugueses ao território no próximo ano, no âmbito de uma iniciativa das Nações Unidas. A deslocação de uma delegação parlamentar portuguesa está prevista para 1991. É possível que coincida com a visita de uma delegação da ONU, à qual cabe «assegurar uma avaliação objectiva da situação», disse o ministro dos Negócios Estrangeiros da Indonésia.

A posição do governador de Timor é veiculada pelo jornal «Suara Pambuan», que põe na boca do governador a afirmação de que, «seja qual for a avaliação da delegação parlamentar portuguesa, não haverá qualquer alteração na situação de Timor-Leste, que se tornou a 27ª província da indonésia».

Mário Carrascalão não impedirá a visita e está disposto a «curvar-se» perante os desejos do Governo da Indonésia, que não se opõe à iniciativa das Nações Unidas, segundo a mesma fonte. Além de salientar que a presença da delegação da ONU seria uma contribuição positiva, Carrascalão acrescenta não haver dúvida «de que o Governo português aceitaria mais facilmente a opinião dos seus deputados» do que a daquela delegação.

Redacção «DL»/Lusa

FORUM

CARTAS
NA MESAA afectividade trágica
de Hayat Mamud

A edição do «Diário de Lisboa» de quarta-feira, 29 de Agosto de 1990, publicou, em primeira página, uma legenda-texto referente a uma fotografia, que a encimava, representando o desenho de uma criança iraquiana imaginando os horrores-sacrifícios de uma hipotética guerra. Diz a legenda em causa: «Crianças do Iraque - Hayat Mahmud tem onze anos e é autora deste desenho, publicado num livro editado pela Federação Geral das Mulheres do Iraque, em que jovens artistas usavam o lápis de cor para ilustrarem os horrores da guerra, mas pelo «lado positivo», à moda de Saddam, com bravos soldados a desfilar, a bombardearem e a matarem. Uma educação como já não se via desde o tempo da Juventude hitleriana».

No meu sentir de pessoa que desde os 17/18 anos esteve comprometida em Portugal com a resistência antifascista e anti-guerra colonial, esta legenda-texto - que procura decodificar sobre o ponto de vista metalinguístico o código do discurso artístico empregado pelo lápis de cor da pequena e sensível Hayat Mahmud -, é apressada e revela cacofonia na linguagem que emprega para criticar a educação iraquiana. Por três razões.

Primeira, os «media» jornalísticos - que mais do que quaisquer outros têm importância na formação da opinião esclarecida do público leitor -, não devem incentivar a cruzada contra os regimes árabes *maus* a partir de imagens simbolicamente reificantes que os desqualifiquem moralmente como uma variante de nazi-fascismo hitleriano. Esta «beutade» reificante não corresponde, em muitos aspectos - nomeadamente na educação - à verdadeira realidade desses regimes políticos «maus»; dificulta ao público ocidental a compreensão da problemática complexíssima da formação da vontade política a partir dos inconscientes colectivo e individual das populações desses países; e é, sem dúvida, uma *falsa consciência* que reproduz as representações mentais de parte importante das populações ocidentais encerradas no logotipo do agressivo sucesso totalitário, intemperante e tecnocrático racionalismo ocidental. Os «media» jornalísticos do Ocidente, se quiserem primar pela qualidade de opinião e de informação que fornecem, se não quiserem contribuir para a formação de um outro «ghetto», têm de estar atentos à análise crítica que se desprende do texto de Adriano Vasco Rodrigues, publicado no «Diário de Lisboa» de quarta-feira, 22 de Agosto, sob o título de «Internacionalização da violência» e dedicado aos comentadores políticos ocidentais.

Diz ele: «A esta luz» (a da linguagem como esforço de entendimento e também como injúria), «parecem particularmente anacrónicos e sintomáticos os propósitos propagandísticos dos comentadores políticos ocidentais que, para consumo interno e mobilização eleitoral, vêm na eclosão do conflito Iraque-Koweit sintomas ideológicos favoráveis aos seus partidos e contrários à oposição. À sua maneira, não fazem mais do que obedecer à lógica da encenação mediática do conflito para fins pragmáticos espectaculares. O que nesta lógica se alimenta é ao fim e ao cabo a conversão do fundamentalismo religioso que, noutras áreas do mundo, serve de encenação pública, num fundamentalismo político secularizado susceptível de assegurar uma aura de credibilidade numa sociedade que, de há muito, perdeu toda a espécie de crença.»

Segunda razão, os «media» jornalísticos responsáveis, como o «Diário de Lisboa», necessitam de - no que diz respeito a opinião sobre noticiário internacional ou nacional -, necessitam de estabelecer, repetimos, um intercâmbio saudável entre aquilo que a mensagem impressa tem, simultaneamente, de lógico (racional) e de afectivo (expres-

sivo). Só recorrendo a estes dois grupos de códigos semiológicos, a mensagem que deles resultará permitirá ao leitor-receptor não cair na armadilha fácil de odiar ou amar alvos exteriores que, à partida, não conhece suficientemente bem. Ora, na actual crise do Golfo, para além das violações do recém-reforçado Direito Internacional Público praticadas pela República do Iraque há, como se conhecem, inúmeros outros problemas políticos e violações que o Direito Internacional Público vigente, hipocritamente, não resolve - desde logo, o caso da anexação dos territórios árabes ocupados por Israel e, ainda, aquilo que François Perraux designa por «pólos de desenvolvimento», isto é, as zonas de dominação imperialista «tout court». Tendo em atenção esta ambivalência do Direito Internacional Público vigente, é preciso que ao elaborar-se a mensagem jornalística se tenha em atenção a forma procustea como o dito Direito Internacional Público é aplicado à nação árabe e, ainda, que se maneje com mestria estes dois tipos complementares de códigos de comunicação, a fim de que a função referencial da linguagem empregue na mensagem não fique ela própria procusteadada no seu objectivo - a informação verdadeira.

Terceira razão, os «media» jornalísticos se quiserem dar ao leitor-receptor uma opinião e informação verdadeiras sobre o estado de espírito de imensas massas árabes e se visarem perceber o desenho a lápis de cor de Hayat Mahmud e dos seus infortunados companheiros de brincadeiras - isto é, se procurarem a compreensão de dentro para fora e a empatia -, precisam, antes de mais, de ver com o coração nos olhos que essas massas e essas crianças, no seu afecto, que é o mesmo que dizer na soma de excitação que lhes povoa os traços mnésicos das representações mentais e precisa de ser economizada, essas massas e essas crianças *perecerão por aquilo que amam*. Esse perecer de amor à pátria cercada e ameaçada pela hegemonia imperialista americana e europeia ocidental tem, em circunstâncias históricas diferentes, é certo, o mesmo simbolismo ético e autogénico que teve o canto dos combatentes argelinos, descrito com emoção pelo jornalista Henri Aleg ao ver irromper do sector prisional das mulheres na penitenciária de Argel o Adeus aos combatentes condenadas que subiam para o cadafalso.

«Do alto das nossas montanhas,
Levantou-se a voz dos homens livres
Clama a independência da Pátria,
Oh meu país, oh meu país!»

O que é este estado de espírito libertador, trágico e individualizado tem a ver com o espírito opressor, agressivo e procusteador do humano inoculado na Juventude Hitleriana? A educação no Iraque não é isto!

Fiz, nesta prosa, a tentativa de compreensão por dentro da afectividade trágica de Hayat Mahmud. Oxalá não haja guerra no Golfo. Percebam estes apontamentos como um grito de protesto e uma efusão lírica a favor das crianças e da cultura árabes ameaçadas pelo hegemonismo ocidental. O «Diário de Lisboa» é já um ótimo jornal e sê-lo-á, creio, ainda mais. Os problemas aqui levantados sobre o microcosmos da comunicação e a lógica do macrocosmos da geoestratégia levar-nos-ia muito mais longe, o que não é caso para agora. Aceitem estas notas como uma crítica diferente às raízes e implicações da maneira de amar das crianças do Iraque.

José Manuel de Vasconcelos Rodrigues,
leitor de Lisboa

COM CURSOS

Como devem calcular, os concursos, na tv, destinam-se a avaliar a competência dos que passaram aos concorrentes o seu diploma de curso. Um concorrente a quem, por suposição, se pergunte: «Que figura evoca a estátua erigida a meio da Praça do Marquês de Pombal?» e responda, muito bem: «O leão, rei da selva», demonstra logo como a educação física é a base do sistema de ensino português. Temos avançado bastante nesse domínio, graças aos bons professores, às reformas - uma das mais importantes foi a da Universidade, devida ao leão erigido na Rotunda, que, à falta de domadores lusíadas, teve de recrutar um pelotão de artistas de circo italianos -, e também, naturalmente, ao nosso veemente desejo de aprender. Por isso mesmo voltamos agora ao hábito liceal do «quadro de honra», para os alunos mais aplicados mostrarem na tv quanto aprendem nas escolas. É uma honra para o País ver a nossa tv, e nela o quilate elevadíssimo da instrução nacional.

Além de honrarem os estabelecimentos de ensino frequentados pelos concorrentes, os concorrentes e os apresentadores, os concursos são fonte ainda de

preciosos ensinamentos. Quem não agradece à tv a bondade de ensinar que Camões é um poeta, a batata um tubérculo comestível, e Roma a capital da Itália? Basta assistirmos de princípio a fim a um concurso, para ganharmos um curso. Por isso lamento que nesta nova grelha só haja um, o do Herman José. «O Herman José está mais comedido», comentam, engolindo batráquios, os seus acérrimos inimigos do passado. A propósito deste «comedido» (oxalá nenhuma gralha pie na palavra, as galhas são aves bestialmente traiçoeiras), gostava de ter um comentário: se há coisa que eu nunca diga

(excepto ao meu computador), é palavrões. Se há coisa que eu nunca conte, é anedotas urticantes. Faço o favor de me rir quando as oiço em vossa casa, por pura delicadeza. Raros as sabem contar, há é uns bons milhões de convêncidos.

Ora eu, que nunca me atreveria a contar anedotas cinegéticas, nada tenho a opor a que um bom profissional as conte, e desse modo cumpra a sua obrigação: a de interpretar as mais típicas tendências e aspirações do povo a que pertence. Os que se julgam engraçados, atiram palavrões a torto e a direito, contam histórias capazes de envergonhar o Herman José, é que armam em puristas, reprovando, censurando, torcendo o nariz, gemendo que agora (graças a Deus?) ele está mais comedido. Com franqueza, é preciso ser muito hipócrita ou padecer de muita dor de cotovelo!

Mas dizia eu que agora só há um concurso na RTP, o que é grave. Pior ainda do que não haver escolas, alunos nem professores. Uma tv que se preze deve dar cursos aos espectadores, e para isso são precisos

concursos. Muitos! Uma dúzia por dia, se possível. Há que elevar o nível intelectual dos portugueses. Sem concursos, como hão-de as pessoas aprender que D. Afonso Henriques foi o ministro de D. José responsável pelas reformas pombalinas? Só ficam a saber o que me ensinaram e nunca admitiriam que eu repetisse aqui, por ser piada de mau gosto: a diferença entre o Carlos Cruz e o Nicolau Breyner.



Maria Estela Guedes

INTERNACIONAL

Nobel da Física de 90 para dois norte-americanos e um canadiano

Dois cientistas norte-americanos e um canadiano foram hoje agraciados com o prémio Nobel da Física pelo seu trabalho na área da física de partículas. Os norte-americanos Jerome Friedman, de 60 anos, e Henry Kendall, de 63, são professores de física no Instituto de Tecnologia de Massachusetts.

A Real Academia de Ciências sueca justifica a atribuição do prémio pelas investigações produzidas pelos três cientistas na dispersão de electrões sobre prótons, que foram essenciais para desenvolver o modelo «Quark» da física de partículas.

A experiência, denominada «Slac-Mit», abriu caminho a investigações mais profundas sobre as estruturas mais internas da matéria.

O montante do prémio é de quatro milhões de coroas suecas (aproximadamente 98 mil contos).

A recusa da missão da ONU

Shamir apresenta as suas razões

O primeiro-ministro israelita Yitzhak Shamir explicou, através de uma carta dirigida ao presidente George Bush, a razão pela qual Israel se recusa a receber a missão de inquérito das Nações Unidas.

Na sua carta Shamir sublinha, nomeadamente, que o envio de uma missão da ONU encarregada de investigar sobre o massacre ocorrido no dia 8 de Outubro, em Jerusalém, que causou 21 mortos e 150 feridos palestinos, «seria um grave atentado à soberania de Israel sobre a sua capital».

Shamir acrescentou ainda que «Jerusalém não se encontra dentro dos territórios ocupados por Israel (desde Junho de 1967). Nós não podemos aceitar uma intervenção nos nossos assuntos internos».

O sector árabe de Jerusalém onde ocorreu o massacre foi ocupado por Israel em 1967 e anexado em 1980. A comunidade internacional não reconheceu, porém, esta última anexação. Shamir esforça-se, na sua carta, para empregar um tom «amigável» e apela aos Estados Unidos «para evitar tensões, multiplicando os seus contactos com Israel, com o objectivo de solidificar a cooperação entre os dois países».

O primeiro-ministro israelita sugere que o secretário-geral da ONU, Peres de Cuellar, espere pela publicação do relatório de uma comissão de inquérito independente sobre o massacre designada por Shamir. Em princípio, as conclusões dessa comissão serão tornadas públicas no fim desta semana.

Apesar da posição manifestada pelo Governo israelita, a ONU está decidida em enviar uma delegação a Jerusalém para investigar o massacre de palestinianos.

Peres de Cuellar disse que colocou algumas questões ao embaixador israelita junto da ONU, Jonathan Bein, referentes ao modo como a delegação será recebida e em que condições terá de trabalhar.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Numa situação normal tudo seria mais fácil. Mas, neste momento, no Iraque, essa normalidade não existe

Regresso de portugueses tratado a «alto nível»

O regresso dos 25 trabalhadores portugueses que laboram na construção do palácio presidencial de Bagdad está a ser «tratado a alto nível», disse o embaixador de Portugal no Iraque.

Mesquita de Brito referiu que a obra do palácio presidencial iraquiano «deverá terminar por estes dias. Há sempre alguns acabamentos a fazer que devem demorar umas horas», sublinhou o diplomático, acrescentado que o regresso dos trabalhadores nacionais está agora dependente dos vistos de saída.

«Na ordem natural das coisas, eles poderiam ir-se embora logo que a obra estivesse terminada, depois de obtida a licença de saída. Mas, presentemente, no Iraque não se vive essa ordem», explicou o embaixador, frisando que o seu visto de saída está a ser «tratado a alto nível, já que eles estavam a trabalhar no palácio presidencial».

Mesquita de Brito disse que, após o termo da obra, o cliente iraquiano que contratou a empresa belga, onde trabalham os cidadãos nacionais, tem de pedir às autoridades iraquianas uma carta de licenciamento, com a finalidade de obter um visto de saída.

Em termos normais, tal processo burocrático seria rápido, acrescentou. Mesquita de Brito disse que os restantes nacionais residentes no Iraque se encontram bem.

Prestes a deixar o Iraque estão igualmente os 14 reféns filandeses, retidos no país de Saddam. Uma delegação parlamentar filandesa conseguiu do ministro da Informação iraquiano a promessa de que a saída dos 14 reféns fosse rápida.

A delegação parlamentar e dos representantes da Associação de Amizade Árabe-Filândia chegou a Bagdad na passada semana e manifestou a sua intenção de ficar na capital iraquiana até à libertação dos reféns filandeses.



A deputada Cristina Almeida à chegada a Madrid com os 15 ex-reféns espanhóis

Deputada espanhola critica Nações Unidas

A deputada comunista espanhola Cristina Almeida, que liderou a visita a Bagdad de uma delegação não oficial que conseguiu obter a libertação de 15 compatriotas, criticou o bloqueio comercial imposto pelas Nações Unidas contra o Iraque e a concentração de forças estrangeiras no Golfo.

As suas declarações foram amplamente divulgadas pela imprensa iraquiana, naquilo que os meios diplomáticos dizem ser um exemplo da forma como Saddam Hussein pode utilizar a presença dos pacifistas no seu país para projectar uma imagem que ultrapassa o isolamento internacional.

Neste momento encontram-se na capital iraquiana cinco grupos pacifistas, alguns deles incluindo parlamen-

tares, provenientes da União Soviética, Alemanha, Itália, Filândia e Suécia.

«A ideia é reunir muitas pessoas para que aquelas aqui retidas possam partir. Se nos concentrarmos nesta cidade em número suficiente, há toda a hipótese de que o horror da guerra seja evitado», disse George Martin, porta-voz de um dos grupos.

Entretanto, os últimos 15 dos 163 cidadãos espanhóis que estavam retidos em Bagdad desde a invasão do Kuwait, regressaram ontem ao seu país.

O grupo de ex-reféns foi acompanhado pelos cinco membros da delegação espanhola de Direitos Humanos, liderada pela deputada Cristina Almeida, que obteve a sua libertação no sábado, após uma reunião com o presidente iraquiano.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 12.º JUÍZO

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que no próximo dia 19 de Novembro de 1990 pelas 10 horas, nos autos da Carta Precatória n.º 7 da 3.ª Secção deste 12.º Juízo Cível de Lisboa, extraída da Execução Sumária n.º 4549/85 da 2.ª Secção do 6.º Juízo Cível do Porto em que é Exequente Rocha & Machado e Executada MARIA TERESA CERQUEIRA DE SOUSA, residente na Rua da Anunciação, n.º 150-D em Odivelas, prosseguindo a mesma a requerimento do Ministério Público para pagamento das custas em divida, há-de ser posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor que adiante se indica, o seguinte imóvel penhorado àquela executada:

— Fracção autónoma corresponde ao 2.º andar, letra B do Lote 1 — prédio urbano — sito na Urbanização da Codivel, em Odivelas, registado a favor da executada na Conservatória do Registo Predial de Odivelas sob o n.º 0073/121084 «AP» e inscrito na matriz urbana da freguesia de Odivelas sob o art.º 7589 — o qual vai à praça pelo valor de 2 720 012\$00.

Lisboa, 10 de Outubro de 1990

O Juiz de Direito,

(assinatura ilegível)

O Escrivão-Adjunto,

(assinatura ilegível)

«DL» 1.ª Pub. — 17/10/90

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS

ANÚNCIO

Faz-se saber que neste Tribunal, nos autos de acção sumária n.º 45/89, da 1.ª secção do 2.º juízo, correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando a ré, Maria Rosário Nunes Pedro Santos, comerciante, com última residência conhecida na Urbanização da Arroja, Lote 20, 3.ª Frente, Odivelas, comarca de Lisboa, para, no prazo de dez dias, findos que sejam aqueles dos éditos, contestar querendo, a referida acção, que contra aquela ré move a autora Indústria de Calçado Orbe, Ld.ª, c/sede em Samil, S. Roque, desta comarca, pelos fundamentos constantes do duplicado da petição inicial que se encontra à sua disposição nesta Secretaria.

Oliveira de Azeméis, 11 de Outubro de 1990

O Juiz de Direito,

Rui Barreiros da Silva

A escrivã-adjunta,

Isabel Valente

DL 1.ª PUB 17/10/90

Adiado debate sobre as ajudas à UNITA

O debate sobre a concessão de ajudas militares à UNITA na Câmara dos Representantes norte-americana, previsto para ontem, foi adiado devido às discussões sobre o orçamento. O debate foi novamente agendado para hoje. O Governo angolano apesar de ter saudado a decisão da Câmara dos Representantes norte-americana de fazer a primeira votação aberta sobre a questão dirigiu fortes críticas ao secretário de Estado norte-americano, James Baker, lamentando a sua posição favorável a concessão da «mortífera» ajuda aos rebeldes. Luanda acusa nomeadamente Baker de estar a influenciar o debate público sobre a questão e de continuar a utilizar a «linguagem dos anos da Guerra Fria para afirmar a inopportunidade da suspensão das ajudas ao movimento de Jonas Savimbi, na actual situação». Eduardo dos Santos, que dirigiu uma carta à Câmara dos Representantes, afirmou não poder o Governo angolano terminar com a guerra «se não contar com a colaboração do Congresso norte-americano» para acabar com o fornecimento de armas aos guerrilheiros. Ainda segundo a carta, Luanda manifesta-se a favor do simultâneo cancelamento dos fornecimentos de armas aos dois lados, pelos soviéticos ao Governo angolano e pelos norte-americanos à UNITA. Entre outras das reformas invocadas por José Eduardo dos Santos na carta dirigida ao Congresso, o Presidente angolano incluiu também a realização de eleições partidárias, a adopção do sistema «um homem, um voto», adopção da economia de mercado, o incentivo ao investimento estrangeiro e revisão da constituição em Angola.

Estabilização do Líbano passa por Damasco

Está para breve a realização de uma cimeira sírio-libanesa para examinar em Damasco a remodelação do Governo libanês, a dissolução das milícias e prosseguimento da reunificação de Beirute e seus arredores, anunciaram fontes oficiais libanesas citadas pela agência noticiosa «France Presse». No entanto, não especificaram a data exacta da cimeira, afirmando apenas que ela se realizará «nos próximos dias» e que contará com a participação do Presidente libanês Elias Hraoui, o presidente do parlamento Hussein Husseini e o primeiro-ministro Salim Hoss. As conversações deverão igualmente versar sobre a avaliação da operação militar sírio-libanesa que levou à rendição, no passado sábado, do General Michel Aoun, actualmente refugiado na embaixada francesa em Beirute. Numa entrevista publicada hoje no jornal diário pró-governamental sírio «Techrine» o Elias Hraoui considerou necessária a formação de um novo Governo para que seja aplicado o acordo de Taef sobre o Líbano concluído em Outubro de 1989 sob a égide da Liga Árabe. Entretanto tropas sírias e libanesas continuam a destruição da linha de demarcação de 12 Km que há quinze anos divide Beirute nas zonas cristã e muçulmana. O exército abriu já dois eixos rodoviários. Ontem a estrada internacional que liga Beirute a Damasco e uma outra a Leste da capital libanesa, que demarcava a frente de Souk al-Gharb, foram totalmente reabertas à circulação.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

INTERNACIONAL

Boris Ieltsin mostra-se céptico em relação ao plano de transição para a economia de mercado apresentado por Gorbachev ao Soviete Supremo da URSS

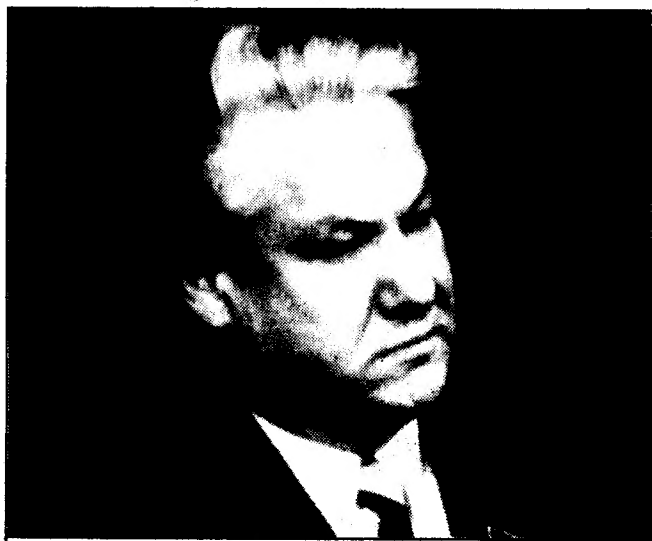
Wall Street anuncia investimento de mil milhões de dólares na URSS

Enquanto os deputados do Soviete Supremo (Parlamento) tomavam conhecimento do projecto de transição para a economia de mercado, que ontem lhes foi apresentado por Mikhail Gorbachev, uma grande firma de Wall Street anunciou a criação de um fundo de investimento destinado a empresas que estão a ser privatizadas na União Soviética.

Esse fundo, que poderá ascender a mil milhões de dólares, foi criado pela sociedade de investimentos Batterymarch Financial Management. Trata-se do primeiro investimento deste tipo, que prevê a aplicação, numa primeira fase que vai até Janeiro próximo, de 20 milhões de dólares, segundo revelou em Nova Iorque Dean Le Baron, dos responsáveis da sociedade norte-americana.

Segundo a agência soviética não-oficial «Interfax», o projecto do líder soviético resulta de esforços empreendidos nas últimas três semanas no sentido de resolver o contencioso, gerado em torno de questões como a remodelação do sistema económico actual, que «não consegue satisfazer as necessidades alimentares de 285 milhões de pessoas».

Analistas soviéticos consideram que «a vida das pessoas está cada vez mais difícil, as pessoas estão menos interessadas no trabalho, aumentando os receios de que a situação venha a piorar no futuro». Em Setembro o Soviete Supremo decidiu dotar o Presidente soviético de



Boris Ieltsin não acredita no êxito do plano de Gorbachev

«poderes especiais» para introduzir as reformas económicas no país, as quais deverão estar concluídas até 31 de Março de 1992, dados os deputados soviéticos não terem conseguido chegar a acordo sobre os programas alternativos, um denominado «Plano Chataline» e outro do Governo da URSS.

As quatro etapas do projecto

O programa prevê quatro etapas para a passagem à economia de mercado. Na primeira prevê-se a introdução de textos legislativos, «indispensáveis» à reforma económica, bem como um conjunto de «medidas de estabilização», nomeadamente a redução do défice orçamental, aumento das taxas de juro referentes à poupança, a «desestatização»

e a privatização da propriedade, bem como a reforma financeira.

A segunda etapa visa a aplicação «de forma consequente e progressiva» dos preços de mercado, relativamente a um «largo conjunto» de bens de consumo e produtos destinados à produção.

As medidas preconizadas para esta segunda fase poderão evitar uma subida «em flecha» dos preços, contribuindo dessa forma, para um abrandamento da taxa de inflação na União Soviética, segundo o projecto do Presidente soviético.

A terceira etapa tem como objectivo a «estabilidade do mercado, relativamente aos bens de consumo e aos meios de produção, através do desenvolvimento das relações de mercado.

A quarta e última fase propõe-se reforçar as tendências de estabilização da economia e das finanças, bem como o «melhoramento» do mercado de consumo, possível através da criação de uma «atmosfera de concorrência de mercado».

A aplicação destas reformas económicas durará entre um ano e meio a dois anos, avaliação feita a partir dos «programas de estabilização» introduzidos nos outros países, bem como as características específicas da União Soviética, segundo o plano de Gorbachev.

Rússia decidida a caminhar sozinha

Entretanto o presidente da Rússia, a maior república da união, pronunciou-se sobre este novo projecto de Mikhail Gorbachev, revelando cepticismo quanto ao êxito da aprovação do plano pelo Soviete Supremo.

«Caso o plano dos 500 dias não seja aprovado, a Rússia terá de ir em frente sozinha, adoptando a reforma de Chataline, a partir de 1 de Novembro», acrescentou Boris Ieltsin.

Por outro lado, o presidente da Rússia admitiu a possibilidade de um «confronto» com as autoridades centrais, prevendo a eventual formação de uma nova coligação governamental, que incluiria ministros da confiança do Presidente Gorbachev e de outras áreas «mais reformistas».

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Mudanças na Jugoslávia são inevitáveis

A Jugoslávia não pode sobreviver na sua actual formas, mas deverão ser as repúblicas a decidir o seu futuro, sem qualquer interferência externa, declarou, em Viena, o ministro italiano dos Negócios Estrangeiros. Gianni de Michelis, referindo-se aos perigos da violência étnica entre as repúblicas jugoslavas, afirmou que as mudanças devem realizar-se através de processos democráticos e no respeito pelas actuais fronteiras. Estas declarações foram proferidas no final de um encontro com políticos e empresários sobre as formas de fortalecer a cooperação entre os países do chamado grupo «Pentagole» - Áustria, Itália, Checoslováquia e Hungria.

Conservadores acusam De Klerk de traição

O Partido Conservador sul-africano encerrou o seu congresso anual regional do Natal com reiteradas acusações de traição aos interesses da população minoritária branca, ao Governo do Presidente De Klerk. Numa clara referência ao programa de reformas políticas empreendido por De Klerk, o presidente do Partido Conservador, Andries Treurnicht, disse que dificilmente se poderá encontrar no mundo um país onde o seu próprio Governo tenha cometido tanta traição, e que «o pior de tudo é que não se tenha chegado ao fim».

Greve de camionistas em Espanha

A greve dos camionistas espanhóis continua com o bloqueio ao tráfego na fronteira com a França, apesar da decisão do Governo de aumentar 4,5 por cento as tarifas, uma das reivindicações dos grevistas. Os camionistas, na sua maioria independentes ou pertencentes a pequenas empresas, exigem o aumento das tarifas de transporte para compensar os prejuízos provocados pela subida dos preços do combustível, devido à crise no golfo Pérsico. Mas apesar da autorização do Governo de subir as tarifas, os camionistas mantiveram a greve, que causou falta de produtos de primeira necessidade em algumas zonas do país.

Carlos Graça é o novo líder do MLSTP

Carlos Alberto da Graça, que foi eleito secretário-geral do Movimento de Libertação de S. Tomé e Príncipe (MLSTP), no decorrer do III Congresso do partido no poder em S. Tomé, obteve 68,2 por cento dos votos. Segundo os resultados da votação, o novo dirigente do MLSTP derrotou o seu adversário, José Fret, por 1.188 votos contra 413.

CARTA DO GOVERNO

A difícil conciliação do mercado na URSS

O novo programa de transição para a economia de mercado, distribuído no início da semana aos deputados do parlamento soviético, agora em debate nas comissões, deverá ser apresentado ao plenário do Soviete Supremo nos próximos dias 19 e 20.

O programa, de iniciativa presidencial, pretende ser uma síntese dos dois documentos anteriormente incompatibilizados num ambiente de indefinição e confusões políticas. O projecto de Rijkov, chefe do executivo da União Soviética, mais «moderado» ou, para alguns, «conservador», e o do académico Chatalin, de cariz «radical», ou, para parte dos seus adversários «capitalista».

O adiamento da subida a plenário do novo programa de síntese, anteriormente prevista para dia 15, poderá significar dificuldades na superação das divergências de fundo entre os partidários dos anteriores projectos.

Se é certo que este novo programa resultou de um aprofundamento do trabalho de conjugação das propostas de vários quadrantes políticos e sociais, tendo contado com uma mais ampla participação política e institucional, o que lhe poderá conferir uma maior base social de apoio à partida, não está, contudo, isento de limitações.

O pano de fundo que presidiu à sua elaboração, a polarização das posições em torno dos dois projectos anteriores, não deixará de

se reflectir no plenário do parlamento aquando da sua discussão.

O Soviete Supremo é composto por uma diversidade de posições, que repersentam diferentes opções políticas, interesses específicos de cada república agora soberanas e de organizações sociais diversas. Neste contexto, forças há cuja posição está de antemão definida a favor de um ou outro programa, que irá servir de referência aos seus representantes no debate do próximo fim-de-semana.

É o caso da Rússia, cujo programa «500 Dias», já adoptado pelo parlamento local, é composto por seis leis federais, a par de 15 da república. Como este programa foi coordenado com o de Chatalin, só a aprovação de um que lhe seja próximo pelo Soviete Supremo soviético poderá garantir a aprovação das 6 leis federais necessárias ao programa russo.

Caso contrário, os representantes da maior das repúblicas soviéticas irão defender em plenário um programa que não estará presente, o de Chatalin, e o mesmo poderá acontecer com os deputados de outras repúblicas que já estabeleceram acordos económicos com a Federação Russa numa base de soberania.

Aliás, as próprias declarações de soberania das repúblicas só tem sentido se estas con-

seguirem estabelecer o domínio económico sobre as respectivas economias, o que, no programa do primeiro-ministro da URSS, Nikolai Rijkov, não era permitido.

Uma das divergências de fundo entre os dois programas, a par da extensão das privatizações, da política de preços e da política orçamental, era exactamente o grau de autonomia económica concedida às repúblicas, muito reduzida no programa de Rijkov, em nítida contradição com as aspirações de soberania.

Com a aprovação da reforma do sistema bancário, na passada semana, de acordo com a qual o Banco Central é desgobernamentalizado, ficando com funções exclusivamente de controlo da política monetária e de juros, e as suas delegações nas repúblicas adquirirem autonomia, e com a criação de um sistema bancário comercial, o parlamento deu um golpe no programa de Rijkov, gerando uma nova realidade que não deixará de ser contemplada pelo projecto de «conciliação».

Outras forças sociais e políticas, ainda que sem representação parlamentar formal, parecem, entretanto, ter compreendido que a sua afirmação política não se compadece com uma atitude unicamente crítica relativamente às estruturas e políticas anteriores, mas passa, fundamentalmente, pela apresentação de

projectos próprios de edificação de uma nova sociedade.

Assim, também estes sectores, começaram a tomar posição e participar na definição dos projectos de reformas, introduzindo alguma clarificação política no processo soviético, o que certamente se irá reflectir nos debates parlamentares.

O programa de «conciliação» de Gorbachev, a debater no próximo fim-de-semana, encontrará, assim, através do processo de «saneamento político» ocorrido desde apresentação dos projectos de reforma em Setembro, uma situação clarificada.

Mas, inevitavelmente, com o projecto de «conciliação», continuarão a ser debatidos, em fundo, como referências, os programas originalmente apresentados em Setembro: Rijkov e Chatalin.

Resta saber se os «contendores» iniciais, nomeadamente Rijkov, voltarão às suas posições anteriores ou, agora, aceitarão o novo programa. No caso do Governo, o seu espaço de manobra estreitou-se pelo que a rejeição, uma vez mais, da proposta presidencial, poderá implicar o fim do apoio político, ainda que crítico, dispensado por Gorbachev e, consequentemente, a demissão.

Guennadi Petrov

ECONOMIA

Patentes europeias escolhem Xerox

A Rank Xerox ganhou o concurso lançado pelo Serviço Europeu de Patentes para triagem, codificação, produção e impressão de pedidos de registo de patentes europeias e documentos relativos à concessão de patentes.

Prevê-se que o trabalho implique o manuseamento de 47 mil pedidos de registo e 29 mil publicações sobre patentes, o que representará mais de 80 milhões de impressões por ano.

O contrato entra em vigor em Janeiro de 1991 e implica a concepção, instalação e gestão do que é considerado como o sistema electrónico de gestão de documentos mais completo de sempre.

O trabalho será realizado num centro de impressão e produção de grandes volumes, especialmente concebido para aplicações de acordo com as necessidades do cliente, estando localizado nos serviços da Rank Xerox em Mitcheldean (Grã-Bretanha), onde inicialmente serão utilizadas mais de uma centena de pessoas. Paralelamente, será criado um centro de produção nos serviços daquela empresa em Welwyn Garden City, com cerca de 25 pessoas.

Multibanco movimentou 271 milhões de contos

Atingiu 271 milhões de contos nos primeiros nove meses deste ano os levantamentos nas caixas automáticas da Multibanco, verba esta que representa mais 63 por cento do que o registado (166 milhões) em igual período de 1989.

De Janeiro a Setembro de 1990 registaram-se 27 milhões de operações de levantamento, num total de 35 milhões de operações diversas. O total de cartões em circulação ascendia a mais de dois milhões, quando em Setembro de 89 eram cerca de 1,5 milhões.

Também o número de caixas automáticas em funcionamento aumentou de 442 em Setembro de 1989 para 703 no mesmo mês deste ano. Por outro lado, estavam em funcionamento no mês passado 1763 terminais de pagamento automático, nos quais foram efectuadas 4,3 milhões de operações de compra, com um valor superior a 29,5 milhões de contos.

Enquanto CEE informa haver o risco de perda de 110 milhões de contos de subsídios, Mira Amaral afirma não aceitar uma política que elimine os sectores de produção

Burocracia entrava apoio comunitário

Ao mesmo tempo que, em Luxemburgo, o ministro Mira Amaral recusava uma política industrial que elimine sectores de produção, era anunciado que Portugal corre o risco de perder empréstimos de 110 milhões de contos concedidos pela Comissão da CEE, devido a problemas burocráticos do Estado português.

Conforme afirmado, os empréstimos serão perdidos no final do ano se o Governo não responder favoravelmente aos requisitos da Comissão. São empréstimos da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA), de apoio à reestruturação e reconversão de empresas nos sectores da indústria e dos serviços, à construção de habitações sociais e à bonificação de juros de projectos de pequenas e médias empresas industriais financiados pela banca.

Quanto ao ministro da Indústria e Energia, afirmou não aceitar uma política industrial comunitária que elimine sectores de produção, por considerar que não há indústrias obsoletas, mas empresas que não conseguem desenvolver estratégias de modernização.



Mira Amaral defende sectores de produção e venda de reservas de petróleo

Mira Amaral acrescentou que considera que a CEE deve definir uma política industrial que seja um complemento e não uma alternativa à política de mercado, o que implicaria apoios quer aos sectores europeus de estratégia ofensiva, quer aos tradicionais, como os têxteis e o calçado.

Também de Luxemburgo vem a informação de que a maioria dos Estados-membros da CEE apoiou a independência da Comissão Europeia na análise das ajudas de Estado concedidas à

indústria, considerando que o tratado é claro, ao atribuir o papel de árbitro à instituição. Contudo Itália, França, Grécia e Espanha insistem na necessidade de conhecer os critérios de concessão.

A posição portuguesa foi defendida por Mira Amaral, que disse que a definição de eventuais critérios poderá levar Estados mais fortes, com maior poder financeiro, a prejudicarem países menos desenvolvidos como Portugal, mediante uma concorrência desleal determinada

pela concessão de ajudas.

Vender reservas

Por questões cárias, o ministro Mira Amaral esteve em foco em Luxemburgo. Na sua óptica, um instrumento de descida dos preços do petróleo, no mercado mundial, poderá passar pela venda de reservas estratégicas, desde que integrada numa estratégia comunitária.

Esta é «uma hipótese plausível que pode ser pertinente», segundo Mira Amaral, para quem a venda de reservas estratégicas preconizada pelo presidente norte-americano, a verificar-se em Portugal, teria de ser inserida na operação concertada da Comunidade.

«Portugal não tem capacidade, só por si, de acalmar o mercado, porque o seu consumo não é significativo» e «não pode ter a veleidade de alterar preços», acrescentou.

Entretanto foi noticiado que a Comissão Europeia vai lançar esta semana, em Portugal, um empréstimo obrigacionista de cinco milhões de contos destinado à Siderurgia Nacional, o que constitui a primeira operação deste tipo no mercado português de obrigações.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	44850	50850
ALEMANHA (marco)	87960	88390
ÁUSTRIA (schilling)	12345	12365
BÉLGICA (franco)	49064	49314
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar - notas de 1 e 2)	115905	117355
(notas de 5 a 1000)	115355	118305
DINAMARCA (coroa)	22895	23835
ESPAÑHA (peseta)	13362	14482
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	133815	134965
(notas de 5 a 1000)	133865	137815
FINLÂNDIA (marca)	37900	37960
FRANÇA (franco)	26815	26985
HOLANDA (florim)	77875	78385
IRLÂNDIA (libra)	236810	240810
ITÁLIA (lira)	\$106	\$121
JAPÃO (iense)	19000	19055
NORUEGA (coroa)	22960	23810
REINO UNIDO (libra)	261850	266900
SUÉCIA (coroa)	23865	24815
SUIÇA (franco)	103985	105935
VENEZUELA (bolívar)	25389	38189

OBSERVAÇÕES:

- 1 - No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Os empresários portugueses querem portos privados

O meio empresarial «exige do Governo a tomada de posição urgente que leve à privatização dos portos do Minho ao Algarve», afirmou Rocha de Matos, presidente da Associação Industrial Portuguesa, no encerramento de um colóquio organizado pelo Conselho Português de Carregadores.

Rocha de Matos, que falava na presença do secretário de Estado das Obras Públicas, criticou «o vasto e longo processo burocrático e o elevado preço das operações portuárias».

Por outro lado, alertou para os custos da ineficiência provocados por aquela situação e para a sua repercussão nos preços, seja dos bens importados seja dos exportados, o que implica uma perda de competitividade das empresas portuguesas.

O presidente da AIP considerou necessário, para além da privatização dos portos, «a liberalização e organização

em moldes técnico-económicos de todas as operações portuárias, movimentação de cargas e serviços correlacionados».

Igualmente necessário, segundo Rocha de Matos, a definição da autoridade reguladora ao nível político-administrativo relativamente

aos portos e actividade portuária em geral, bem como das respectivas competências, direitos e obrigações.

Finalmente, reclamou o estabelecimento de mecanismos de participação das estruturas empresariais, sindicais e de defesa dos interesses regionais na definição da

política de desenvolvimento e de gestão dos portos.

«Estamos no momento próprio para que sejam desencadeadas as mudanças que se impõem», afirmou Rocha de Matos, que reivindicou para a associação a que preside «um papel actuante neste processo».



Rocha de Matos (à direita): é urgente privatizar portos

ECONOMIA

A crise do Golfo condiciona a fiabilidade das receitas e das despesas, mas o ministro das Finanças diz-se disposto a diminuir o défice público com a economia a crescer e a inflação a baixar

Beleza garante que OGE é de progresso social

«O Orçamento do Estado para o ano de 1991 é a opção da convergência, um orçamento do rigor e do progresso económico e social», disse ontem, em Lisboa, em conferência de imprensa, o ministro das Finanças, Miguel Beleza, lembrando palavras pronunciadas há dias por Cavaco e Silva.

Sublinhou, porém, que não se trata de um orçamento cozinhado para poucos meses com vista às eleições: «É o orçamento viável».

O rendimento disponível das famílias portuguesas «vai aumentar» e os impostos directos e indirectos «vão diminuir», assegurou o ministro.

Beleza disse que toda a estratégia do orçamento foi delineada em função da conjuntura internacional, nomeadamente a questão do Golfo. «É o programa Quantum somado com o Golfo», afirmou o ministro.

Segundo Miguel Beleza, o O.E. para 1991 «é inteiramente consistente com a manutenção do esforço orçamental e com a orientação a médio prazo consubstanciada no Quantum, Quadro Nacional para a Transição para a União Económica e Monetária».

Miguel Beleza disse que o seu ministério «fez um esforço de rigor» para conter as despesas públicas do próximo ano com vista ao equilíbrio da dívida, mas sem com isso diminuir os investimentos em áreas sociais como a saúde, a educação e as infraestruturas físicas do país.

Salientou também que este



Miguel Beleza: «O Orçamento viável»

«orçamento de conciliação» implica a entrada inadiável de Portugal para a União Económica e Monetária, a redução da carga fiscal e a modernização do país, através da «absorção de fundos comunitários e reforços de meios nas áreas sociais».

Beleza assegurou, por outro lado, que durante o corrente ano «não vai ser apresentado» nenhum orçamento extra para as despesas globais do Estado. Para o ministro das Finanças, a inflação prevista para o próximo ano é de 11 por cento e justificou esse valor com a consistência das «políticas monetárias e cambiais que vão ser adoptadas, ou seja políticas rigorosas com vista à desinflação».

Registe-se que, neste momento, a inflação se situa nos 12,8 por cento e prevê-se que até ao fim do ano, confirmou Miguel Beleza, atinja os 13 por cento.

No caso da composição da dívida externa e pública, o ministro apontou para «a redução do papel do Banco de Portugal na detenção da dívida». Acrescentou que esta «não goza de privilégios especiais», o que originará «um progresso para o mercado de capitais».

Na dívida externa, referiu ainda que vai haver amortizações da dívida pública e menos investimentos para o estrangeiro, sendo a tributação nestes casos de carácter simbólico, cerca de 10 por

cento.

Sobre o peso da dívida pública, Beleza afirmou que se está «num caminho saudável» e que o resultado não tem apenas que ver com as privatizações, as quais vão representar, no ano de 1991, receitas no valor de 250 milhões de contos.

O rácio da dívida pública sobre o Produto Interno Bruto previsto para o próximo ano é de 63,8 por cento, segundo as contas de Beleza. Quanto aos investimentos do Estado, haverá um aumento de 20,4 por cento, mas vai ser introduzida «uma cláusula de estabilização» devido à conjuntura internacional, a qual prevê «um congelamento na ordem dos 10 por cento».

Segurança Social com saldo negativo

As despesas aumentam 113,6 milhões de contos relativamente a 1990

O orçamento para a Segurança Social ascende a 987,9 milhões de contos, mais 113,6 milhões do que em 1990, gerando um saldo negativo estimado em 20,6 milhões.

Os principais aspectos das despesas relacionam-se com um aumento considerável (29 por cento) das verbas destinadas ao pagamento das pensões de reforma, o que é levado à conta da introdução, no decorrer deste ano, do pagamento do 14º mês aos reformados.

Também são de destacar os aumentos das despesas com as pensões de sobrevivência (33,6 por cento), subsídios de desemprego e apoios ao emprego (28,2 por cento) e pensões de invalidez (19,8 por cento).

Por outro lado, está prevista a transferência de 43,05 milhões de contos para o Instituto do Emprego e Formação Profissional, bem como a participação portuguesa nas despesas comparticipadas pelo Fundo Social Europeu (30 milhões de contos).

Por rubricas, a terceira idade é a que leva a maior fatia do orçamento (414,2 milhões de contos), seguida da invalidez e reabilitação (163,6 milhões), família e comunidade (99 milhões), população activa (91,4 milhões) e infância e juventude (82,1 milhões).

Orçamento privilegia função social

Educação e Saúde têm as maiores fatias

As despesas previstas para 1991 (não incluindo contas de ordem) ascendem a 3.812,5 mil milhões de contos, ou seja, um aumento de 12,8 por cento relativamente a 1990 (mais 433,5 milhões).

No que respeita à distribuição de verbas por funções (excluindo a amortização da dívida pública, as transferências para o FRDP e as verbas inscritas na dotação provisional), verifica-se que 35,2 por cento do orçamento se destina à função social do Estado e, nesta, a Educação tem a maior fatia, com 485,1 milhões de contos, seguida da Saúde (412,8 milhões), Segurança Social (145,3 milhões) e Habitação e outros serviços colectivos e sociais (80,8 milhões).

Para as funções de soberania são reservados 210,7 milhões de contos para a Defesa e Segurança e 647,3 milhões para Serviços Gerais da Administração, o que, no total, dá uma fatia de 26,9 por cento do orçamento.

Forte aumento das receitas dos impostos

Os portugueses vão pagar em 1991, ao Estado, 2 bilhões, 264 milhões e 780 mil contos (mais 19,4 por cento do que em 1990). Esta é a previsão do Governo do somatório dos impostos directos (890 milhões e 950 mil contos - mais 26,3 por cento do que em 1990), indirectos (um bilião 350 milhões e 450 mil contos) e de outros impostos e taxas (23 milhões e 380 mil contos - mais 15,3 por cento do que em 1990).

Nos impostos directos pontifica o famigerado IRS (imposto sobre o rendimento das pessoas singulares), cujas receitas deverão ascender a 550 milhões de contos.

Como não podia deixar de ser, neste imposto é o trabalho dependente que mais esportula (mais de 275 milhões de contos), embora o Governo garanta que há um desagravamento. Os rendimentos do trabalho por conta própria deverão contribuir com 16,6 milhões de contos e os rendimentos das pensões com 1,6 milhões.

Ainda em sede do IRS os rendimentos comerciais e industriais deverão contribuir com 36,8 milhões de contos, os rendimentos agrícolas com 1,4 milhões, os rendimentos prediais com 4,7 milhões, os rendimentos de capitais 193,3, os de mais-valias 3,7 milhões e

até os rendimentos do jogo, contribuem com 14 milhões de contos.

Ainda nos impostos directos temos o IRC (imposto sobre o rendimento das pessoas colectivas) que deverá render ao Estado qualquer coisa como 281 milhões de contos (mais 28 por cento do que em 1990), se, entretanto as empresas não se decidirem a aproveitar do facto de a regulamentação dos técnicos de contas não ter sido aprovada, o que muito facilita as «troças e baldrocas» a que muitas chamam contabilidade.

Continuando nos impostos directos, há ainda o que incide sobre as sucessões e doações, que deverá ascender a 22 milhões de contos. Dos abolidos também vêm receitas: da Contribuição Industrial, 30 milhões de contos e do Imposto Complementar, seis milhões.

Impostos indirectos

Mas o cidadão que se precavenha, pois que os impostos indirectos, com os quais os Governos costumam iludir os mais incautos, ascendem, em 1991, como atrás se referiu, a um bilião 350 milhões e 450 mil contos (mais 15,3 por cento do que em 1990).

É sempre a pagar. Logo em tudo em que é importado, onde os direitos deverão ascen-

der a 23 milhões de contos (deverão ser 21 milhões no corrente ano).

Depois vem o imposto sobre os produtos petrolíferos, o qual, embora seja difícil acomodar a previsão de receitas às incertezas do mercado, determinadas pela crise do Golfo, estima-se que ronde os 297 milhões de contos. E o IVA (Imposto sobre o Valor Acrescentado), que incide sobre todos os produtos, bens e serviços que o cidadão adquire, deverá ascender a 608 milhões de contos (mais 21,6 por cento do que o orçamentado para 1990).

No imposto automóvel as dúvidas do Governo também são grandes. Porque há a crise do Golfo e porque tem de rever as taxas sobre a cilindrada para sanar o contencioso que o Estado português tem com Bruxelas. Mas com um já anunciado alargamento da base de incidência deste imposto, o Governo vai estimando um aumento das receitas na ordem dos 10 por cento, prevendo que ascendam a 62 milhões de contos.

Quem fuma paga. Cada vez mais que é para ver se se fuma menos aumentando os rendimentos do Estado. É assim que os cidadãos fumantes vão pagar 90 milhões de contos de imposto sobre o consumo do tabaco, um «instrumento activo de orientação» para

refrear o consumo.

Mas quem bebe também paga. Para isso foi criado o imposto sobre o consumo de bebidas alcoólicas, cuja taxa vai ser aumentada para o dobro para seguir a tendência da CEE em tudo o que penaliza o cidadão português. Este imposto deverá render 11 milhões de contos, mais 100 por cento do que em 1990.

E se pensa que por ser bebedor de cerveja consegue fugir à sina de contribuir, desiluda-se. São 15 milhões de contos que colocarão nos cofres do Estado todos os que gostam da «loirinha». Mais quatro milhões do que em 1990, porque são cada vez mais os que tentam dar de beber à sede recorrendo à cerveja.

Mas nos impostos indirectos ainda não estamos falados, pois que só de imposto de selo o Governo pensa arrecadar 180 milhões de contos (mais 15 por cento do que em 1990). E como mais vale sê-lo do que parecê-lo, os cidadãos portugueses vão ainda alimentar a burocracia do Estado comprando por sua livre e espontânea vontade 15 milhões de contos de estampilhas fiscais (mais 20 por cento do que em 1990). O que farão com elas todos sabem, o que gostariam de fazer não dizem por pudor.

V. L.

QUOTIDIANO

Lisboa vai ser a sede do combate à poluição marítima da zona sul das águas comunitárias. Com que meios ainda não se sabe muito bem, mas o protocolo já está assinado. Ambientalistas fazem, entretanto, algumas advertências.

Lisboa posto de vigia das marés negras

Portugal, Espanha, França e Marrocos assinaram, esta manhã, no Forte de S. Julião da Barra, sob os auspícios da CEE, o chamado «Acordo de Lisboa», um protocolo de cooperação para a protecção das águas marítimas contra a poluição provocada por hidrocarbonetos e outras substâncias perigosas nas costas dos países signatários.

Portugal assume um papel central neste esquema de combate por ficar a ser a sede do Centro Internacional de Intervenção Imediata e de um conjunto de meios de acção em casos de acidentes.

A aceleração de estes meios de combate à poluição marítima teve como causa próxima alguns dos desastres ecológicos provocados por acidentes com petroleiros, que originaram as marés negras da costa alentejana e de Porto Santo e a necessidade de montar uma rede de fiscalização e prevenção, ao longo da costa portuguesa, por onde transita a maior densidade de tráfego de petroleiros que se dirigem do Médio Oriente para o norte da Europa, cerca de 400 em trânsito permanente pelas nossas águas territoriais.

Portugal, com uma zona marítima extensa, cerca de dezoito vezes maior que o seu próprio território terrestre, tinha grandes dificuldades de exercer uma acção de fiscalização eficiente e, por isso, pediu a colaboração internacional. Após rápidas



Aumentar a fiscalização para evitar estes desastres ecológicos

negociações chegou-se a uma plano, que se consubstancia agora no Acordo de Lisboa.

O Centro Internacional de Intervenção Imediata, que se prevê venha a ficar instalado em Pedrouços, terá como funções colaborar com os centros nacionais e coordenar as acções dos países atlânticos ao nível da assistência em caso de acidentes;

apoiar países em vias de desenvolvimento, nomeadamente os de língua oficial portuguesa; elaborar sistemas de transferência de informação sobre tráfego marítimo em caso de emergência e também preparar uma lista negra de barcos de alto risco e «cadastrados».

O acordo prevê também que Lisboa seja sede de um conjunto de e-

quipamentos de combate à poluição, nomeadamente, a resultante de marés negras, disponíveis para acidentes na costa portuguesa e nas dos outros países contratantes.

Um porta-voz do ministério do Ambiente não foi capaz de nos esclarecer quais os meios concretos de combate e de fiscalização que vão ser postos à disposição desta

estrutura. Em termos de fiscalização, os meios terão de ser vastos, para combater os abusos cometidos por navios que procedem ao largo a descargas de lastro e de águas de lavagem de tanques.

GEOTA faz prevenções

No momento em que se assina o Acordo de Lisboa, uma associação ambientalista, o Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e Ambiente (GEOTA) enviou ao ministro do Ambiente um documento em que faz algumas prevenções.

O GEOTA adverte que uma acção preventiva exige o conhecimento exaustivo dos recursos marinhos e costeiros nacionais; dos trajectos e cargas transportadas pelos navios cargueiros que atravessam a zona marítima portuguesa; a definição de zonas vulneráveis, segundo critérios ecológicos e económicos, e de zonas de risco.

Quanto aos planos de combate a acidentes, o GEOTA diz que eles terão de ter três objectivos: a protecção de zonas sensíveis; a limpeza e restauro dos locais poluídos; e o armazenamento e eliminação dos resíduos recolhidos.

Para a intensificação da vigilância e fiscalização da zona marítima, aquela associação considera necessário envolver os meios da Marinha e da Força Aérea.

A. C.

Universidade da Madeira com verbas condicionadas

A estratégia traçada para a Universidade da Madeira está condicionada pela ausência quase total de estruturas condignas para o ensino superior, afirmou, no Funchal, Raul Sardinha, membro da comissão instaladora daquele estabelecimento, sublinhando que «são necessários padrões que garantam aos licenciados pela Madeira igualdade de acesso de pleno direito ao mercado de emprego nacional e europeu». A comissão instaladora de Universidade da Madeira tem intervenção junto do Ministério da Educação no sentido daquela instituição ser considerada parceira de pleno direito no acesso às verbas comunitárias e ao próprio PIDDAC, fundos destinados às universidades portuguesas das quais Madeira e Açores estão excluídas.

Técnica revolucionária de contracepção masculina

Uma técnica revolucionária de contracepção masculina foi aperfeiçoada por médicos da Organização Mundial de Saúde (OMS) refere o jornal britânico «Observer», adiantando que se trata de uma vasectomia reversível. Ao contrário do anterior método de vasectomia, que implicava uma intervenção cirúrgica e tornava a esterilidade definitiva, a nova técnica permite que o homem volte a ter filhos, se o desejar. Experiências entretanto efectuadas na China revelam que a operação pode ser considerada de êxito.

Andaluzia promove turismo no Algarve

O Algarve e a Andaluzia podem constituir-se como ofertas complementares a nível de turismo bastando para tal encontrar formas de entendimento e cooperação, afirmou, em conferência de Imprensa, Javier Baselga, director de Turismo da Junta da Andaluzia. O director turístico da Costa da Luz reuniu-se em Vilamoura com industriais hoteleiros e agentes de viagens algarvios a fim de promover a oferta turística das províncias espanholas de Huelva e Cádiz no nosso país.

Transportes: CGTP entrega reivindicações ao ministro

Os sindicatos representativos dos sectores dos transportes, afectos à CGTP, vão entregar ao ministro da tutela uma plataforma reivindicativa comum.

Para as federações sindicais dos transportes rodoviários, ferroviários, marítimos e aéreos (Sitava) esta plataforma representa «a tomada de consciência de que é preciso acabar com o diálogo de surdos» que tem pautado as negociações entre sindicatos e Governo.

Amável Alves, dos Transportes Rodoviários, afirmou, segundo a agência Lusa, que o documento traduz as «três grandes preocupações dos trabalhadores dos transportes: a negociação colectiva no sector para 91, a segurança e as privatizações».

Quanto às negociações salariais, os dirigentes sindicais exigem «desde já um aumento salarial de 20 por cento e a redução do horário normal de trabalho para as 40 horas semanais

e da idade de reforma».

Os sindicatos reivindicam ainda a sua participação no Conselho Superior de Transportes, de forma a serem «informados e ouvidos sobre a política de transportes», nomeadamente nos processos de privatização em curso. Consideram que as privatizações dos transportes têm efeitos negativos não só para os trabalhadores, como também para os utentes. «Se a Rodoviária Nacional for privatizada, decerto que, por falta de rentabilidade, serão suprimidas carreiras em algumas localidades, com prejuízo para os utentes», explicou Amável Alves.

Finalmente, os sindicatos consideram que «face aos acidentes que têm vindo a ocorrer», a segurança nos transportes não se «compadece com abusos de emprego precário», sendo necessário um grande debate com a participação das estruturas representativas dos trabalhadores.

Loulé vai ter provedor municipal

A Câmara de Loulé decidiu criar um lugar de provedor municipal, órgão a quem competirá defender e promover os direitos dos munícipes em inteira independência relativamente a outros órgãos autárquicos.

Para que o cargo de provedor se torne efectivo falta apenas a aprovação da assembleia municipal que terá de se pronunciar por dois terços dos votos dos seus membros.

Ensino superior: aulas a conta gotas

A maioria dos estabelecimentos de ensino superior público de Lisboa não iniciou as suas actividades escolares na data prevista pelo Ministério da Educação para o arranque do ano lectivo neste grau de ensino.

Na Universidade de Lisboa, apenas as Faculdades de Medicina e Direito abriram as suas portas a tempo e horas. Enquanto a Faculdade de Ciências continua sem data prevista para o início do seu ano escolar, a Faculdade de Letras apenas arrancará na próxima semana - com excepção das aulas do primeiro ano - e a Faculdade de Farmácia no dia 22.

Na Universidade Nova de Lisboa tiveram início na passada segunda-feira as actividades nas Faculdades de Economia, Ciências e Tecnologia e Ciências Médicas. Na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da mesma Universidade o começo das aulas está previsto apenas para o dia 5 de Novembro.

Também na Universidade do Porto as Faculdades de Economia, Letras e Arquitectura não iniciaram as suas aulas. Enquanto apenas parcialmente arrancaram os trabalhos dos estudantes nas Faculdades de Ciências do Desporto e Educação e Economia, na Escola Superior de Nutrição o começo das aulas está previsto apenas para o dia 5 de Novembro.

Recorde-se que o Ministério da Educação, após a afixação dos resultados da Prova Geral de Acesso (PGA) ao ensino superior, previu o início das aulas nas Universidades para o passado dia 15.

Política de rendimentos atrasa concertação social

A política de rendimentos deverá dominar a reunião desta tarde do Conselho Coordenador do Conselho Permanente de Concertação Social, depois de no encontro de ontem a comissão tripartida de negociações não se ter chegado a qualquer consenso sobre aquela matéria, da qual depende a assinatura de um acordo social.

As confexões patronais estiveram esta manhã reunidas com o primeiro ministro depois de, ontem à noite, terem endurecido a sua posição na reunião tripartida, segundo fontes sindicais.

«O patronato subiu ontem a parca: aos sindicatos exige que a inadaptidão do trabalhador seja justa causa para despedimento, e do Governo quer outro tipo de contrapartidas», afirmou ao DL um sindicalista. Estes desenvolvimentos vão aumentando a inquietação das centrais.

A CGTP «está seriamente

preocupada com o quadro em que se encontram as negociações, e esta situação não se altera, não assinamos o acordo», afirmou ao DL uma fonte da central.

Os valores que o Governo propõe para as tabelas salariais para 1991 - 13,5 por cento, tendo por base a previsão de uma inflação de 11 por cento - são «inaceitáveis» para a Intersindical. Segundo a nossa fonte, para que a CGTP assine o acordo social, três reivindicações em matéria de política de rendimentos terão que ser satisfeitas: «a aplicação das duas cláusulas de correcção propostas pela parte sindical; aumento das tabelas não inferiores à inflação anual verificada à data da revisão salarial, e um aumento médio das tabelas de 15 por cento a partir de Janeiro».

Ao patronato, a Inter exige a calendarização da redução faseada dos horários de trabalho, bem como a aceitação

a proposta de inaptidão do trabalhador.

Para analisar estas questões, a Inter convocou os seus órgãos, com «carácter de urgência» para a próxima semana. Com dois pontos na ordem de trabalhos - «apreciação das negociações tripartidas» e «acção reivindicativa a desenvolver» - a Comissão Executiva e o Conselho Nacional reúnem segunda-feira, e o Plenário no dia seguinte.

Por sua vez, a central da Buenos Aires mostra «alguma disponibilidade para, no actual quadro, assinar o acordo social», segundo afirmou ao DL uma fonte do Secretariado Executivo.

Uma série de diplomas que praticamente já estão acordados são considerados pela UGT como «muito positivos». É o caso dos que dizem respeito a matérias como o período experimental, trabalho domiciliário, pré-reformas, formação profissional, higiene

segurança e saúde dos locais de trabalho.

No entanto, segundo a mesma fonte, «não há disponibilidade para aceitar as exigências do patronato em matérias como a inaptidão do trabalhador e a não calendarização da redução dos horários de trabalho». Por outro lado, a UGT parece disposta a aceitar os valores que estão em cima da mesa para a política de rendimentos, afirmou a nossa fonte.

Estas «nuances» nas posições das duas centrais sindicais poderão levantar problemas, tanto mais que, na última reunião do Secretariado Nacional da UGT, Torres Couto respondeu às dúvidas levantadas por alguns dos presentes quanto à possibilidade de o Governo não cumprir o acordo com o argumento de que as duas centrais juntas teriam um forte poder reivindicativo.

E. A.

Camiões TIR apedrejados em Espanha

Camiões portugueses de transportes internacionais TIR foram apedrejados e os seus pneus danificados ao tentarem circular em Espanha, junto a Ciudad Rodrigo, soube a Lusa junto a motoristas estacionados em Vilar Formoso.

Segundo a mesma fonte as agressões foram efectuadas por motoristas espanhóis daquele tipo de transportes, que se encontram em greve há oito dias. O parque TIR de Vilar Formoso encontra-se já repleto de veículos, alguns dos quais estão estacionados há mais de uma semana.

Os motoristas, contactados pela Lusa, afirmaram que apesar de possuírem despachos da alfândega, não tentam avançar por receio de serem agredidos ou molestados por colegas espanhóis em greve.

Os serviços da fronteira disseram, por seu turno, que ontem o movimento de camiões TIR pela fronteira de Vilar Formoso é nulo, apenas tendo sido registado um veículo pesado de matrícula francesa que «conseguiu furar o bloqueio dos camionistas espanhóis, utilizando estradas secundárias».

Os camiões estão a ser aparcados em Espanha, em locais junto da estrada ou em parques improvisados para o efeito. A circulação de veículos ligeiros e autocarros não está, contudo, a ser afectada.

A falta de espaço no interior do parque TIR de Vilar Formoso está a motivar o estacionamento junto à estrada de acesso à fronteira e junto a postos de abastecimento de combustíveis, não afectando, porém, o movimento de e para Espanha.

Entretanto, centena e meia de camiões portugueses que se encontravam retidos em França, também devido à greve dos transportadores espanhóis, começaram a atravessar a fronteira com destino a Portugal.



O trânsito na Marginal Lisboa-Cascais foi ontem afectado pelas ondas que venceram a pequena muralha de protecção

Brecha facilitou derrocada do Passeio Alegre

Ventos amainam no Norte

A ausência de vendaval evitou o tão temido agravamento, na madrugada de hoje, dos estragos provocados ontem pelo mar no Passeio Alegre (Foz do Douro). De facto, esperavam-se maiores consequências quando a maré atingisse o seu máximo, pelas duas horas da madrugada, mas, segundo os Sapadores Bombeiros, a preia-mar não foi acompanhada de vendaval pelo que não se registaram mais estragos.

A referida zona do Passeio Alegre foi, ontem, invadida pelo mar que derrubou várias palmeiras centenárias e provocou estragos na via pública, parcialmente arrastada pelas águas. A acção do mar obrigou ao corte da circulação na Rua do Passeio Alegre que chegou a ficar submersa. O presidente da Câmara do Porto, Fernando Gomes, considerou que a Administração dos Portos do Douro e Leixões tem responsabilidades no sucedido. A acção destrutiva do mar teria sido facilitada, nesta perspectiva, por uma brecha no muro do Passeio, ocorrida em Dezembro e que não fora reparada.

Os efeitos do mau tempo foram particularmente sentidos ontem na região de Lisboa, Porto e Setúbal. Hoje, as barras marítimas do Norte do País abriram, de manhã, mantendo-

se, no entanto, fechadas, as do Douro e Póvoa de Varzim. A situação que se vive no Norte iniciou-se no passado domingo, tendo ontem atingido particular gravidade.

Na manhã de hoje, o oficial de dia do Comando Naval referiu que o mar ao largo da costa continental estava agitado, não havendo, contudo, acidentes a registar.

Em Lisboa, o mar prejudicou, ontem, a circulação automóvel na Estrada Marginal. Uma camioneta despitou-se ao ser atingida por uma onda, ao princípio da tarde. Apesar da viatura se ter virado, os seus dois ocupantes, socorridos pelos bombeiros de Paço de Arcos, saíram ilesos. O entupimento de sargatas provocou algumas inundações na capital que levaram os bombeiros a acudir a situações pontuais.

Em Setúbal, os efeitos das chuvas ontem caídas foram mais graves, tendo obrigado os Sapadores Bombeiros a recorrerem aos serviços de um zebro para transportar pessoas que as águas haviam impossibilitado de sair de casa.

Na baixa da cidade o nível das águas ultrapassou meio metro. O comércio foi particularmente atingido, com lojas inundadas e mercadorias perdidas.

Lisboa sem metropolitano durante parte da manhã

Uma avaria no gerador de emergência do Metropolitano de Lisboa interrompeu, esta manhã, a circulação dos comboios e obrigou os ocupantes das carruagens «presas» nos túneis a caminhar até às estações mais próximas, com o auxílio de lanternas. Segundo um informador da empresa, o Metro sofreu um corte de energia às 8.43 horas e logo a seguir avariou o gerador de emergência, que tem como função fornecer energia às composições retidas nos túneis até alcançarem a estação mais próxima. Por seu turno, o departamento de relações públicas da EDP refere que não houve qualquer corte de energia eléctrica e que o Metro parou devido a avaria interna. A circulação foi retomada pelas 10.50 horas, com velocidade reduzida, condicionada por os sinais não estarem ainda a funcionar em pleno. A empresa previa que a situação fosse normalizada ao princípio da tarde.

RANK XEROX

Renovar é poupar!

Troque já o seu copiadador por um novo

Xerox Série 50

- ÓPTIMOS VALORES DE RETOMA
- FINANCIAMENTO COM JUROS BONIFICADOS
- ENTRADA INICIAL REDUZIDA
- VASTA GAMA DE COPIADORES DE PEQUENO E MÉDIO PORTE
- SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA ALTAMENTE ESPECIALIZADO

Só tem a ganhar!
Informe-se já através da RANK XEROX

(01) 54 04 88

ou de um distribuidor autorizado

Xerox o diálogo inteligente

25
ANOS

Ao cabo de um exílio europeu de dez anos, o antigo chefe do Governo de S. Tomé e Príncipe Miguel Trovoada, beneficiando do processo de abertura política desencadeado naquele País, colocou-se à cabeça das fileiras da Oposição, candidatando-se à Presidência da República, numa disputa em que terá por rival o seu algoz de ontem, Manuel Pinto da Costa, actual detentor do cargo. Numa breve passagem por Lisboa, Trovoada foi auscultado pelo DL sobre impressões e expectativas quanto à aventura política em que se envolveu, e que terá o momento alto numas eleições previstas para inícios de 1991



Paul Vasco

DL - Que pensa do apoio aparentemente dispensado pelo primeiro-ministro português à campanha do actual presidente da República de São Tomé e Príncipe?

MT - Acho que não se pode dizer que tenha havido esse apoio. O prof. Cavaco Silva teve por várias vezes ocasião de sublinhar que, por exemplo, a sua última permanência no meu País não teve outro objectivo senão o de umas férias privadas. A abertura ao diálogo com o primeiro-ministro foi por ele expressamente desenhada de qualquer campanha. Agora, é evidente que o MLSTP e o Governo de S. Tomé se tentaram aproveitar e dar a essa presença um carácter de apoio à sua política. Pois bem, eu não direi que o pro-

determinadas fontes exteriores à área de competência do MLSTP, poderá criar algumas situações de que a oposição não deixará de falar, e sobre as quais, aliás, já tem manifestado preocupação. Mas não creio que haja indícios daquilo a que com rigor se poderia chamar apoio, até porque o período de campanha eleitoral ainda não está aberto (riso).

DL - Na sua mais recente estada em Portugal, teve encontros com outros dirigentes políticos portugueses, nomeadamente com Jorge Sampaio.

MT - Avistei-me com o dr. Jorge Sampaio, com o sr. primeiro-ministro, com o professor Freitas do Amaral...

DL - Qual foi a natureza desses contactos?

«A Oposição de S. Tomé e Príncipe considera muito útil que uma delegação parlamentar portuguesa assista aos actos eleitorais a realizar proximamente no país»

fessor Cavaco Silva, como primeiro-ministro, tem apoiado o MLSTP, mas é do conhecimento geral que o PSD, esse sim, tem prestado exuberantemente esse apoio. Direi que, no quadro das relações partidárias só têm existido boas relações entre os dois partidos, no que não vejo inconveniente absolutamente nenhum, mas o que receio é que como o MLSTP é um partido do poder e tem reflexos de partido único — que foi durante quinze anos — tenha tendência para confundir questões de Estado e de Governo com questões de partido. E que a presença de alguns técnicos de alto nível do PSD, que têm acesso a

MT - Simplesmente informação. Aliás, tenciono prolongar esses contactos com dirigentes de partidos portugueses com expressão parlamentar, a quem informarei sobre o andamento do processo de democratização em STP, isto tendo em conta o relacionamento privilegiado que existe na área da cooperação entre STP e Portugal. E quero frisar que nós também, oposição, consideramos muito útil que uma delegação parlamentar portuguesa, com representantes das diversas forças partidárias, possa assistir como observadora aos actos eleitorais que terão lugar em STP. Devo dizer que encon-

trei uma receptividade muito grande a esta ideia.

DL - Portanto afasta qualquer ideia que possa haver de que tenha vindo cá diligenciar apoios do Partido Socialista para as suas posições.

MT - Essa ideia resulta do relacionamento que venho mantendo com diversas personalidades do PS já de há longos anos, e particularmente com o sr. Presidente da República, que eu conheci antes do 25 de Abril. Trata-se portanto de algo que tem origem independentemente do apoio que o PS eventualmente possa dar à campanha em S. Tomé e Príncipe. Acho que o PS não se irá envolver nessa questão, mas eu peço apoio às diversas forças políticas, quaisquer que sejam, desde que queiram contribuir para este processo de democratização em STP. Porque é isso que está em causa: não se trata hoje de nenhum relacionamento em bases ideológicas; nós estamos a fazer uma experiência interessante de transição de um sistema mono-partidário para um sistema pluri-partidário, que é uma experiência que a meu ver devia ser acarinhada e encorajada por todas as forças democráticas do mundo. Seria salutar para África e faria avançar a causa da liberdade e da democracia no Mundo. Por isso, nós não pedimos apoio preferencial a umas forças, nem excluimos outras; de maneira nenhuma: queremos é que não haja um grande desequilíbrio entre as forças em presença. O MLSTP, além dos apoios que tem, tem apoio do Governo local, tem todas as facilidades logísticas que o Estado põe à sua disposição, e nós, forças da Oposição, não temos

nada.

DL - Como é que pode haver ambições de pluri-partidarismo se a estrutura do Estado santomense se manterá inalterada?

MT - É precisamente a experiência para que queremos avançar. Estamos agora num processo de transição,

As preten do destern

que foi referendado com a Constituição semi-presidencial, mas cuja filosofia é absolutamente diferente da filosofia da Constituição anterior, pois se inspira nos princípios democráticos. Gostaríamos de contribuir para a funcionalidade e aprofundamento da democracia, tendo uma participação activa na vida política nacional. Portanto, nós dizemos que qualquer apoio que possa ser dado às forças da oposição é uma contribuição para a causa da democracia. Isto porque irá atenuar o desequilíbrio existente entre o partido no Poder, que tem todos os media a seu favor, e os que se lhe opõem.

DL - Quais eram as reformas que tinha em mente e levaram ao seu afastamento compulsivo da chefia do governo?

MT - Eu, quando foi da independência do meu País,

tinha um programa em que preconizava uma abertura, no tocante a política exterior; preconizava um relacionamento equidistante com os dois blocos, países ocidentais e de leste, estes últimos considerados pelo MLSTP como aliados naturais; preconizava, portanto uma política de neutralidade, de não alinhamento. Em relação aos países vizinhos, preconizava o estreitamento das relações, independentemente dos modelos políticos e de desenvolvimento por cada um adoptado. Por causa de qualquer dessas propostas, repare, fui acusado de ser um agente do ocidente e de querer privilegiar as relações com o Gabão. Quanto a política interna, eu achava que aquela centralização excessiva da economia era inoperante. Propunha portanto também uma abertura no campo económico. De-



Paul Vasco

«O Governo Pintasilgo negou-me asilo político.»



Auto Monumental de Aveiro
S.A.



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

nsões rrado

que
ura,
rior;
ela-
nte
ises
stes
pelo
atu-
into
rali-
into.
zin-
tre-
nde-
de-
en-
um
de
tas,
ser
e de
ões
o a
ava
ção
era
por-
tura
De-

fendia que se deixasse uma maior margem de iniciativa aos indivíduos, ao sector privado. E fazia também apelo para uma certa componente externa, para di-

tores cada vez mais alargados da opinião pública internacional.

Há que ter em conta a evolução que se tem verificado nos últimos tempos,

«Só futuro saberá dizer se o regime semi-presidencial consagrado pela nova Constituição corresponde ao estágio actual de desenvolvimento de S. Tomé e Príncipe»

namizar a economia nacional. Daí, a acusação também de tendências pequeno-burguesas, de me opôr à via socialista para o desenvolvimento, etc., etc., etc.

DL - Mas acha que em S. Tomé existem condições para o que seria o caso, pelo menos invulgar em África, de um Estado pluri-partidário e parlamentar?

MT - Nós não nos encaminhamos para uma democracia desse tipo. O regime consagrado pela nova Constituição é de carácter semi-presidencial. É evidente que se trata de uma experiência, e só o futuro poderá dizer se ela corresponde ao estágio actual de desenvolvimento de STP. Aliás, há uma abertura para a existência de vários partidos; mas o que se passa neste momento é que há quase uma bipolarização entre todas as forças políticas que pretendem a mudança e o MLSTP, que pretende a manutenção do *statu-quo*.

DL - O que é que forçou o MLSTP a esta transigência?

MT - Eles dizem que esta evolução foi voluntária, que querem fazer uma festa da democracia, que a nova constituição é um seu dom generoso ao povo, e por aí fora. Mas não, o que acontece é que a força das circunstâncias forçou o MLSTP a ceder, isto porque após 15 anos de poder os seus dirigentes encontraram-se na incapacidade para resolver os problemas do País, e há forças no interior do País que não aderiram à acção do MLSTP e que continuaram a preconizar métodos diferentes para a resolução desses mesmos problemas. Finalmente, e sem falar na deterioração da situação económica mundial e dos seus reflexos na situação interna, houve a incapacidade do MLSTP para abarcar todas as forças vivas da Nação dentro das suas estruturas. Nunca deixou de haver focos de resistência à política governativa, no interior do meu país. A contestação dela, embora no exterior, já que no interior era impossível, começou a manifestar-se com crescente clareza, e, a partir de vozes de exilados, a contagiar sec-

nomeadamente com o célebre vento de Leste que traz o pólen da perestroika (riso).

DL - Não houve uma tentativa de criação de uma União Social-Democrata, à qual esteve ligado?

MT - Não, não estive. Em STP havia, e há ainda, duas forças que são o Grupo de Reflexão, que surgiu no interior do País e tem sido bastante activo na mobilização das populações, no esclarecimento, sobretudo nesta fase de transição, quer acerca do referendo da Constituição, quer agora nesta fase para as eleições presidenciais e legislativas. Houve também a Coligação Democrática, que esteve muito tempo lá fora, agora regressou e está a implantar-se no interior, também com uma acção em todo o País. É evidente que entre essas duas organizações há indivíduos que realmente não se identificam nem com uma nem com outra e que sabem que há espaço para uma terceira força. Estão a diligenciar formá-la. Foi isto que eu verifiquei que estava em curso. Mas não encorajei o aparecimento de nenhuma força, porque todo o meu esforço neste momento é para que se realize uma unificação. Uma unificação talvez não em termos muito estreitos, mas uma forma de colaboração, de aliança, para que as forças todas de oposição avancem para a competição eleitoral numa formação unitária, coisa fundamental para se conseguir a vitória, que é a mudança. Portanto eu não podia aparecer como um factor de divisão, a fomentar a criação de ainda mais uma

«Nós somos uma única tribo. Constituímos um dos raros casos em África de Estado-Nação»

força, num momento em que já existem outras. Tanto mais que as duas forças existentes apoiam a minha candidatura. Não se justificaria portanto essa mistura. Claro está que a insinuação foi feita porque entre indivíduos independentes dessa área encontram-se muitos apoiantes e muitos membros



Rui Vaz

«Há que ter em conta do Leste que traz o pólen da perestroika...»

da comissão de apoio à minha candidatura em Portugal.

DL - É seu objectivo encabeçar uma frente oposicionista?

MT - Eu declarei-me candidato independente, não sou oriundo de nenhuma formação política, não é portanto agora que me iria integrar nela. Mas se houvesse uma formação única a concorrer às presidenciais e legislativas, é evidente que eu me envolveria no processo, porque o que interessa é a vitória.

DL - As suas propostas de abertura política para STP mantêm-se hoje válidas sem qualquer aditamento?

MT - Eu julgo que é o que em linhas gerais o regime

terá de se ter em conta as formações e os grupos regionais e sub-regionais, enfim eu julgo que tudo isso são parâmetros a considerar ao traçar-se uma estratégia de desenvolvimento para STP. Mas, fundamentalmente, eu preconizo o liberalismo económico.

DL - A questão da diversidade de etnias não se põe com acuidade em STP?

MT - Nem muito nem pouco. Nós somos uma única tribo. Constituímos um dos casos raros em África de Estado-Nação.

DL - Há uma acusação que consta que lhe é feita, que é a de que estará a representar interesses franceses.

MT - Isso é uma fábula como muitas outras que circulam por aí. Filia-se no facto de eu me ter exilado em França, após a minha libertação em 1981. Fui para França e vivo lá há nove anos. Mas a razão é bem simples. Eu, quando em 1979 me apercebi de uma maquiagem visando o meu afastamento político — e não só político, porque esteve notoriamente em perigo a minha integridade física — eu dirigi-me à Embaixada de Portugal e pedi asilo político. Ora o Governo da engenhreira Maria de Lurdes Pintasilgo, sob a presidência do general

Ramalho Eanes, recusou-me esse asilo e eu tive de me refugiar na sede local das Nações Unidas.

DL - Lembrou-me de que o Governo de STP ironizou com a sua situação, alegando que não corria perigo algum...

MT - Ironizar, ironizou. Mas numa reunião do Conselho Coordenador, durante um debate, estava eu ainda nas Nações Unidas, houve uma moção a preconizar que me dessem salvo-conduto, isto porque, como se sabia que um avião da ONU me iria buscar, a minha deslocação até ao aparelho, no aeroporto, seria a ideal para um atirador emboscado me assassinar. Esta sugestão foi feita em plena reunião do Conselho Coordenador do MLSTP.

Mas isto é tudo para explicar porque é que, dois anos depois, não procurei asilo político em Portugal. Escolhi a França como podia ter escolhido outro país qualquer; mas, por razões de saúde, preferi continuar a ser assistido por médicos da nacionalidade dos que me tinham tratado no Gabão, onde desenvolvi acção anti-colonialista antes do 25 de Abril, onde os meus filhos cursaram a escola. É natural, por tudo isso, que escolhesse

a França, tanto mais que não queria causar embaraços diplomáticos a nenhum país africano, como aconteceria fatalmente a qualquer que me acolhesse. Outras ilacções que daqui se tiram são ilegítimas. Eu não ignoro a importância de que para nós se reveste o relacionamento com Portugal, atendendo aos laços históricos, culturais e de sangue que nos unem. Trata-se de uma confusão que é muito fomentada pelo MLSTP, por conveniência.

DL - É verdade que o MT é conselheiro do Nino Vieira?

MT - Sou amigo dele, como tenho muitas outras amizades. Trocamos impressões sobre muitas matérias.

DL - Advoga a mesma abertura para Cabo Verde que gostaria de ver adoptada em STP?

MT - Sim, eu estive recentemente em Cabo Verde e tive ocasião de debater com as autoridades caboverdianas o processo de democratização em Cabo Verde, e reconheço que é um processo bastante leal e transparente, que poderia servir de exemplo. Ao contrário, aliás, do que se está a passar em STP, onde não se sabe ainda qual é o calendário eleitoral, fala-se em eleições para Dezembro mas até este momento não há data fixa, a Constituição foi referendada em 22 de Agosto, e até agora, quase um mês depois, não foi publicada, não existe lei eleitoral e os partidos não têm nenhuma possibilidade de agir de forma legal... Enfim, tudo isso leva a crer que não há vontade de implantar realmente a democracia em STP. E depois há o célebre artigo 125, que prorroga de uma forma tácita e ilimitada o mandato do presidente da República, quando o seu mandato expira a 31 de Setembro. Eu não contestei na altura este diploma, para não criar um vazio de poder, mas contestei e continuo a contestar o facto de não se ter fixado um limite à prorrogação de um mandato que é, ele mesmo, limitado por lei.

DL - O Miguel Trovoada vai regressar proximamente a STP. Não recebe a repetição das situações que viveu?

MT - Abertamente, não. Hoje, com a nova Constituição, com a nova ética política que se está a criar em África, em geral, a democratização, a opinião pública internacional, a nova imagem que o MLSTP está interessado em ostentar, tudo isso faz com que não sejam possíveis coisas como prisões arbitrárias nem certas manipulações que se praticaram no passado.

DL - Mas também não há conhecimento de casos especialmente graves de violência da parte do MLSTP...

MT - Há. Há o caso do homicídio de um indivíduo que estava preso precisamente por razões políticas. Latino da Mata, chamava-se ele, se não me engano. Não se pode dizer que o MLSTP foi como o Idi Amin, mas passaram-se coisas destas.

F. B. S.

OMS adverte

Tuberculose aumenta com propagação da sida

Três milhões de pessoas morrem anualmente em todo o mundo vítimas de tuberculose, prevenindo-se que este número venha a aumentar de forma acentuada, devido à disseminação do vírus da sida, advertiu a Organização Mundial de Saúde.

De acordo com um relatório da ONS, cerca de metade dos indivíduos afectados pelo vírus da sida (HIV), estimados entre seis a oito milhões, também padece de tuberculose.

O carácter simultâneo da ocorrência de ambas as doenças constitui novo motivo de preocupação para os responsáveis mundiais pela saúde pública.

A ONS prevê que os casos de sida se contem entre 15 a 20 milhões até final do século. Daí que, segundo o mesmo relatório, dado o paralelismo que se observa entre as duas doenças, seja previsível o aumento acentuado de mortes por tuberculose, sobretudo em África, na América Latina e no Sueste Asiático.

Os totais globais de pacientes infectados quer pelo vírus HIV quer pelo da tuberculose, TB, ascendem a 2,4 milhões na África su-Saariana, trezentos mil na América Latina, duzentos mil na Ásia, cem mil nos Estados Unidos e cinquenta mil na Europa, segundo estimativas avançadas pelo organismo que

trata das questões de saúde a nível mundial.

Ao invés da sida, a tuberculose, doença infecto-contagiosa que mais vidas ceifa, transmite-se pelo ar, quando os indivíduos infectados tosse ou espirram.

No ano passado, cerca de oito milhões de novos casos de TB foram detectados, incluindo quase 2,5 milhões de pacientes no Sueste Asiático e mais de 2,5 milhões em países menos desenvolvidos do Pacífico Ocidental. A taxa de incidência do vírus da sida é nas duas regiões de zero por cento.

Em África registaram-se quase 1,4 milhões de novos casos de TB, em 1989, bem como 564 mil na América Latina e 409 mil num conjunto de regiões integrando os Estados Unidos, Canadá, Europa, Japão, Austrália e Nova Zelândia.

O número de mortes por tuberculose ascendeu, no mesmo ano, a 932 mil no Sueste Asiático, cifrando-se em 656 mil em África, 220 mil na América Latina e 42 mil no mundo industrializado.

O estudo da OMS aponta para uma inflação de casos de tuberculose, passível de bloquear as estruturas médico-sanitárias de que dispõem as regiões do Centro e Leste-Africanas. Todavia, admite-se no relatório a possibilidade de cura, desde que os pacientes rece-

bam o tratamento adequado.

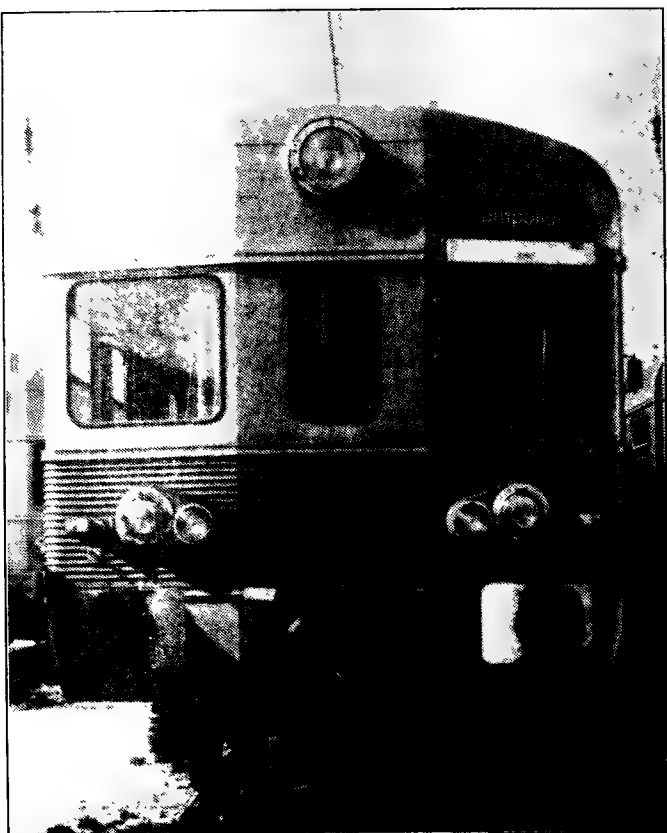
A redução do período habitual de tratamento, com uma duração de seis a oito meses, pode ser alcançada com recurso à quimioterapia, baseada em medicamentos que actuam rápida e poderosamente sobre o organismo.

Esta técnica tem a vantagem de proporcionar uma cura pouco onerosa, que varia entre 30 a 50 dólares (3.200 a sete mil escudos). Em caso de hospitalização os custos elevam-se a 200 dólares (28 contos).

A falta de recursos no Terceiro Mundo determina que milhões de vítimas não possam usufruir das técnicas de tratamento rápido e barato, disponíveis em outras zonas do bloco, conclui a OMS.

Entretanto uma técnica da Direcção Geral de Saúde portuguesa, considera que não é muito correcto falar em paralelismo entre a sida e a tuberculose.

Os indivíduos portadores do vírus da sida são susceptíveis de contrair a tuberculose como muitas outras infecções. Neles há falta de resistência, de imunidade, os seja, não têm capacidade de defesa, não só à tuberculose mais vulgar como também a outras formas de tuberculoses já consideradas erradicadas e que há muito tempo não apareciam.



Sistema revolucionário na linha de Sintra

A CP instalou, em regime experimental, um novo equipamento na linha de Sintra, com o objectivo de atender às reclamações de há muito feitas quanto à falta de conforto. Desde há dias que as composições passaram a ter ar corrente (não é corrente de ar!). É um sistema engenhoso que, em breve, poderá ser adaptado também a água corrente.

Depois de ter analisado profundamente as contínuas queixas feitas no passado Verão, de que se abafava nos comboios daquela linha, a CP decidiu introduzir o novo sistema que, pela sua simplicidade e facilidade de aplicação poderá vir a ser adoptado noutras linhas. Trata-se de usar quatro portas, nos átrios das composições, mas sem vidros. Este sistema foi antecedido de um estudo, que consistiu em retirar vidros de algumas janelas.

Segundo apurado, esta inovação permite não só afastar o conhecido «odor do povo», como igualmente secar roupas eventualmente molhadas com as recentes chuvas. Por outro lado, a entrada em funcionamento do equipamento de águas correntes é esperada para o Inverno.

Como referido, a inovação está em regime experimental, dado que só algumas portas estão equipadas com ela, mas alguns utentes mostraram já esperança que a CP, com a eficiência a que sempre os habituou, avance rapidamente com a sua instalação em todas as composições.

E um dia seremos ainda mais europeus, com o TGV a ligar Lisboa e Porto em duas horas.

A. H.

Professores cozinheiros

Cerca de quatrocentos chefes de cozinha franceses posam para a fotografia antes de partirem para escolas parisienses onde, mais do que exibirem a sua arte, vão ensinar os jovens a preparar uma boa refeição. Um bom exemplo a seguir





SEDE
Av.ª José Malhoa, Lote A-13
1506 LISBOA CODEX
Capital Estatutário: 250 000 000 000\$00
Matriculada na Conservatória do Registo
Comercial de Lisboa sob o n.º 25
Pessoa Colectiva n.º 500 697 256

DIRECÇÃO CENTRAL FINANCEIRA
Departamento de Títulos
Rua Sá da Bandeira, 567-4.º
4000 PORTO

OBRIGAÇÕES EDP — 1990

16.ª EMISSÃO

ENTREGA DE TÍTULOS DEFINITIVOS

A partir de 22/10/90, poderão os Senhores Obrigacionistas efectuar a troca das cautelas pelos títulos definitivos representativos desta Emissão nos Estabelecimentos de Crédito onde efectuaram as respectivas subscrições.

Porto, 01 de Outubro de 1990

O Conselho de Gerência

14.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

P.º 11 348-2.º S-14.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa

ANÚNCIO

Faz saber que por este Juízo e segunda Secção, nos autos de Acção de Anulação de Deliberações Sociais, registados sob o número 11 348, em que é autor Narciso Francisco Camelo da Silva, casado, residente na Rua Norton de Matos, 3-1.º Dt.º Moinho da Funcheira-Amadora e ré Espinheira & Duran Ld.ª, com sede no Largo de Santos, n.º 1, Letras D e E, em Lisboa, por despacho de 18/9/90 foi nomeado representante especial da referida ré o senhor Joaquim Castilho de Jesus Silva, sócio-gerente daquela, nos termos do disposto no n.º 2 do art.º 21.º do C.P.C., ficando suspenso o prazo para a contestação, decorrendo o prazo de trinta dias para vir aos autos, após a publicação dos anúncios.

Lisboa, 25 de Setembro de 1990

O JUIZ DE DIREITO

Pedro Santos Gonçalves Antunes

A Escrivã-Adjunta

Elsa Machado Marques

DL 2.º PUB. 17/10/90

5.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

Processo n.º 1231

2.ª Secção

Por este Tribunal correm editos de 30 dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação deste anúncio, citando o executado JOÃO PEDRO DRAGO DE SOUSA UVA, actualmente em parte incerta e com última residência conhecida em Rua de Angola Torre A 7.º Esq.º — 7800 Beja, para no prazo de CINCO dias, findo o dos editos, na Execução Sumária, movida por Faustino A. Carreiras — Comércio e Indústria de Automóveis, Ld.ª, com sede na Rua Alexandre Herculano, 7320 Castelo de Vide, deduzir oposição, pagar ao exequente, a quantia exequenda de esc. 1 162 500\$00, juros e custas, ou nomear bens à penhora suficientes para garantia de pagamento daquela quantia, sob pena de considerar devolvido ao exequente esse direito.

Lisboa, 8 de Outubro de 1990.

O JUIZ DE DIREITO

(assinatura ilegível)

O ESCRIVÃO ADJUNTO

(assinatura ilegível)

DL 2.º Pub. — 17/10/90

A Lanalgo apresentou colecção Outono-Inverno

A Lanalgo, o último dos grandes armazéns existentes em Portugal («infeliz-mente», como acentua a sua administração) apresentou, no Casino do Estoril, a sua colecção Outono-Inverno, no que foi chamado de «um espaço de convergência entre as diversas propostas ditadas pela moda nacional e a internacional».

No desfile do Casino foram apresentadas excelentes criações de estilistas nacionais e estrangeiros, mostrando uma moda Outono/Inverno 90 arrojada e livre, cheia de fantasia, cor e com padrões altamente sofisticados, que emprestam à mulher e ao homem uma envolvente satisfação de conforto.

Redacção «DL»

CULTURA

*«A Leitura Infanto-Juvenil»:
um colóquio, ontem,
na Gulbenkian, que pôs os pontos
nos ii sobre a noção de família,
noção que urge reabilitar...*

Os meninos à roda do livro



Um outro tempo havia antigamente em que os pais liam aos filhos páginas e páginas de entretenimento diverso. Meninas e meninos iam-se imiscuindo na vida através de contos e histórias, os quais, impregnando o seu imaginário, os tornavam mais generosos, mais pacíficos entre si, as mãos entrelaçadas, em suma, face aos contratempos dos dias. Mas esse tempo foi-se sumindo, perdendo-se nas brumas do calendário - e, no momento presente, no tempo que ora vivemos, já não são tantas as crianças à roda dos pais (ou de outros familiares) escutando a leitura deste ou daquele livro... Todos nós disso sabemos: quando, por exemplo, visitamos um casal amigo, de surpresa ou não, aí estão os filhinhos com os olhos postos no ecrã do aparelho de televisão. Nenhuma acusação podemos fazer, pois, se filhos tivermos, também eles, certamente, estarão a viver idênticos momentos de encanto, alheamento, distração...

Vem este preâmbulo, com um certo tom de nostalgia, a propósito do Colóquio «A Leitura Infanto-Juvenil», ontem efectuado no Anfiteatro III da Fundação Calouste Gulbenkian (com o apoio do «Jornal de Letras Artes e Ideias»), por iniciativa de Melhoramentos de Portugal Editora, casa brasileira que se instala agora entre nós (Rua Embaixador Teixeira de Sampaio, nº. 4), com o propósito de edificar uma verdadeira ponte entre os dois países «lançada» a partir de títulos infanto-juvenis publicados no português que «se fala aqui e no português que se está falando sempre lá...»

Quem assim se expressa, enquanto o Colóquio não principia, é Carolina Andrade, directora de Melhoramentos, que, sobre o assunto, nos fornece a síntese seguinte:

- Melhoramentos de Portugal tem cem anos no Brasil e editou já para cima de quatro mil e duzentos títulos. Desses



Matilde Rosa Araújo: «O Palhaço Verde», da sua autoria, viaja até ao Brasil

títulos, 70% são livros infanto-juvenis. Sim, sim, na área, ou na especialidade, é a maior editora brasileira. Em São Paulo, sim. Agora, e queira Deus não nos enganemos, chegou a vez de experimentar Portugal. Queremos aqui fazer muita coisa... Para já, só com duas pessoas: eu e uma secretária. No Brasil...? No Brasil, somos para cima

de 2200 funcionários. Que pretende Melhoramentos, que pretendemos nós...? Nós não pretendemos, pura e simplesmente, lançar o nosso catálogo aqui. Em bruto... Nada disso! Todos os livros, para já, estão a ser adaptados para o português de cá. São verdadeiras edições especiais para Portugal... Outra coisa importante: assim como vamos

lançar autores brasileiros nas vossas livrarias e bibliotecas, lançaremos também autores portugueses no Brasil. O primeiro livro português a ser lançado lá...? «O Palhaço Verde», de Matilde Rosa Araújo. Nossos, em Portugal, primeiro ou não primeiro, a inventiva de Ziraldo, que escreve e ilustra os seus próprios livros. E também as

histórias de Regina Drumond e Leny Werneck... Para já é tudo - e agora venha você assistir ao colóquio...

Quem lê e quem não

O Colóquio foi aberto por José Carlos de Vasconcelos, director do «JL», que afirmou ser Melhoramentos «uma editora de grande prestígio». Carolina Andrade, por sua vez, disse à assistência, palavra a mais, palavra a menos, o que já nos havia esboçado em palavra aberta e ágil - e apresentou aos presentes o responsável pela distribuidora (Cultivar) encarregada de fazer circular as edições, quer no Brasil, quer em Portugal.

Eduardo de Freitas (este o responsável por tais funções) subordinou a sua exposição, de uma grande clareza, ao título «Hábitos de Leitura», exposição com base num inquérito oportunamente realizado entre nós.

Embora não pormenorizemos todos os seus gráficos orais, três pontos há que merecem atenção (e atente-mos que responderam a 70 perguntas dois mil indivíduos, entre os 7 e os 15 anos). Eis os três pontos:

1) Há quem leia livros, jornais e revistas (40%, leitura acumulativa); 2) há quem se fique pela leitura parcelar (45%); e há quem não leia (15%).

Os do último grupo limitam-se a ler instruções de serviço, marcas, cartas, legendas televisivas e os cabeçalhos dos jornais... Quanto a percentagens, relativamente ao mesmo terceiro grupo, aparecem-nos os seguintes números: 35% por falta de tempo; 27% por preguiça ou falta de vontade; e 29% por falta de gosto. Uma outra pequena percentagem refugiou-se (e com todo o direito) na falta de condições económicas.

O ambiente familiar

Como a princípio dizíamos, é muito importante o ambi-

ente familiar - e, segundo o que ouvimos, quer por parte do responsável pela distribuição, quer por parte de outros intervenientes, a criança é levada a ler se: a) os pais lêem de propósito para os filhos; b) os pais têm o hábito da leitura; c) a casa apresenta-se com livros; e d) há ofertas de livros nos aniversários, festas, convívios, etc.

Dos inquiridos, relativamente ao inquérito acima mencionado, somente um quarto afirmou que os pais tinham o hábito de lhes ler livros... Caso para dizer: pobre infância!

Interessante também fixar que, comparando a leitura com outros modos de expressão, se verifica o seguinte: o teatro e a ópera não afectam os livros - mas já o cinema, a televisão, a rádio «arrumam» os livros para um canto.

Por fim, digamos que o Colóquio compreendeu quatro temas - «A Leitura e as Crianças», «O Acesso ao Livro», «A Leitura, a Escola e a Família» e «A Criação Literária: O Autor Adulto e A Criança Leitora».

Este último tema proporcionou um debate, de grande interesse, entre Matilde Rosa Araújo, Natércia Rocha, António Torrado, Alice Vieira e Regina Drumond, Leny Werneck e Ziraldo (os três últimos escritores brasileiros). Antes do debate, porém, quatro exposições, sobre «A Leitura, A Escola e A Família», de Isabel Lamas, Margarida Carvalho Leão, Teresa Coata Macedo e Natália Pais.

Da primeira, e assim findamos, transcrevemos o seguinte período da sua comunicação (verdadeiro apelo à estruturação da família): «À noite, chega o melhor momento para contar histórias. E a família volta a ter o primeiro lugar. Deitada na cama, com esse alguém a seu lado e de livro na mão, a criança deleicia-se e é feliz...»

Pedro Alvim

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Lisboa em festa jazzística

A Câmara Municipal de Lisboa anunciou ontem a criação de mais um festival de jazz

Cabo Verde no Chapitô

Começa hoje, no Chapitô, o projecto «Sonhar África num Outono em Lisboa». Assim, terá lugar às 18 horas a conferência «Intervenção em Cabo Verde», com a participação de Orlando Garcia e Elizabeth Costa. As 21 horas, inaugurar-se-á a exposição de Literatura, imprensa e fotografia de Luís Couto e de artesanato de Maria de Lurdes Vieira. A partir das 23 horas decorrerá uma noite cabo-verdiana com Cesário Évora, Chico Serra e Paulino Vieira. Durante os quinze dias que dura o projecto, haverá ocasião para apreciar Ana Firmino, Leão Lopes e Julinho da Concertina. Os bilhetes para os espectáculos estarão à venda no Quiosque do Chapitô.

CBS muda de nome

A CBS portuguesa, editora discográfica, passa a designar-se SONY em consequência da aquisição, pela empresa japonesa, da CBS norte-americana. Carlos Pinto, presidente da CBS portuguesa, disse à LUSA que a mudança de designação, comum em todos os países do mundo à excepção do Japão e de Espanha, entra em vigor no dia 1 de Janeiro. Nestes termos, discos de artistas como Bruce Springsteen, Roberto Carlos, Julio Iglesias, Paulo de Carvalho ou Onda Choc (todos do catálogo CBS) vão passar a ser editados com a etiqueta Columbia em vez de CBS. Carlos Pinto fez questão de frisar que a alteração da designação não se aplica à cadeia de televisão norte-americana que continuará a designar-se por CBS.

Jazz mais pobre sem Blakey

O baterista de jazz norte-americano Art Blakey, de 71 anos, morreu ontem em Nova Iorque, vítima de cancro nos pulmões. Durante 36 anos, Blakey foi líder do grupo «The Jazz Messengers», fundado por si na década de 50. Muitos músicos tornaram-se conhecidos após a sua passagem pelo grupo de Blakey. Entre estes contam-se Wynton e Bradford Marsalis, Freddie Hubbard, McCoy Tyner, Wayne Shorter, Horace Silver, Lee Morgan, Jackie McLean, Donald Byrd, Keith Jarrett e Bob Watson. Art Blakey foi um dos maiores inovadores do jazz moderno e um dos criadores do estilo *hard bop*.

Prémio para Antónia Byatt

A escritora e crítica britânica Antónia Byatt foi galardoada com o Prémio Literário Booker, o prémio literário mais importante atribuído na Grã-Bretanha. Os cinco membros que constituíram o júri deliberaram durante duas horas antes de atribuírem o prémio de vinte mil libras (cerca de 5300 contos) a Byatt pelo seu romance «Possession». Byatt, antigo membro do júri que atribui o prémio Booker e o vigésimo terceiro galardoado com este prémio.

Foi apresentada à Comunicação Social, ontem, no Hot Clube de Portugal, a iniciativa «Lisboa em Jazz 1990». A história conta-se rapidamente. Um músico, o saxofonista Carlos Martins, achou que era altura de se criar um festival de jazz dirigido principalmente para as camadas mais jovens da população, e que, ao mesmo tempo, permitisse a formação de grupos mistos de músicos portugueses e estrangeiros. Vai daí, dirigiu-se ao pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa que recebeu a

Clube. Mas como sem dinheiro é impossível pôr de pé eventos desta envergadura, recorreu-se a um *sponsor*. E, pela primeira vez, uma empresa privada apoia o jazz. Pela sua coragem em apostar num estilo musical esquecido e pouco lucrativo justifica-se o aplauso à marca de sapatos Manhattan.

No encontro com os órgãos de Comunicação Social, Tomás Vasques, em representação de João Soares, enalteceu a vertente pedagógica da iniciativa, a possibilidade de levar as escolas

vários músicos, encontrou uma grande receptividade a um projecto deste tipo que lhes daria a possibilidade de criar formações musicais não habituais. Por outro lado, este festival apresentará uma *big band* do Hot Clube, composta por 17 elementos, que permitirá a qualquer músico poder compôr para uma orquestra sabendo à partida que terá quem possa interpretar as suas peças. Do lado estético houve a preocupação de convidar músicos de tendências e estilos diversos, tornando esta «mostra» aliciante e o mais ampla possível.

Por fim, Carlos Martins, leu um excerto da «Conferência Improvisada», de Almada Negreiros, onde se explica como o lado feminino e o masculino só têm razão de ser quando se encaixam. Esta metáfora referia-se à necessidade de encontro e junção de esforços entre os músicos e criadores (agentes passivos) e os críticos e divulgadores (agentes activos), sem os quais uma iniciativa deste tipo não pode vencer e tornar-se, tal como é desejo de todas as partes envolvidas, num festival anual, que possa ter edições regulares.

Maria José Belo Marques

Lisboa em Jazz 1990

Teatro São Luiz

29 de Outubro, às 21h45 - Laurent Filipe Quarteto com Carlos Barretto e Tete Montoliu com Zé Eduardo

30 de Outubro, às 21h45 - Art Jazz Trio e a Orquestra do Hot Clube de Portugal com direcção de Zé Eduardo

31 de Outubro, às 15h30 - Lisboa Jazzband

1 de Novembro, às 21h45 - Jean Sarbib/Telectu e António Ferro Quinteto

2 de Novembro, às 21h45 - Moreiras Jazztet com Greg Bandy e Cal Viva Quarteto

3 de Novembro, às 15h30 - Zê-Di-Zastre

6 de Novembro, às 21h45 - António Pinho Vargas Quinteto com Paolo Fresu

7 de Novembro, às 15h30 - Lisboa Jazzband

8 de Novembro, às 21h45 - Quarteto de Saxofones do Porto e Mário Laginha Quarteto

10 de Novembro, às 21h45 - Carlos Martins Quarteto com Ralph Peterson Jr. e Maria João Trio com Neils H. Ørsted Pederson e Aki Takase

proposta de braços abertos.

Era o nascimento de uma iniciativa que para se tornar realidade precisava de pessoas com experiência de organização de festivais do mesmo estilo. É a altura de entrarem em cena dois nomes ligados ao jazz, o divulgador, crítico e promotor de concertos Rui Neves, apoiado pelo Luís Hilário do Hot

ao S.Luiz para ouvir jazz. A prová-lo estão os preços dos bilhetes - 500\$00. Quanto à data escolhida, quase coincidente com os Festivais de Lisboa, foi explicado que não será por isso que no resto do ano não possa haver mais jazz.

Carlos Martins, autor da iniciativa, explicou que depois de ouvir e conversar com



Carlos Martins leu Almada Negreiros na apresentação do Lisboa em Jazz 1990

Francisco Paraiso

M morreu Delphine Seyrig

A actriz francesa Delphine Seyrig, imortalizada pelo desempenho do filme «O Último Ano em Marienbad», de Alain Resnais, morreu anteontem em Paris, após prolongada doença. Nascida no Líbano, em 10 de Abril de 1932, a actriz contava 58 anos.

Delphine Seyrig começou a sua carreira de actriz no teatro, tendo frequentado, na década de 50, o Actor's Studio, em Nova Iorque. Em 1960 estreava-se no cinema, com «O Último Ano em Marienbad», com que obteve o Leão de Ouro do Festival de Veneza. Depois, interpretou mais 29 filmes, com destaque para os seguintes: «Beijos Roubados», de Truffaut (1968); «India Song», de Marguerite Duras (1969); «A Via Láctea», de Buñuel (1969), e «O Charme Discreto da Burguesia», também de Buñuel (1972).

Durante a última década, a actriz destacou-se como activista dos direitos das mulheres e participou na criação do Centro Simone de Beauvoir, que produz documentários sobre temas feministas.

Mohamed Reggab faleceu

Uma das figuras marcantes do cinema marroquino, o cineasta Mohamed Reggab, faleceu ontem em Paris, na sequência de uma doença prolongada. Reggab realizou numerosos filmes para o cinema e a televisão, com realce para «O Sequestro» (1972) e «O Cabelo de Bairro dos Pobres» (1983), nenhum deles exibido em Portugal.

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA

2 SALAS • 2 ESPECTÁCULOS

SALA NOVA
TERÇA • SÁBADO — 21:30 • DOMINGO 17H

SALA 1

O ESTRANGEIRO EM CASA
2.º MÊS
TEXTO • RICHARD DEMARCY
MUSICA • JOSÉ MARIO BRANCO
ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA
M/12

UM ELECTRICO CHAMADO DESEJO
TEXTO • TENESSEE WILLIAMS
TRADUÇÃO • M. JOAO GOMES
ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA
M/16

«... brilhantes interpretações.» — O JORNAL
«... excelente encenação.» — A CAPITAL
«... surrealista, absurdo, épico, cruel.» — O EXPRESSO

«... verdadeira fruição teatral.» — O EXPRESSO
«... um espectáculo perturbador, pujante de força.» — A CAPITAL

APD OS F. GULBENKIAN • REMEDIOS M. M. D. CINE FOTO AVIZ • CABELEIREIRO CITY PUBLICO

SUBSIDIOS S E C MARCAÇÕES T. 726 08 18

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DA MOITA

ANÚNCIO

O DR. JOSÉ ANTÓNIO PENETRA LÚCIO, Meritíssimo Juiz de Direito do Tribunal Judicial da Comarca da Moita.

FAZ SABER QUE no dia 14 de Janeiro de 1991, pelas 9,30 horas, neste Tribunal Judicial, nos autos de Carta Precatória n.º 267/89 — 2.ª secção, vinda da 2.ª secção do 7.º Juízo Cível de Lisboa e extraída da Execução de Sentença n.º 623/87 que a União Fabril Farmacêutica, Lda., move contra MOITEX — SOCIEDADE COMERCIAL DE MERCEARIAS, LDA., com sede na Av.ª Miguel Bombarda, n.º 53 na Moita, hão-de ser postos em praça pela terceira vez, para serem arrematados por qualquer preço, os seguintes bens:

- Um veículo de marca «Austin-Mini», de cor «branco sujo» e de matrícula BN-91-54.
- Uma máquina facturadora eléctrica de marca «OLIVETTI».

Moita, 11 de Outubro de 1990

O Juiz de Direito
José António Penetra Lúcio

A Escrivã Adjunta
Alfaria G.R. de Jesus

DL 17/10/90

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Filipe Mukenga é angolano. Músico há trinta anos tem agora pronto um primeiro disco gravado em Portugal. Desconhecido entre nós, a sua música gira no mundo pela voz de Flora Purim e Djavan. Entre outros...

Nas bocas do Mundo

Filipe Mukenga é natural de Luanda, Angola. Tem 41 anos. E acredita que a vida começa todos os dias. Há um disco seu, o primeiro de trinta anos de carreira, pronto para ser lançado em Portugal por uma grande editora. Ao DL conta da música que faz, da sua maneira de viver e dos seus sonhos.

- A palavra Mukenga tem algum significado especial?

- «Não. Este nome apareceu numa brincadeira. Em determinado momento da minha carreira eu formava um duo com o José Agostinho, que infelizmente já faleceu. Um dia, a ensaiar lá em casa, ele teve a ideia de arranjar-nos nomes artísticos. Passou-me logo pela cabeça o nome de Filipe Mukenga, a verdade é que pegou. Hoje, se chegares a Luanda e perguntares pelo Francisco Filipe da Conceição, que é o meu verdadeiro nome, ninguém conhece.»

- Há quanto tempo fazes música?

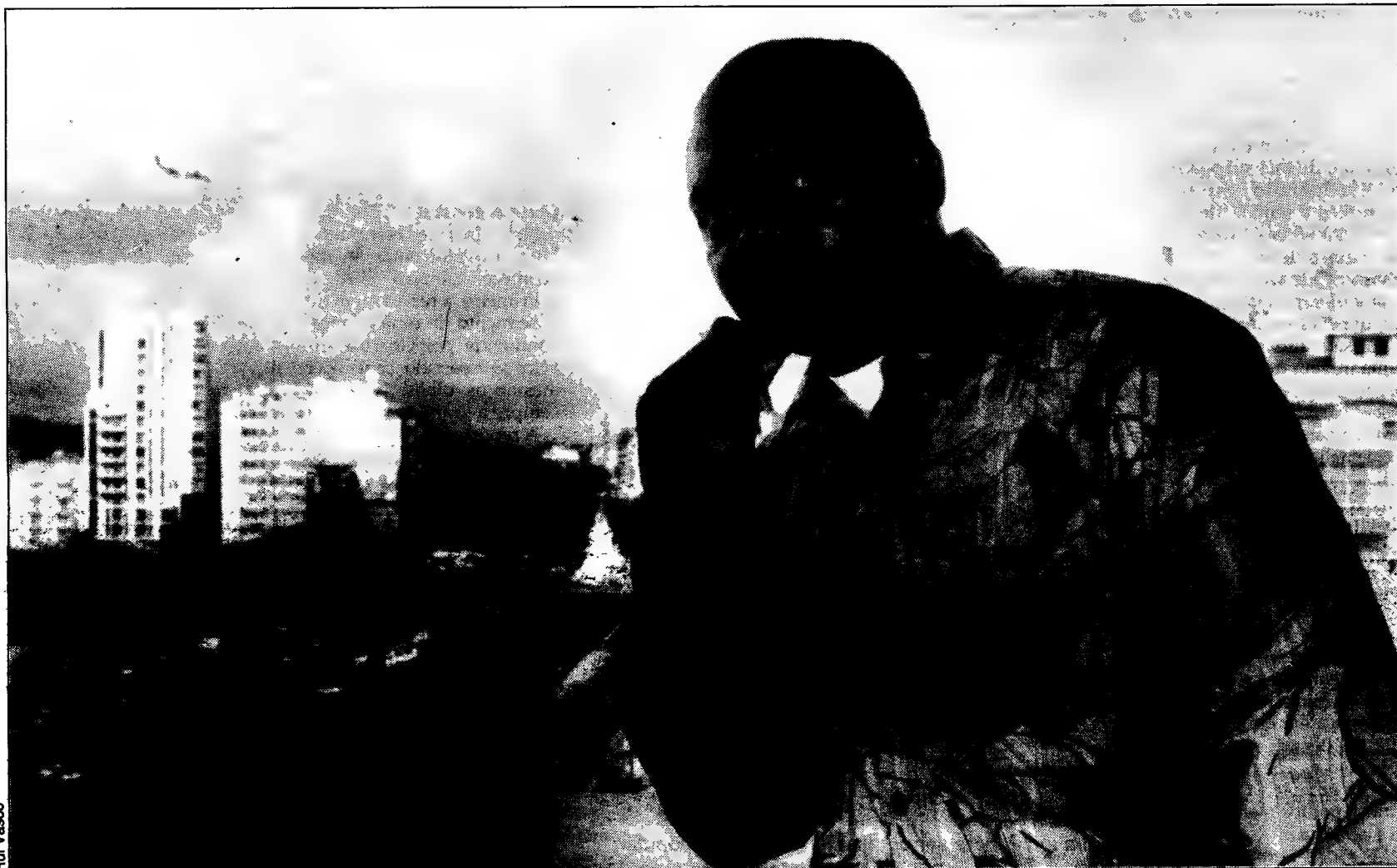
- «Eu nasci como músico pouco tempo depois do aparecimento dos Beatles. Há cerca de trinta anos.»

- Porquê com os Beatles? Aconteceu por acaso? Ou a música do grupo teve algum significado especial para ti?

- «A partir dos doze, treze anos eu senti-me atraído pela música. Os meus pais são protestantes. Ao domingo eu ia sempre com eles à igreja. Ficava encantado a ouvir o coral. Os Beatles, para mim, foram um incentivo que me permitiu começar a cantar e passar a integrar alguns grupos de música pop, da altura, como "Os Indómitos" e "Apolo XI". Depois fui mobilizado para o Exército, donde saí em 73. Foi benéfico, porque tive contacto com angolanos de várias regiões de Angola, com vivências culturais específicas. Foi aí que descobri a riqueza da nossa música e a necessidade de a trabalhar e divulgar. Esse foi o trabalho que desenvolvi no tal duo com José Agostinho. Pegávamos em temas tradicionais e apresentávamo-los com outro tratamento. Depois do falecimento do José Agostinho iniciei a minha carreira a solo.»

- Como defines a música que fazias, então, a duo?

- «Cantávamos coisas que tinham muito a ver com o País. Porque antes, no período colonial, fomos forçados, por sobrevivência, a cantar temas internacionais. Por outro lado, foi quase uma fase de aprendizagem, pois abordávamos todos os estilos de música, como o jazz, por exemplo. Toda essa experiência ponho-a agora ao serviço da música que faço. A música angolana é pobre do ponto de vista da harmonia; a maior parte dos temas são tocados em dois



Filipe Mukenga

acordes, eu tenho procurado enriquecê-la. Penso que estou no bom caminho. Aliás, vários músicos estrangeiros têm-me manifestado a sua admiração.»

- Acaba o duo. O que fazes a seguir?

- «Começo a compôr e a fazer recolha. Cantava só com violão. A partir de 1985, mais ou menos, é que começo a trabalhar com outros músicos com quem formei a minha banda que se chama Madizeza.»

- Que quer dizer...

- «Admiração, espanto.»

Entrar e sair sempre que necessário

- Vives da música?

- «Anteriormente fui funcionário do Estado. De 76 a 77, cheguei a ser delegado do ministério da Informação no Huambo, passei para a Indústria, depois para a secretaria de Estado da Cultura e terminei a minha actividade como funcionário do Estado no Instituto Nacional do Livro e do Disco. Neste momento só faço música.»

- Dá para viver?

- «Tem dado. Em Angola, agora, já há mercado de trabalho nesta área. Neste momento tenho um contrato com o Hotel Mundial e dois restaurantes. Este circuito permite-me a sobrevivência.»

- Pões a hipótese de abandonar Angola para ir viver noutro país?

- «Não. Eu quero continuar em Angola e ter facilidade, sempre que necessário,

de entrar e sair de Angola.»

- Como vai a música angolana?

- «Têm aparecido alguns valores. Mas como não existe indústria discográfica o seu desenvolvimento é automaticamente frenado. No entanto, temos excelentes músicos. Por exemplo: os Irmãos Kafala (que já gravaram em Londres), os Mergengues, o André Mingas. Mas há outros...»

- Tens contactos com músicos africanos residentes em Portugal?

- «Poucos. Durante a gravação do meu disco conheci o Dalú, que faz percussão no disco do Rui Veloso, o Waldemar Bastos, de quem sou amigo de longa data, está cá, também, o que nós consideramos em Luanda o Paulino Vieira angolano - o Eduardo Pain, um músico que merecia uma certa atenção da parte da Informação portuguesa. Conheço, também, o André Cabaço que é moçambicano.»

Um disco - "Novo Som"

- Tens um disco gravado em Portugal para uma grande editora. Há quanto tempo é que está pronto?

- «Está gravado desde Março/Abril deste ano.»

- E porque é que ainda não saiu a público?

- «O lançamento do disco esteve programado para o mês de Setembro, mas por razões internas da editora ficou adiado para o mês de Novem-

bro. Só que fui informado que, por atraso nos lançamentos previstos, foi novamente adiado para a segunda quinzena de Fevereiro.»

- É o teu primeiro disco?

- «É.»

- Qual o teu interesse no mercado português? Porque é que vens lançar e fazer aqui um disco?

- «Calhou. Este disco era um sonho de há muitos anos. Aconteceu concretizar-se aqui.»

- Tiveste colaboração de músicos portugueses no teu disco?

- «Tive, sim. Tive a colaboração amiga de um grande músico português, o Rui Veloso. Quando eu estava a gravar o meu disco, ao mesmo tempo ele estava a fazer as misturas deste seu último álbum duplo. Simpaticamente, ele convidou-me para fazer uma brincadeira num dos temas do disco dele. Depois me retribuiu o convite e ele toca harmónica num dos meus temas, por sinal o que dá o título ao disco, "Novo Som", que foi feito de parceria com o Filipe Zau, actual adido cultural da Embaixada de Angola em Lisboa. Escolhi este título porque é o que eu tenho procurado fazer nos últimos tempos, encontrar um som novo para a nossa música.»

- Mas tu compões temas originais.

- «Digamos que o meu trabalho se divide em quatro vertentes. Numa delas estão incluídas as canções tradicion-

ais que eu estilizo, a que dou um tratamento mais moderno. Noutra estão as composições de minha autoria. Noutra as que faço de parceria com outros músicos. E na última poemas angolanos que eu musico.»

- Quando pegas na música folclórica ou de raíz tradicional angolana, escolhes a música de alguma região específica de Angola?

- «Eu gosto particularmente da sonoridade e das imagens do umbundo e do cunhamba. Gosto de trabalhar temas dessas línguas.»

- Viajas muito por essas regiões?

- «Quando posso. Só que, ultimamente, devido à situação de guerra que se vive em Angola, não é fácil.»

- Nunca apresentaste a essas pessoas a transformação que operaste na sua música?

- «Infelizmente, não.»

O Brasil atento

- Vi em vídeo um espectáculo teu no Rio Jazz Clube, no Brasil. Parece que lá as portas estão abertas para ti.

- «Estão, e já há muito tempo, desde o momento em que o Djavan gravou um tema meu. Essa minha tournée no Brasil saldou-se num grande sucesso. E isso deveu-se, em parte, à divulgação dos meus trabalhos pelo Djavan.»

- Mas parece-me que não foi só ele que gravou temas teus. Quem foram os outros?

- «A Flora Purim, nos Estados Unidos. Aqui mesmo, o

Paulo de Carvalho, no Brasil ainda, um conterrâneo meu, o Abel Duerê. No outro dia, a SPA informou-me que foi contactada por uma cantora de São Paulo que eu não conheço, e está interessada em gravar um dos meus temas. Outros interessados são o Martinho da Vila e a Beth Carvalho.»

- O que pensas fazer depois do teu disco estar à venda? Vais tentar outros mercados?

- «Não gostaria de ficar limitado a Portugal. Gostaria de tentar outros mercados, como França e Inglaterra, por exemplo.»

- E em África? Ficas-te por Angola?

- «Agora, que tenho o disco, preciso é de me apresentar no maior número de países possível, quer africanos, europeus ou americanos.»

- A sensação que eu tenho é a de que a música africana não circula em África. Porque? Sabes explicar-me?

- «Não sei qual o motivo. Talvez o problema esteja na falta de indústria discográfica.»

- Será só isso ou os músicos africanos estão mais interessados numa carreira noutros continentes em detrimento do seu?

- «Talvez... Eu gostaria que o meu disco também fosse distribuído em África. Não acredito é que seja fácil.»

Fixem-lhe o nome. Quando puderem ouçam a sua música. É honesta e tem qualidade

Maria José Belo Marques

Segredo e liberdade

Ocidentalismo

Quando cheguei, já a família tinha começado. Por isso, não posso dizer o nome do senhor bispo que se dirigia à grande Assembleia de Fátima e à grande audiência de Portugal inteiro.

Falava das transformações verificadas a Leste e da necessidade de lhes responder com redobrado espírito evangélico e sentido de justiça. «Mal seria — disse — que, saídos de uma tirania, se vissem a braços com uma tirania pior: o ocidentalismo consumista e permissivista.»

No seu andar, vogando numa nuvem de rosas brancas, Nossa Senhora, de mãos postas, parecia aplaudir. Mas, ó Mãezinha, o que é que o «ocidentalismo» tem para dar sem ser aquilo?

Ordem para matar

«Tenho 12 anos e sou soldado.» Era o nome de uma notável reportagem sobre as condições desumanas que obrigam as crianças a empunhar as armas e a matar. Dificilmente vamos esquecer aquele menino moçambicano a quem a Renamo matou os pais depois de os torturar. Ei-lo depois coagido a empunhar uma arma e atirado para os pontos mais quentes da guerrilha...

Aliás, na reportagem de Joaquim Furtado sobre a Nicarágua, já víamos crianças-soldados no bando dos contra.

Não nos deixemos iludir pelo que acontece longe de nós. Olhemos em volta. As crianças obrigadas a esmolar, a roubar, a traficar, a prostituir-se.

Tudo formas de matar. Com

Ministro.

Cada qual tem sua câmara privativa.

Raras são as emissões onde não apareçam. Tudo sob controlo. Se o PR vai a um lado, o PM vai a outro.

O PR ganha em banhos de multidão. O PM ganha em cortar fitas.

Não se opõem porque falam. Opõem-se porque estão. Um de um lado, outro do outro. Um a dar, para ser popular. Outro a ser popular, para vir a receber.

Mas *Telejornal* não é imparcial. PM vem sempre na primeira página, PR vem

cal que...

Paulo Nogueira, no mesmo sítio: «Foi precisamente neste local que...»

Que falta de imaginação!

Por que se espera?

Não se pode dizer que não haja produção nacional. Há sintomas, não há prioridade. É possível, mas a possibilidade não é programada. E morre.

Vitor Silva realizou (o Fosso e o Pêndulo) um conto de Luísa Costa Gomes. Sabiamente construído o clima opressivo. A sugestão, a ambiguidade, a história que

ao encontro de uma certa realidade quotidiano. De aplaudir. Mas a ficção deve resolver-se com ficção e não com dicção.

Os alunos vão muito bem. Os professores vão muito mal.

Mais do que uma realidade, estamos diante de uma promessa. Não a deixem morrer.

Dizer é semear

No «Eterno Feminino» houve três momentos em que aconteceu televisão.

Primeiro, a reportagem do nascimento de uma criança, conduzida por Cristina Arvelos. O espectador sem poder afastar os olhos. Nascer é sempre a grande aventura.

A repórter, no final, declarou ter ficado com medo. Não há mal em senti-lo, há mal em dizê-lo. Dizê-lo é semeá-lo. As novas técnicas do parto procuram, inclusive, eliminá-lo.

Felizmente, há mulheres que não têm medo. Não têm pelo menos, medo de enfrentar o medo. Como aquela senhora mãe de nove filhos...

Nove contra o medo

Chama-se Maria do Rosário Carneiro, é mulher de Roberto Carneiro, ministro da Educação.

Foi um bom momento de televisão, porque? Pela simplicidade, naturalidade, total ausência de agressividade. Estamos longe dos ares pernósticos, da postura de salão dourado. Mas igualmente sem os excessos de intimidade que a televisão não aprecia. Os telespectadores gostam de ser tratados como visitas amigas e não como parentes.

Maria do Rosário. Nove filhos, catorze vezes a entrar e a sair de casa em cada tarde. Além disso, o seu trabalho, a sua profissão. As recordações. Quando teve o primeiro filho, por exemplo. A sua ansiedade por vê-lo, receosa de que lho trocassem, e a enfermeira: «Mas ó minha senhora, mas mesmo que nós o trocássemos, ninguém o queria...»

Nove filhos. Professora universitária na cadeira de Planeamento Económico. Correcto. Se fosse do Planeamento Familiar era um desastre.

Boa presença, por todos os motivos. Até para contrariar, com o seu exemplo, o medo da Cristina Arvelos.

Uma resistente chamada Azulina

O terceiro momento do *Eterno Feminino* leva-nos a uma tasca. Onde se encontra uma velha, a D. Azulina.

Um espectáculo de graça, de ironia, de força popular, a humanidade que resistiu a tanta desumanização escrita naquele rosto...

Pena foi que a repórter, depois de insistir para que ela cantasse, visse o seu trabalho mutilado e censurado



«Um a dar, para ser popular. O outro a ser popular, para vir a receber.»

sempre nas páginas interiores.

A paginação determina a hierarquia.

Falta de imaginação

Reduzida foi a atenção prestada pela Televisão à visita do PR à Suécia. Embora

se insinua mais do que se conta.

Nem uma palavra que pudesse desviar a corrente. Nem uma palavra, nem um som humano. Os próprios passos são silenciados. Apenas, ameaçadoras, as coisas falam: as bolas do bilhar, os dados, os brinquedos metálicos, os automóveis...

Estas histórias do real poético podem contar com a cumplicidade do pequeno ecrã. Acresce que há material, autores, actores, realizadores, técnicos portugueses.

Por que se espera para programá-las?

Promessa

Direi o mesmo relativamente à série «Os Melhores Anos». Produção *Telecine*.

Há uma escola dedicada a António de Melo. Festeja-se o dia do patrono. Professores e alunos vão procurar saber quem é esse tal de Melo...

Depois, há um aluno que corta o cabelo à escovinha, parece um *skinhead*. Aparecem nas paredes inscrições anti-semitas. Surgem as desconfianças que não se confirmam. Descobrem quem é e um professor dá prelecção.

O anti-semitismo não é problema entre nós. Há outras formas larvares de racismo que talvez fosse mais útil atacar.

O autor da série é João Aguiar, nome importante da literatura portuguesa actual. «Os Melhores Anos» tem chancela de qualidade.

As histórias procuram ir



«...Nossa Senhora, de mãos postas, parecia aplaudir»

num fado, aliás, carregado de malícia crítica. Quer dizer: *Eterno feminino* pode ouvir um gigolô a debitar tolices alvares — mas não pode ouvir falar de putas, num fado onde já as palavras mais cruas tinham sido caridosamente limadas...

D. Azulina... ouviram-na cantar, ouviram? Aquilo é que é cantar bem o fado, aquilo é que é o fado! Ponham ali os olhos. Senhores e senhoras fadistas de salão.



«D. Azulina... ouviram-na cantar, ouviram?»

Teresa Guilherme: não destrua esta peça. Quando fizer uma antologia do seu programa, ela tem lugar certo.

Portas, o craque

Controvérsias sucede a *Concordo ou Talvez Não*, programa que Mário de Figueiredo popularizou.

É bom para noctívagos. A última emissão começou à meia-noite e meia hora...

Falou-se agora das relações entre a liberdade de Informação e o segredo de justiça, seus conflitos e suas fronteiras. Base dos jornalistas, Paulo Portas com os seus convidadas Ramos Pinheiro e Helena Sanches Osório; base do «segredo de justiça» António de Araújo Cluny, presidente do Sindicato dos Magistrados do Ministério

Público, com os seus convidados os juristas Eduardo Lobo (que já pertenceu ao corpo redactorial do *Diário de Lisboa*) e Júlio Castro Caldas.

Motivações imediatas: o levantamento, pelo *Independente*, dos casos Ministério da Saúde e Melancia.

Não chegou a haver confrontação autêntica, género «o segredo de justiça não deve» e «o jornalismo não pode». Ter-se-á chegado até a um consenso: a investigação jornalística e a acção judicial são complementares.

Claro, o Ministério Público não pode admitir a violação do segredo e um jornalista responsável não deve proclamá-la, pois não é tão tolo que ofenda a lei. Um jornalista não deve abdicar do seu direito de informar e o Ministério não é tão tolo que lho negue...

A verdade é que o segredo de justiça tem sido muitas vezes utilizado para obstruir... a justiça. É verdade que se torna por vezes difícil determinar a fronteira entre os interesses dos «violadores». E os deveres da Informação. Nenhuma dialéctica, por mais brilhante, vai convencer alguém de que um jornalista, só com seu faro, pode descobrir um processo guardado no labirinto da Procuradoria. Em resumo: o que faz correr os Gargantas Fundas?

Uma palavra para Paulo Portas que foi a grande figura do encontro. Tratou a câmara, como o Futre a bola. A imagem, a dicção, o discurso. E a câmara gosta de quem gosta dela. O perigo da TV consiste em que, por vezes, não é a verdade que se mete pelos olhos dentro.

Não será o caso. Mas como é que a direita tem lá este craque e não o utiliza? Porque ele não quer? Ou porque ele não será tão da direita como pensa? Mistério.

Mário Castrim



«Não nos deixemos iludir pelo que acontece longe de nós. Olhemos em volta»

outras armas. Mais sofisticadas.

A arte de paginar

Assistimos em *Telejornal* a um duelo entre o Presidente da República e o Primeiro-

houvesse dois enviados especiais, um à conta do *Telejornal*, outro à conta do *Jornal das Nove*.

Isabel Horta, ao pé do lugar onde mataram Olaf Palme: «Foi precisamente neste lo-

DESPORTO



O adjunto Toni (40 anos completados no domingo) comanda o pelotão da selecção principal no último apronto para o jogo de hoje

Às 21, nas Antas, no Portugal-Holanda

Futre: duas pernas por um milhão

Até ao cair do dia, a presença de Paulo Futre no «onze» português que vai receber a formação holandesa, no Estádio das Antas, está no trampo-lim.

— Como te disse ayer, quero jogar e assumo toda a responsabilidade...

Paulo Futre, esta manhã, perante o jornalista Trindade Guedes, garantia à Rádio Renascença:

— Acredito que sou capaz de fazer o jogo. Tenho ligeira preparação física mas acredito que logo à noite poderei conseguir a grande alegria de dar o meu contributo à selecção nacional.

Artur Jorge, depois do treino desta manhã, contou para a imprensa que só lá para as 19 horas estará completamente certo do «onze» que vai confrontar-se com o novo «team» da laranja mecânica que, embora desprovido do seu melhor potencial (Rijkaard renunciou à camisola holandesa, Koeman está às turras com o treinador e Woeters encontra-se lesionado) já pode contar com Van't Schip, que esteve no Porto, voltou no mesmo dia a casa para assistir ao feliz parto da mulher e, daí a pouco, voava novamente pa-

ra o Porto, chegando ontem ao fim da tarde às Pedras Rubras e logo se incorporando no seu bloco que, às 21 horas e sob a direcção do juiz alemão Siegfried Kirschen, deve inicialmente alinhar do modo seguinte: Van Breuklen; Van Tiggelen; Rutjes e Valckx; Blind, Vanenburg, Winter e Witschge; Van't Schip e Gullit; Van Basten.

Quanto aos portugueses e contando com Paulo Futre, Artur Jorge poderá formar assim as suas hostes: Silvino; João Pinto, Veloso, Venâncio

e Leal; Oceano; Vítor Paneira, Carlos Xavier e Paulo Futre; Cadete e Rui Águas. Há, porém, hipóteses fortes de Semedo e Kiki poderem ser chamados à efectividade, especialmente se o «canhotinho de ouro» continuar lesionado na coxa esquerda e (por intermédio de Kiki) haver um 2.º homem a travar Gullit, tarefa que nos parece talhada para Oceano. Quanto a Semedo, poderá ocupar o posto de Carlos Xavier (defesa que não está rotinado na linha intermédia) havendo ainda uma



Valckx: o defesa esquerdo que desce muito pelo seu flanco

possibilidade de Domingos (menino bonito das Antas) ter uma palavra na escolha do seleccionador, que também é treinador do FC Porto e (portanto) conhece perfeitamente as potencialidades dos seus pupilos e do mesmo modo encara como muito favorável o facto deles se irem exhibir perante um público que os irá incentivar muito particularmente.

Enfim: falta pouco para este segundo exame da turma verde-rubra que ontem, à porta fechada, no palco onde hoje se exhibe, ensaiou lances de pontapé livre, pontapé de canto, grandes penalidades e centros (alternados) da direita e da esquerda para a recolha por Rui Águas, bem como tabelinhas a facilitarem a entrada pelo meio campo de qualquer outro atirador à baliza de Van Breukelen.

Facto inédito no futebol português: calculando que Paulo Futre possa alinhar, a federação fez um especial seguro a seu favor, no montante de um milhão de contos, em caso de lesão que o impeça de prosseguir a carreira ou seja de longa demora no tratamento.



Treino holandês: Gullit no centro das operações

Sporting foi bem enrolado

Silas à porta de Itália

O internacional brasileiro Paulo Silas, que esteve ao serviço do Sporting e que actualmente milita no Central Espanhol (Uruguai) viajou ontem para o Brasil para acertar os pormenores da sua transferência para o Cesena, da 1.ª Divisão italiana.

Paulo Silas Prado Pereira (25 anos, 1,78 de altura e 72 quilos de peso) jogou três desafios pelo Central Espanhol tendo obtido outros tantos golos, dando assim forte contributo para a liderança do campeonato. É casado e pai de um bebé, pertencendo (no Brasil) à colectividade evangélica denominada Atletas de Deus.

Durante a sua permanência em Portugal, ao serviço do Sporting, o futebolista viveu diversos problemas, chegando inclusive a ser-lhe instaurado um inquérito devido ao facto de se ter apresentado em Alvalade já com a preparação em pleno andamento.

Recorda-se que, face a não ter pago o seguro do atleta e com alguns vencimentos em atraso, o Sporting (que pensava vender o passe do jogador para Itália, no termo desta temporada) foi obrigado a abrir mão de Silas, a favor do empresário Juan Figer, que tinha já montado um plano para que o cento-campista brasileiro não desse (agora) um tostão de lucro aos «deões».

Carnevale e Peruzzi jogam na UEFA?

O Roma pediu à Federação Italiana de Futebol esclarecimentos sobre se Andrea Carnevale e Angelo Peruzzi (suspensos por um ano devido a uso de «doping») poderão defrontar o Valência (Espanha) na 22.ª eliminatória da Taça UEFA.

A União Europeia de Futebol (UEFA) foi informada pela Federação Italiana da suspensão de Carnevale e Peruzzi mas até ao momento, ainda não recebeu os relatórios da decisão adoptada. O envio dessa documentação à UEFA implicaria a extensão da suspensão do guarda-redes Peruzzi e do avançado Carnevale das competições europeias.

O Roma tem uma semana para recorrer da sanção disciplinar, podendo os jogadores apresentar igualmente o pedido de revisão do processo. Um eventual recurso será apreciado pelo Comité de Apelo da Federação Italiana, cuja decisão é definitiva. Até à sentença do Comité de Apelo, os jogadores do Roma estão proibidos de fazer declarações, decorrendo os treinos da equipa à porta fechada.

Assassinado quando jogava

O guarda-redes Claudio Heintz, do clube argentino Branco e Negro (da cidade Coronel Suarez) foi assassinado à facada durante o encontro com o Peñarol de Pigue, a contar para o Campeonato Regional. Heintz (21 anos) foi atingido num pulmão durante os graves tumultos provocados pelos adeptos dos dois clubes, cujo confronto terminou empatado a um golo. A Polícia local deteve seis suspeitos, entre os quais se julga encontrar o causador da morte de Claudio Heintz.

Há cerca de dois meses foi abatida uma criança de nove anos, vítima de um disparo de um agente policial ocorrido durante os incidentes registados num encontro de futebol, em Mar del Plata, ao sul da capital.

SMALTEX

SMAL — Sociedade Mecânica e Acessórios, Ld.ª

TINTAS
VERNIZES
DILUENTES

TINTAS
VERNIZES
DILUENTES

R. S. Sebastião da Pedreira, 29 - 1.º Tel. 352 10 67 1000 Lisboa

DESPORTO

Como por esse mundo fora a distância entre os postes ainda não cresceu e os continuadores de Riade estão afinando o diapasão pelos colegas mais velhos, ninguém chutou ao golo, no embate de esperanças que terminou empatado a zero

Lei da FIFA vai tardando

Terreno lamacento (prejudicando a melhor técnica portuguesa), uma arbitragem que (entre outras falhas) desconheceu um flagrante derrube a Abel na grande área contrária, meio-campo onde Sousa e Hélio prepararam muitas jogadas para um eventual disparo de João Pinto, mas a que o nosso madrileno não conseguiu corresponder (sempre tapado por Karnebeek), um par de centrais muito seguros (Fernando Couto e Paulo Madeira) mesmo assim o nosso guarda-linha (José Carlos, do Varzim) a mostrar muita classe e atenção em dois momentos de perigo criados pelos holandeses, quando o tempo se escoava e o pouco público presente no Bessa já tinha começado a debandar.

Uma verdade incontestável: sem rematar à baliza, não se conseguem golos. E Portugal, embora dominando mais tempo um espectáculo tornado deficiente pelo estado do relvado, raramente conduziu perigo até jungo das malhas à guarda de Van der Sar. Mesmo quando tinha em jogo dois extremos (Folha e Amaral) continuou conduzindo a bola pelo centro: erro fatal para o bloco às ordens de António Oliveira.

Um pragmatismo holandês travou no Estádio do Bessa, os ímpetus da selecção nacional que se apresentou algo sonhadora, obrigando-a a um nulo na sua própria casa.

A partida iniciou-se com a «turma das quinas» a denotar uma clara tendência atacante, que só não surtiu em golos devido a alguma falta de sorte.

Os holandeses, por seu lado, começaram um pouco nervosos tendo nos primeiros minutos do jogo grandes dificuldades em parar os extre-

mos portugueses.

Aos 7 minutos, Jorge Couto executou um centro do lado esquerdo do seu ataque para a entrada da área onde Hélio de pronto rematou forte ao lado da baliza de Van der Sar.

A partida registava então um forte assédio da selecção nacional distinguindo-se, Jorge Couto e Paulo Sousa execu-

Hélio retribuir «o favor» a Jorge Couto, endossando-lhe o esférico para o interior da área holandesa com o pequeno jogador «azul-branco» ainda a tentar a emenda mas a enviar o esférico para as mãos de Van der Sar.

Abel, protagonizou aos 24 minutos a jogada mais polémica do desafio, quando após driblar um adversário entrou

o discernimento necessário para «furar» aquela barreira.

Os minutos finais da partida do Bessa foram jogados por ambas as equipas mais com o coração do que com a cabeça, dando lugar por vezes o futebol a quezílias entre os jogadores de ambas as equipas. Em suma, o resultado apresenta-se justo, quer pela entrega quer pelo futebol de-



E o árbitro a um passo...



Dois holandeses para cada lusitano

tando jogadas de excelente corte técnico.

Brian Roy, por seu lado era o único jogador «laranja» que tentava «remar contra a maré» através de jogadas individuais que nunca causaram, no entanto, grande perigo para as redes nacionais.

Aos 19 minutos foi a vez de

na área tendo sido agarrado e rasteirado por Karnebeek, sem que o juiz da partida tivesse assinalado nada.

Brian Roy aproveitava então aos 26 minutos um ressalto de bola desferindo de fora da área um forte remate que saiu um pouco ao lado do poste esquerdo da baliza de Zé Carlos.

Até ao final do primeiro tempo a partida manteve a mesma toada com os holandeses a utilizarem frequentemente a defesa em linha saindo rapidamente para o contra-ataque quase sempre protagonizado por Brian Roy.

A segunda parte constituiu para a selecção portuguesa a confirmação das carências que já vinha denotando no final da etapa inicial. Aos 48 minutos Brian Roy apontou um livre do lado direito do seu ataque com a bola a cruzar a área nacional sem que nenhum jogador lhe conseguisse chegar.

Paulo Sousa, que na segunda parte acusou o esforço despendido durante a etapa inicial, aproveitou aos 61 minutos um falhanço de Van der Sar, que deixou passar a bola por baixo, para centrar para o miolo da área onde só estava Elzinga que pôs cobro à situação.

Com o passar do tempo era nítida a intenção da equipa holandesa em fechar os caminhos para a sua baliza faltando já nesta altura à nossa selecção

envolvido por ambas as equipas no decorrer dos noventa minutos.

A arbitragem do juiz irlandês não esteve isenta de erros, tendo prejudicado a selecção portuguesa ao não assinalar uma grande penalidade cometida sobre Abel, aos 24 minutos.



Espectáculo sem golos abriu com esta selecção portuguesa

Perto do final do jogo, o árbitro irlandês M'Knihurt foi falar com um fiscal de linha e, logo depois, dirigiu-se para o banco dos holandeses onde, após uma breve troca de palavras, mostrou ao técnico Nol de Ruiter um papel que este assinou. Desconhece-se o teor desse documento.

Próximos jogos: Malta-Portugal (8/2/91), Holanda-Malta (12/3/91), Holanda-Finlândia (16/3/91), Finlândia-Holanda (4/6/91), Finlândia-Malta (26/6/91), Portugal-Finlândia (10/9/91), Holanda-Portugal (15/10/91) e Malta-Finlândia (16/10/91).

Por aí fora

Outros jogos de esperanças a contar para o Campeonato europeu: Roménia, 0-Bulgária, 1 e Escócia, 4-Suíça, 2 (Grupo 2); Irlanda, 3-Turquia, 2 e Inglaterra, 0-Polónia, 1 (Grupo 7) e Áustria, 10-Liechtenstein, 0 (Grupo 4).

Após este encontro, a classificação está assim ordenada:

	J	V	E	D	G	P
Portugal	2	1	1	0	1-0	3
Holanda	1	0	1	0	0-0	1
Finl.	1	0	0	1	0-1	0
Malta	0	0	0	0	0-0	0



João Pinto sempre na sombra de Karnebeek

É o primeiro daquelas origens

Braga contrata israelita

O Sporting de Braga assegurou a contratação do futebolista israelita, Ohana Eli, que se encontrava ao serviço do Malines da Bélgica.

Ohana, 26 anos, está cotado como sendo o melhor avançado do seu país, tendo ao serviço do Malines conquistado uma Taça das Taças e uma Supertaça europeia na época de 1987/88.

Taça de Portugal: Maximinense continua

O Maximinense garantiu o apuramento para a terceira eliminatória da Taça de Portugal ao vencer, no seu campo, o Santa Maria (2-1), em encontro que estava em atraso desde o último domingo.

3.ª Divisão: acerto

O Vilafranquense venceu no seu campo, o Portosantense por 3-0, em jogo que se encontrava em atraso da quarta jornada do Campeonato da Terceira Divisão Nacional, Série «E». Classificação: 1.º, Lusitânia, 11 pontos; 2.º, Fanhões, 10; 3.º, Praiense, 9; 4.º, Machico, Odivelas e Samora Correia, 8; 7.º, Musgueira, Câmara de Lobos, Malveira e Vilafranquense, 7; 11.º, Futebol Benfica, 6; 12.º, Portosantense, 5; 13.º, Vilanovense, 4; 14.º, Estremoz, Cartaxo e Arronchense, 3; 17.º, Borbense e Marinhas, 1.

DESPORTO

Automobilismo

Sainz: líder em S. Remo

O espanhol Carlos Sainz, em Toyota, ascendeu à liderança do Rali de São Remo (Itália), ao vencer a segunda etapa da prova, disputada num percurso de 411 quilómetros.

Sainz destronou do comando do rali o italiano Massimo Biasion, que embateu com o seu Lancia num rochedo, provocando danos na suspensão dianteira, sendo agora terceiro classificado, a escassos três segundos do finlandês Juha Kankkunen, segundo da geral.

O alemão Armin Schwarz, segundo classificado no final da etapa inaugural, foi também infeliz na tirada de ontem ao «capotar» o seu Toyota, relegando-o para a décima posição da geral.



Carlos Sainz: o seu Toyota andou mais rápido do que os Lancia

A etapa ficou ainda marcada pelo intenso domínio da Lancia, com os carros da marca italiana a ocupar presentemente do segundo ao oitavo lugar da classificação.

Geral, após a segunda etapa: 1.º, Carlos Sainz (Espanha), Toyota, 4.26,40 horas; 2.º, Juha Kankkunen (Finlândia), Lancia, 4.27,55; 3.º, Massimo Biasion (Itália), Lancia, 4.27,58; 4.º, Didier Auriol (França), Lancia, 4.28,17; 5.º, Dario Cerrato (Itália), Lancia, 4.29,56; 6.º, Alessandro Fiorio (Itália), Lancia, 4.00,00; 7.º, Pier Deila (Itália), Lancia, 4.32,05; 8.º, Piero Liatti (Itália), Lancia, 4.32,30; 9.º, Mikael Ericsson (Suécia), Toyota, 4.32,37; e 10.º, Armin Schwarz (Alemanha), Toyota, 4.32,40.

Desportos náuticos em debate

Para debaterem acções em conjunto para animação do rio Tejo com competições náuticas e encontrar soluções para um maior aproveitamento das margens do rio em termos desportivos, reuniram-se os vereadores dos pelouros do desporto das Câmaras Municipais de Lisboa, Rego Mendes (que organizou a reunião), Loures (Manrique Ribeiro), Almada, (António Matos), Vila Franca de Xira (Acácio Barreiros), Oeiras (Celorico Moreira), Barreiro (Carla Marina), Alcochete (José Jorge Ferreira) e Montijo (Francisco José Saragaço).

O vereador de Lisboa falou das potencialidades que a vela, através da classe de «optimist», tem para se desenvolver em todos os Municípios por se tratar de embarcações que custam 30/40 contos, havendo inclusivamente a possibilidade de colocação de monitores para ajudarem os jovens; enquanto o remo e a canoagem são modalidades que têm o empenhamento das colectividades como a Associação Naval de Lisboa, por isso encontram espaço para se desenvolverem.

António Matos (Almada) falou das excelentes condições para a prática da vela que a baía do Seixal oferece, enquanto lamentava que Almada não tenha de momento qualquer clube a praticar desportos náuticos.

As negociações sempre difíceis com a Administração do Porto de Lisboa foi outro tema em debate, tal como a prometida construção de marinas.

Os vereadores por Loures e Montijo, sem a necessidade de existência de um grupo de trabalho para pressionar a entidade portuária, enquanto Oeiras defendeu a existência de um programa de actividades para defesa do rio Tejo, nomeadamente com os barcos tradicionais.

Ficou entretanto assente a realização de reuniões conjuntas, mas agora entre técnicos.

Ténis

Steffi Graf é quem mais factura

A tenista Steffi Graf, é a jogadora, que até ao momento, mais dinheiro ganhou esta época no circuito profissional, foi ontem revelado em Miami.

A lista está assim estabelecida:

1.ª, Steffi Graf, Alemanha, 1 144 070 dólares (cerca de 150 mil contos); 2.ª, Martina Navratilova, Estados Unidos, 1 041 380 dólares; 3.ª, Monica Seles, Jugoslávia, 885 924 dólares; 4.ª, Gabriela Sabatini, Argentina, 681 783; 5.ª, Jana Novotna, Checoslováquia, 532 732; 6.ª, Zina Garrison, Estados Unidos, 487 193; 7.ª, Helena Sukova, Checoslováquia, 422 184; 8.ª, Arantxa Sanchez Vicario, Espanha, 420 749; 9.ª, Natalia Zvereva, União Soviética, 393 363; 10.ª, Mary Joe Fernandez, Estados Unidos, 362 116.

«Ranking»

Elas: A lista das dez melhores jogadoras está assim ordenada: 1.ª, Steffi Graf, Alemanha; 2.ª, Martina Navratilova, Estados Unidos; 3.ª, Monica Seles, Jugoslávia; 4.ª, Gabriela Sabatini, Argentina;



Gabriela Sabatini e Steffi Graf: uma dupla de respeito

5.ª, Arantxa Sanchez Vicario, Espanha; 6.ª, Zina Garrison, Estados Unidos; 7.ª, Katerina Maleeva, Bulgária; 8.ª, Mary Joe Fernandez, Estados Unidos; 9.ª, Manuela Maleeva, Suíça; 10.ª, Conchita Martinez, Espanha.

Eles: 1.º, Stefan Edberg, Suécia, 1 251 991 pontos; 2.º, Boris Becker, Alemanha, 1 102 332; 3.º, Ivan Lendl,

Checoslováquia, 973 182; 4.º, Andres Gomez, Equador, 800 890; 5.º, Andre Agassi, Estados Unidos, 785 212; 6.º, Pete Sampras, Estados Unidos, 732 697; 7.º, Goran Ivanisevic, Jugoslávia, 641 510; 8.º, Emilio Sanchez, Espanha, 542 324; 9.º, Brad Gilbert, Estados Unidos, 511 803; 10.º, Thomas Muster, Áustria, 492 527.

Luta: portugueses no mundial

Os cinco atletas portugueses que integram a selecção nacional de luta greco-romana, já se encontram em Itália para, a partir de sexta-feira (dia 19) e até domingo, participarem no Campeonato do Mundo.

A equipa portuguesa partiu para Roma, ida de Barcelona onde participou num estágio no Centro de Alto Rendimento, em Saint Cugat des Valles, a 10km de Barcelona, com excelentes benefícios para o apu-

ramento técnico e físico, já que os nossos atletas tiveram como companheiros os espanhóis que também estão no Mundial e uma selecção búlgara que integra lutadores que ficaram fora da equipa.

Sob a direcção do treinador búlgaro Ivanov, a equipa portuguesa é constituída por Paulo Martins (74kg) e Fernando Gaspar (57kg), ambos do Benfica; Carlos Félix (62kg) e Pedro Silva (82kg), ambos do Sporting; e Adriano Costa

(52kg), emigrante em França e vice-campeão daquele país.

O Campeonato mundial realiza-se em Ost Lido, a 30km de Roma, localidade do Mediterrâneo com excelente pavilhão para a prática desportiva.

Acompanham a equipa, o presidente da direcção da federação portuguesa, Pedro Santos; o médico, Miguel Manças e o árbitro Mariano Pedro.

Rêguebi: iniciados de Direito vencem equipa inglesa

No primeiro jogo da sua digressão pelo nosso país, a equipa de iniciados da escola londrina Mill Hill foi derrotada pela sua congénere do Grupo Desportivo de Direito/Entrepósito pela contundente marca de 27-7. Refira-se, a título de curiosidade, que os futuros advogados permanecem invictos há dois anos.

O confronto foi duramente disputado num terreno bastante enlameado pelas chuvas caídas durante dois dias, mas os «putos» de Direito jogando sempre com acerto e placando prontamente os ingleses, foram ganhando a posse da bola que por vezes perderam nos alinhamentos e formações ordenadas.

Amanhã, Mill Hill defronta, à tarde, a turma de S. Miguel, repetindo o jogo com Direito/Entrepósito às 12 horas do próximo sábado.

Os dois encontros disputam-se no Estádio Universitário.

Xadrez: «match» nulo

A terceira partida do torneio da final do Campeonato do Mundo de Xadrez, a decorrer em Nova Iorque entre os soviéticos Garry Kasparov (titular) e Anatoly Karpov (candidato), terminou com um empate.

A partida fora interrompida segunda-feira, ao 41.º lance de Karpov, prosseguindo ontem até ao 53.º de ambos os jogadores, que concordaram no empate.

Kasparov, lidera a classificação do «match», após três partidas, com dois pontos, contra um ponto de Karpov, uma vez que a primeira partida também terminou empatada.

Relação dos lances da continuação do terceiro jogo:

Karpov (pedras brancas)	Kasparov (pedras negras)
41.º	KD6/K-Q3
42.º RA5/R-R5	FXG3/BPXP
43.º HXG3/PXP	HXG3/PXP
44.º NG2/N-N2	B5/P-N4
45.º RA6/R-R6 CH	KE7/K-K2
46.º RA7/R-R7 CH	KE8/K-K1
47.º RA8/R-R8 CH	BD8/B-Q1
48.º NXE3/NXP	BXC4/PXB
49.º NXC4/NXP	G4/P-N5
50.º KG2/K-N2	NE2/N-K7
51.º NE5/N-K5	GXF3+/PXP CH
52.º KXF3/KXBP	G2/P-N7
53.º RXD8+/RXB CH	Empate

Roberto Moreno rende Nannini

O piloto brasileiro Roberto Moreno vai substituir Alessandro Nannini na equipa da Bennetton-Ford nas duas provas que faltam para o Grande Prémio da Fórmula Um.

Moreno, (30 anos), foi cedido pela equipa «Euro-brun» que decidiu não estar presente no Grande Prémio do Japão, em Suzuka, e no Grande Prémio da Austrália.

Nannini, que recentemente renovara o seu contrato com a Benetton para 1991, depois de ter rejeitado uma proposta da Ferrari o mês passado, encontra-se hospitalizado em Florença após ter sido vítima de um acidente num helicóptero.

Apesar de ter sido submetido a uma operação para recuperar o antebraço direito, é ainda incerto o regresso de Nannini às competições de Fórmula Um.

Voleibol «coordenado» entre a CML e a Associação

O Pelouro do Desporto da Câmara Municipal de Lisboa e a Associação de Voleibol de Lisboa vão assinar um protocolo para promover a «coordenação de acções entre as duas partes, o seu planeamento integrado e curto e a médio prazo de forma a rendibilizar os meios, que são sempre limitados, em função das necessidades globais da comunidade.»

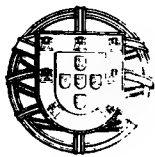
A definição de formas teóricas de colaboração através da celebração de programas anuais de cooperação; o estudo de forma integrada do desenvolvimento e promoção de acções conjuntas para conseguir a projecção e a afirmação desportiva da cidade de Lisboa, são algumas condições incluídas no protocolo.

A cerimónia da assinatura do protocolo realiza-se amanhã, às 12 e 30, no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Lisboa.

AGENDA

I Série N.º 240
Dia 17 de Outubro

DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Decreto n.º 44/90:

Aprova, para ratificação, o Acto de Estocolmo do Acordo de Lisboa Relativo à Protecção das Denominações de Origem e ao Seu Registo Internacional.

Ministério da Educação

Portaria n.º 1060/90:

Altera a designação do curso de bacharelato em Electricidade Industrial, ministrado na Escola Superior de Tecnologia do Instituto Politécnico de Faro, para bacharelato em Engenharia Eléctrica e Electrónica e aprova os planos de estudos para o regime diurno e para o regime nocturno.

PESSOAS & FACTOS

EIN e Infomac passam a actuar sob a mesma firma

A EINsi e a Infomac decidiram conjugar esforços e passar a actuar no mercado nacional sob a mesma firma - EIN - Empresa Informática do Norte, Sistemas de Informação SA.

A conjugação de interesses de sócios comuns conduziu já à celebração de um acordo de colaboração que esteve na base da decisão agora tomada que, visa responder à necessidade de constituir uma empresa com estruturas humanas, materiais e financeiras, capazes de garantir uma maior agressividade e uma resposta mais profissional, rápida e eficiente às solicitações de um mercado cada vez mais exigente em relação às novas tecnologias da informação.

Com um volume de negócios previsto, para este ano, de 450 mil contos, a Infomac tem 26 trabalhadores que agora se somam aos 30 que na EIN promovem vendas estimadas em 800 mil contos até ao final de 1990.

A EIN - Sistema de Informação, SA, reforça, assim, a sua posição no mercado nacional e prepara-se para enfrentar, com os seus clientes os desafios do Mercado Único Europeu de 1993.

Pentax eleita máquina fotográfica europeia do ano

A Pentax zoom 105 super foi eleita «Máquina fotográfica compacta do ano de 1990-91».

A Asahi Optical Co. Ltd. (Pentax), anunciou que a 'zoom 105 súper', foi seleccionada para aquela distinção e a empresa distinguida numa cerimónia de entrega do prémio que terá lugar em 4 de Outubro na Photokina, na Alemanha.

Seleccionada por um júri constituído por editores técnicos das 14 maiores revistas fotográficas de igual número de países europeus, este prémio é a prestigiada honra conferida à mais extraordinária máquina compacta lançada no mercado europeu, entre 1 de Julho de 1989 e o mesmo dia de 1990.

Uma máquina que representa a combinação de uma avançada tecnologia, funções desejadas, qualidade, design, bom manuseamento e valor, o que é provavelmente capaz de ser o mais apreciado por um público entusiasta da fotografia, á procura de imagens de elevada qualidade e possibilidades criativas.

Abertura do escritório da «The Image Bank» em Lisboa

Com 16 anos de existência a empresa norte-americana «The Image Bank» decidiu recentemente instalar-se em Portugal, na Praça dos Restauradores, 47, 4º andar, em Lisboa, com um escritório que centralizará a acção da prestigiada agência mundial de imagens.

Neste escritório, o 55º da «The Image Bank», as empresas estabelecidas em Portugal encontrarão para as suas necessidades de publicidade, promoção, edição e outras finalidades, centenas de milhares de fotografias e ilustrações produzidas por muitos profissionais de renome.

Através destes serviços os clientes terão acesso a um vasto arquivo que lhes proporcionará rapidamente as imagens mais adequadas a cada trabalho.

CONTINENTE

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco soprando moderado de Noroeste no litoral Oeste e terras altas. Aguaceiros diminuído de frequência. Pequena descida da temperatura. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação noroeste de 4 metros na Costa Ocidental e de pequena vaga com ondulação sudoeste de 2 metros na Costa Sul.

Amanhã
Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado nas regiões do interior Norte e Centro, onde ocorrerão aguaceiros. Vento Noroeste fraco a moderado. Nebolina ou nevoeiro matinal.

Depois de amanhã
Céu pouco nublado, tornando-se muito nublado a partir da manhã no litoral Oeste para o interior. Vento fraco de Sudoeste passando a moderado para a tarde. Períodos de chuva para o fim do dia. Pequena subida da temperatura. Nebolina ou nevoeiro.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento de Noroeste fraco a moderado. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação noroeste de 3 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação sudoeste inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco. Períodos de chuva fraca.

Amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento de Nordeste fraco a moderado.

Depois de amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento de Nordeste fraco a moderado.

AÇORES

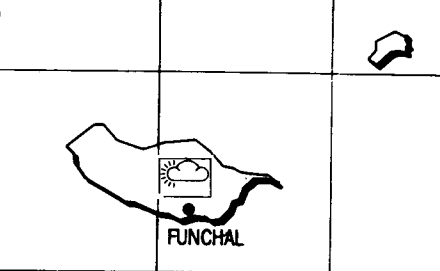
Grupos Ocidental e Central: Céu muito nublado, vento de Sudoeste moderado a forte. Períodos de chuva. Pequena subida da temperatura. Mar cavado com ondulação noroeste de 3 a 2 metros.

Grupo Oriental: Céu muito nublado. Vento Oeste fraco tornando-se de Sudoeste fraco a moderado a partir da manhã. Pequena subida da temperatura. Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de 3 metros.

Amanhã
Céu muito nublado. Vento de Sudoeste forte com rajadas rodando para Noroeste a partir da tarde, progressivamente do Grupo Ocidental para o Grupo Central. Períodos de chuva passando a aguaceiros. Pequena descida da temperatura máxima.

Depois de amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento de Noroeste moderado a forte com rajadas. Aguaceiros em especial no Grupo Oriental. Pequena descida da

MADEIRA



Céu limpo

Céu pouco nublado

Céu muito nublado

Chuva

Trovoadas

Neve

Vento

Mar calmo

Mar encrespado

Hoje

PREIA-MAR

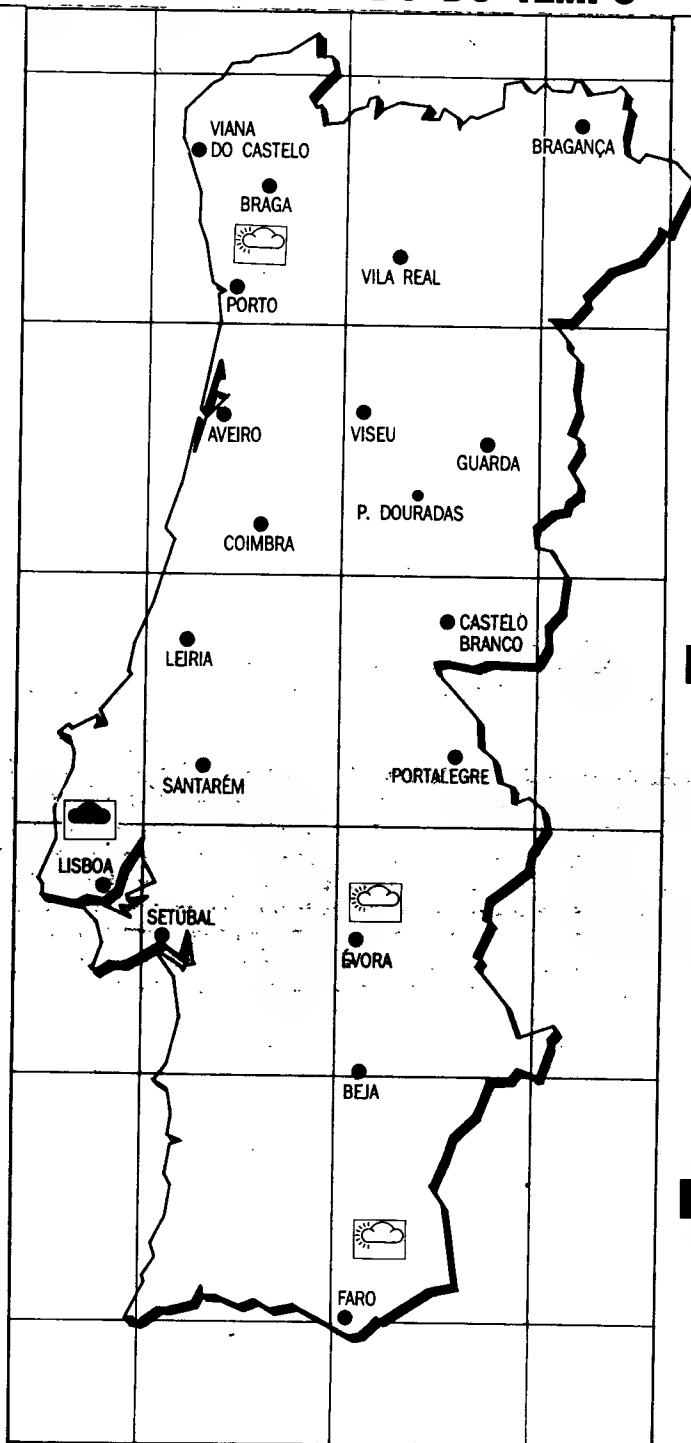
BAIXA-MAR

01.56 3,6m 07.37 0,8m
14.13 3,8m 19.58 0,8m

Amanhã

02.32 3,7m 08.10 0,8m
14.49 3,8m 20.27 0,8m

O ESTADO DO TEMPO



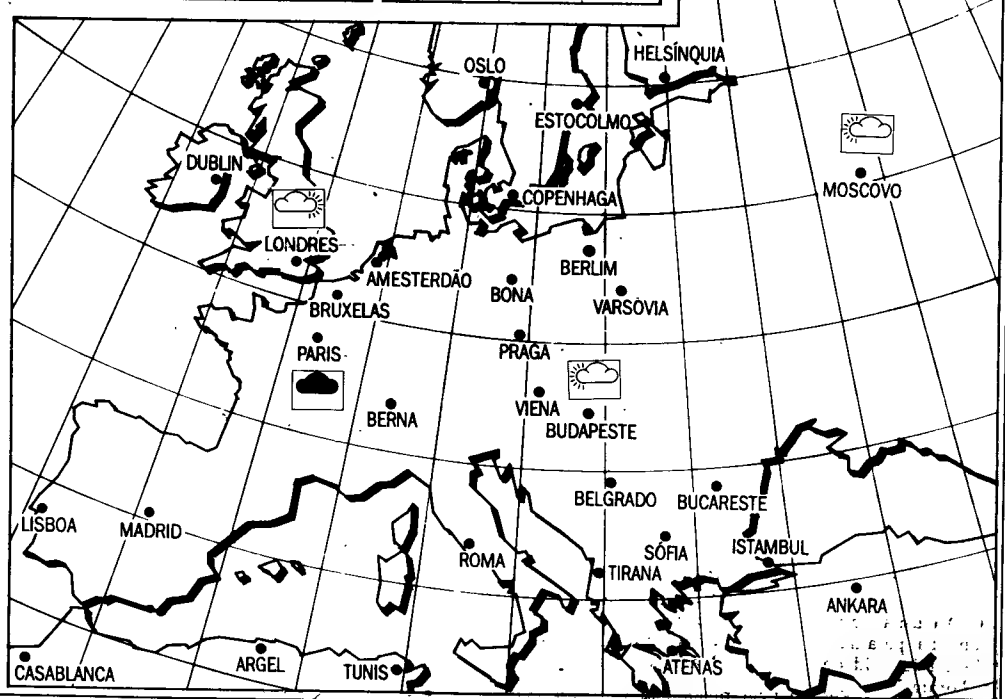
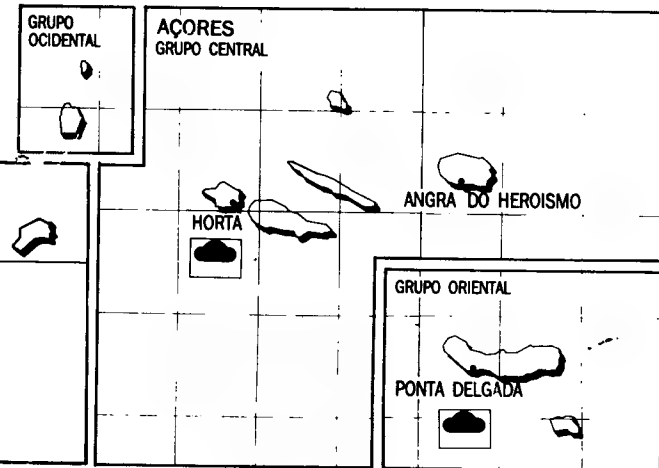
	Min.	Máx.	Às 6 h.
Bragança.....	8	9	M. nub.
V. Castelo.....	13	13	M. nub.
Vila Real.....	10	10	Aguaceiros
Porto.....	14	15	Encoberto
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	13	13	M. nub.
C. Carveiro.....	16	17	M. nub.
C. Branco.....	12	12	Nebolina
Portalegre.....	11	12	Chuva
Lisboa.....	14	14	P. nub.
Évora.....	13	13	Nebolina
Beja.....	13	13	P. nub.
Sines.....	16	16	P. nub.
Faro.....	12	12	P. nub.
Sagres.....	14	14	P. nub.
P. Delgada.....	19	20	Nebolina
Horta.....	20	20	Chuvoso
Funchal.....	18	18	P. nub.

EUROPA

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Madrid.....	12	12	P. nub.
Londres.....	12	12	Bruva
Paris.....	12	12	Nebolina
Bruelas.....	11	12	P. nub.
Amsterdão.....	9	11	Nebolina
Gembra.....	13	13	Nevoeiro
Roma.....	17	18	M. nub.
Oslo.....	10	10	P. nub.
Copenhaga.....	9	9	Nevoeiro
Estocolmo.....	10	10	Nebolina
Berlim.....	10	11	Nevoeiro
Vienna.....	8	8	Nebolina
Varsóvia.....	3	8	Nebolina
Atenas.....	15	17	P. nub.
Moscovo.....	6	7	Nebolina

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Buenos Aires.....	9	19	Limpo
Carcas.....	18	30	Nublado
Hong Kong.....	24	27	Limpo
Joanesburgo.....	13	23	Limpo
Los Angeles.....	18	25	Nublado
Montreal.....	14	17	Chuva
Nova Deli.....	19	33	Limpo
Nova Iorque.....	19	25	Limpo
Rio de Janeiro.....	21	26	Chuva
São Francisco.....	12	21	Limpo
São Paulo.....	15	21	Chuva
Tóquio.....	18	23	Nublado



AGENDA

FARMÁCIAS
LISBOA
SERVIÇO
PERMANENTE

Ameixoeira - Lumiar: Santos, Al. António Sérgio, 8-C - Urb. Quinta Santa Clara, Tel. 7598186; **Bairro Alto:** Pinharanda, Rua da Rosa, 94-96, Tel. 321334; **Boa-Hora - Ajuda:** Boa-Hora, Rua Quartéis, 25-27, Tel. 3637777; **Campo de Ourique:** Porfírio, Rua Francisco Metrass, 59-B, Tel. 3963349; **Chelas - Col. Valsassina:** Santos Silva, Zona N2 - Chelas - Bloco III - Lote 226, Lj. 22, Tel. 851265; **Chile:** Bastos, Rua Morais Soares, 91-D, Tel. 8144350; **Conde Redondo:** Salus, Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 542239; **Encarnação:** Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; **Fr. Popular - Av. República:** Alcântara, Av. da República, 74-A, Tel. 771379; **Praça de Londres:** Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B, Tel. 886860; **São Domingos Benfica:** Sousa, Estrada Benfica, 429-431, Tel. 780027; **São Sebastião:** - Frente à Igreja: São Sebastião, Largo São Sebastião da Pedreira, 1-3, Tel. 548642; **Brandão - Amadora:** Correia, Urb. Alformel - Cel. G - Lote 137 - Lj. B (Poente), Tel. 990122; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Santa Bárbara, Rua Francisco M. Beato, 75-A, Tel. 2518918; **Odivelas:** Leitão, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 62, Tel. 9320051; **Pontinha:** Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453.

REFORÇO

Alcântara: Nogueira, Rua Alcântara, 5, A-B, Tel. 3637563;

Almirante Gago Coutinho: Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **Alvalade - Av. Brasil:** Marbel, Av. Roma, 131-A, Tel. 776235; **Anjos - Chile:** Castro, Av. Almirante Reis, 76-A, Tel. 821973; **Benfica - Bairro das Pedralvas:** Gouveia, Rua Augusto Costa (Costinha), Lt. 4 - Lj. Dt.ª, Tel. 707500; **Caminhos Ferro:** Vilalobos Santos, Rua Cruz Santa Apolónia, 90-92, Tel. 8147019; **Castelo:** Bastos Andrade, Calçada Santo André, 107, Tel. 860450; **Lapa:** Neves, Rua Bela Vista à Lapa, 37, Tel. 3961251; **Picheleira:** Marluiz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Rego:** G. Silva, Rua Francisco Tomás da Costa, 3, A-C, Tel. 771873; **Saldanha:** Carreira, Av. Duque d'Ávila, 32-C, Tel. 543495; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA
DE CASCAIS

Algés: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17, Tel. 2114487. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duarte, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto**

Salvo: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184, Tel. 4432034. Até às 22 h; **Nova Oeiras:** Leal, Quinta da Palmeira, Lote 24, Tel. 2478737. Permanente; **Parede:** Macau, R. J. Elias Garcia, 42, Tel. 2471785. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7 - B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Marques Santos, R. Ferreira J.A., 15, Tel. 260116. Até às 22 h; **Cascais:** Marginal, Av. Marginal, Tel. 280078. Permanente.

LINHA
DE SINTRA

Amadora: Romeiro, Urb. Casal S. Brás, Lote 116, Tel. 4949050. Permanente; **S. Jorge:** R. Pedro del Negro, 5 - Reboleira, Tel. 4938703. Até às 22 h; **Damaia:** D. João V, Av. Gurgel Amaral, 2-A, Tel. 970461. Até às 22 h; **Queluz:** Pinto Leal, R. Ferreira Castro, 61 - Massamá, Tel.

4378402. Permanente; **Albergaria:** L. Prof. Dr. Jorge Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Central, R. Elias Garcia, 55, Tel. 9240034. Permanente; **Mem Martins:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A, Tel. 9214820. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Sintra:** Simões, R. Heliodoro Salgado, 26, Tel. 9230832. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA
BANDA

Almada: Cristo Rei, Av. Cristo Rei, 31-A, Tel. 2766498. Permanente; **Cova da Piedade:** Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62, Tel. 2750121. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 295436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Feijó:** Tovar Chaves, R. Dr. Ant.º Elvas, 104-D, Tel. 2296119. Até às 22 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Barreiro:** Higiénica, R. D. Manuel I, 178, Tel. 2073017. Permanente; **Baixa da Banheira:** Teixeira, R. Moçambique, 84-B, Tel. 2040946. Até às 19 h; **Corroios:** Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535484. Até às 19 h; **Amora:** Matos Lopes, R. 1.º Maio, Lote 401, Tel. 2216355. Permanente; **Seixal:** Seruca Lopes, Tv.ª Paz - Casal do Marco, Tel. 2210369. Até às 22 h; **Montijo:** Higiene, R. José Joaq. Marques, 142, Tel. 2310370. Até às 22 h.

HÁ 20 ANOS


A indústria não tem mão de obra

A falta de mão de obra (consequência da emigração), que tem vindo a criar sérias dificuldades à indústria, será objecto de uma nova exposição a enviar ao Governo pela Associação Industrial Portuguesa. A Direcção decidiu, assim, dar seguimento ao pedido que o Conselho Técnico lhe endereçara nesse sentido, com a esperança de que, com a criação do Secretariado Nacional da Emigração, venha o problema a ser encarado com urgência e eficácia.

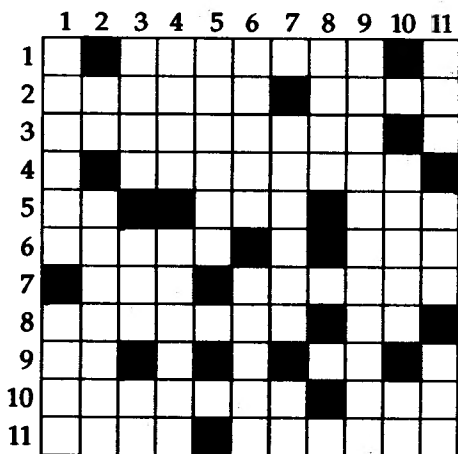
Rogers e Gromyko não chegam a acordo

William Rogers e Andrei Gromyko não conseguiram chegar a acordo sobre o facto de o Egipto ter ou não violado o cessar-fogo do Médio Oriente, revelaram hoje de manhã diversos funcionários americanos.

O Japão vai fabricar mísseis

Confirma-se que o Japão vai fabricar mísseis ar-ar Sparrow/Three, para equipar os seus caças a jacto Phantom - anunciou o Ministério japonês da Defesa.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 18025

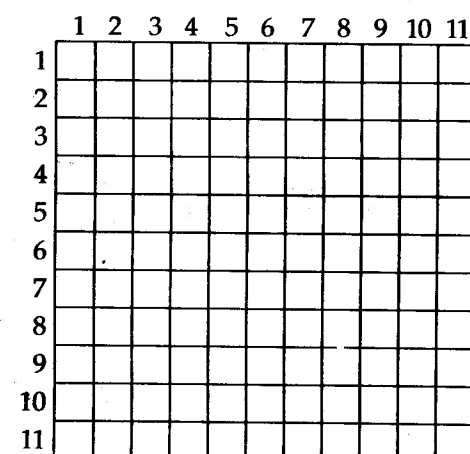
HORIZONTAIS:

- 1 - Artigo definido.
- 2 - Felicidade. Tempo do verbo ser.
- 3 - Magníficas.
- 4 - Ternas.
- 5 - Em a. Rio da Suíça.
- 6 - Percebo.
- 7 - Executar. Consentimento.
- 8 - Preposição e artigo (pl.). O mesmo que cirreia.
- 9 - Península da Rússia meridional, no mar Negro, ligada à parte continental pelo istmo de Perécipe, entre o mar Negro e o mar Azove.
- 10 - Era Cristã. Bário (s.q.).
- 11 - Angústia (fig.). Caminhar para cá.

VERTICAIS:

- 1 - Cidade de Itália. Invisual.
- 2 - Érbio (s.q.). Abranger.
- 3 - Vendam a crédito. Rata.
- 4 - Mamífero carnívoro semelhante ao leopardo. Capital da antiga cidade da Eritreia Italiana.
- 5 - Sentir ansia de.
- 6 - Pontal de areia em frente de Setúbal. Encalço.
- 7 - Ex-imperatriz da Pérsia. Artigo definido (ant.).
- 8 - Despidas.
- 9 - Cometa assassínio na pessoa de.
- 10 - Cesto de esparto, para se guardarem figos. Idem.
- 11 - Deus grega do amanhecer, filha de Hiperion e de Teia. Magnete natural. Arara.

Resolva completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16835

HORIZONTAIS:

- 1 - Freguesia do concelho da Anadia. Com. da Bélgica.
- 2 - Cidade da Arábia. Impar.
- 3 - Pronome pessoal. Cidade de Espanha.
- 4 - Antes de Cristo. Praia.
- 5 - Rei do Egipto. Prefixo de privação.
- 6 - Época. Prefixo de negação. General de Napoleão.
- 7 - Escritor português autor de «A Ceia dos Cardeais». O mesmo que cego.
- 8 - Imperador romano assassinado pelos seus soldados.
- 9 - Jogo dianteiro das carretas de artilharia.
- 10 - Cobre (s.q.). Ruim. Sonso (gir. bras.).
- 11 - Freguesia do concelho de Mondim de Basto. Cantigas.

VERTICAIS:

- 1 - Freguesia do concelho da Figueira da Foz. Centiare.
- 2 - Tornaram doce. Nome antigo da nota musical dó.
- 3 - Espaço de trinta dias. Capricho.
- 4 - Preposição. Tálio (s.q.). Nota musical.
- 5 - Feche as asas para descer mais depressa. Ópera de Verdi.
- 6 - Abreviatura que se usa em música. Imposto de transmissão. Nome antigo da nota musical dó.
- 7 - Estiagem. Sódio (s.q.).
- 8 - Invulgar. Desfile de carros.
- 9 - Cidade da Bélgica. Mil e quatro em romano.
- 10 - O mesmo que mar (gir.). Bradara.
- 11 - De esguelha. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Aveiro.

SOLUÇÃO
DO PROBLEMA
N.º 18 024

HORIZONTAIS: 1 - ANTES. Ps. As. 2 - Gaia. Quioto. 3 - Rum. Aulas. 4 - Asasemos. 5 - Rue. 6 - V.º Vaporosa. 7 - Esmola. 8 - Catraias. 9 - Go. Ratonas. 10 - Re. Ares. 11 - Rabiar. Soma.

VERTICAIS: 1 - Agra. VERGAR. 2 - Naus. Os. 3 - Timão. MC. Rb. 4 - Ea. Voarei. 5 - Assalta. 6 - QUE. PARTIR. 7 - Pulmão. Ao. 8 - Siao. Ruínas. 9 - Osseo. Aaro. 10 - At. Usasem. 11 - Somaras. Sa.

SOLUÇÃO
DO PROBLEMA
N.º 16 834

HORIZONTAIS: 1 - Bispaula. Fiá. 2 - Ásia. Arcava. 3 - Domo. Garbo. 4 - Alistarei. 5 - Jaó. Aramara. 6 - Or. Crê. Anão. 7 - Zio. Astros. 8 - Arad. Lê. Pó. 9 - Amadas. Miar. 10 - Moías. Coara. 11 - Oso. Pas-sar.

VERTICAIS: 1 - Badajoz. Amo. 2 - Isolárimos. 3 - Símio. Oraís. 4 - Mãos. Adão. 5 - Taradas. 6 - Lagares. 7 - Arara. TL. Cá. 8 - Cremare-mos. 9 - Fabiano. las. 10 - Ivo. Raspara. 11 - Aa. Cão. Orar.

PROVÉRBIO:
ANTES VERGAR QUE
PARTIR

EFEMÉRIDES

1977

- Comandos da RFA desencadeiam uma operação de libertação a um avião da «Lufthansa», desviado para um aeroporto da Somália por piratas aéreos, libertando os 86 reféns que se encontravam a bordo.

1978

- Têm início, formalmente, no Luxemburgo, as negociações com vista a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (CEE).

1984

- O secretário-geral da NATO, lord Carrington, rejeita, em Bruxelas, a ideia de se defender o ocidente sem armas nucleares.

1985

- Órgãos de Comunicação Social de língua portuguesa nas cidades canadianas de Toronto e Montreal passam a estar ligados a Portugal através do serviço da agência Lusa, que chega àquelas paragens graças a um contrato estabelecido com a «Portuguese Book Store», de Toronto.

- O Prémio Nobel da Literatura é atribuído ao escritor francês Claude Simon, 72 anos.

1987

- O governo espanhol desiste do projecto de construir uma lixeira nuclear em Aldeadavilla.

1988

- O Prémio Nobel da Medicina é atribuído ao britânico sir James Black e aos norte-americanos Gertrude Elion e George Hitchins pela descoberta de princípios importantes para o tratamento através de medicamentos.

1989

- Um violento sismo (6,9 na escala de Richter) abala São Francisco, na costa Leste dos EUA, matando mais de 270 pessoas, ferindo cerca de 1400 e provocando avultados prejuízos materiais na ordem dos 2000 milhões de dólares.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
UM SONHO DE MULHER
Filme de Gary Marshall
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

ASSALTO AO AEROPORTO
Filme de Renny Arlin
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

AIR AMERICA
Filme de Roger Spottiswoode
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

DICK TRACY
Filme de Warren Beatty
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

MO' BETTER BLUES - QUANTO MAIS MELHOR
Filme de Spike Lee
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CINE

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
DIAS DE TEMPESTADE
Filme de Tony Scott
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

AIR AMERICA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3

UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4

MO' BETTER BLUES - QUANTO MAIS MELHOR
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 5

CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6

DICK TRACY
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7

DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

48 HORAS - PARTE II
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

OLHA QUEM FALA
Filme de Amy Heckerling
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10

ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Valman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CINE CAMARGO

R. ... - T. 324194

PALPITAÇÕES

Filme de Ron Underwood
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30
JUSTIÇA IMPLACÁVEL
Filme de Michael Pare
M/12 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

T. 9434762
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Zalman King
M/16 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

DESAFO TOTAL
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
GAROTA ATREVIDA
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
CICLO MICHAEL POWELL, às 18.30
QUANDO OS SINOS DOBRAM
A RAPOSA
Com Jennifer Jones, às 21.30

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
Filme de Joe Dante
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA 1

Est. de Benfca 503 - T. 7145088
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.15 e 21.15

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1
NON OU A VÁ GLÓRIA DE MANDAR
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.45 e 22.00

AUDITÓRIO 2
SWEETIE
Filme de Jane Campion
M/12 - Às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
A CIGANA
Filme de Philippe de Broca
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
NON OU A VÁ GLÓRIA DE MANDAR
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 2

JULES E JIM
Filme de François Truffaut
M/16 anos - Às 14.00, 16.00,



«Non ou a Vá Glória de Mandar», de Manoel de Oliveira

18.00, 20.00 e 21.30

KING TRIPLEX 3

A VINGANÇA
Filme de Tony Scott
M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
19.30 e 21.30

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão - T. 538743
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

LIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
AIR AMERICA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
A VINGANÇA
M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLÍMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309
LIGAÇÕES AMOROSAS
Filme porno
M/18 anos
Sessões continuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 13.45, 16.15,
18.45 e 21.15 e 23.45

PLAZA 2

UM SONHO DE MULHER
M/12 - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.º Antão - T. 326305
O ÚLTIMO COMBATE DE BRUCE LEE
Filme de Robert Clouse
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
E A MORTE O NEGOU

Filme de Flora Gomes
M/12 anos - Às 14.30, 16.30,
18.30, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2

AMIGO REENCONTRADO
Filme de Jerry Schatzberg
M/12 anos - Às 16.30, 19.00,
21.45 e 24.00

QUARTETO 3

DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4

ENCRUZILHADA DE LUSÓES
Filme de Alan J. Pakula
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2

DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.15

SÃO JORGE 3

AIR AMERICA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

7ª PARTE

Av. da República - T. 730715
NON OU A VÁ GLÓRIA DE MANDAR
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

SINTRA

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TEATROS LUZ

R. António M.º Cardoso - T. 327172
CICLO - A FESTA DO CINEMA
VIÚVA... MAS NÃO MUITO
Filme de
Jonathan Demme, às 18.00

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
AIR AMERICA
M/12 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIN

Est. de Benfca, 723-A - T. 706666
JACKKNIFE
M/16 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA

ALMADA

ALMADA

ALMADA

ALMADA

ALMADA

ALMADA

ALMADA

ALMADA

ALMADA

T. 4934871

UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES

Telef. 9147570
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III

Telef. 4364845
Sala 1
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
A VINGANÇA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

CAPITÓLIO

Parque Mayer - T. 3466783
De 3ª a Sáb. às 20.30 e 22.45
Dom. e Feriados às 16.00 e 21.30
AI CAVAQUINHO

CASA DA COMÉDIA

R. S. Francisco Borja, 25 - T. 607299
Sáb. às 15.30 e 17.00
Dom. às 15.30
A MENINA DO MAR
De Sophia de Mello Brayer

CENTRO COMERCIAL DAS AMOREIRAS

Galeria 2062
Todos os dias às 19.00 (entrada livre)
VINCENT
De Leonard Nimoy, com encenação e
adaptação de António Feio,
interpretado por Virgílio Castelo

CHAPITÓ

R. Costa do Castelo, 7 - T. 861410
De 3ª a Dom. às 21.30
O PAPÃO ESTAVIA
De Fernando Gomes

COMUNA

Praça de Espanha - T. 7260818
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00

SALA 1
UM ELÉTRICO CHAMADO DESEJO
De Tennessee Williams
SALA NOVA
O ESTRANGEIRO EM CASA
De Richard Demarcy
CAFÉ TEATRO
Sexta e Sáb. às 24.00
PISCATÓRIA
De António Carvalho

GRUPO DRAMÁTICO

RANERO JOSÉ

Trav. Henriques Cardoso, 107 - T. 773856
Aos Domingos às 21.00
MATCHES DE IMPROVISAÇÃO E
ASSALTOS DE MÁSCARAS
Pelo Meia Preta

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco
Nicholson,
Augusto Fraga, Nuno Nazareth
Fernandes
e Fernando Ribeiro.

TEATRO ABERTO

P. de Espanha - T. 770969
4ª e 6ª às 21.45, Dom. às 16.00
LOUCOS POR AMOR
De Sam Shepard
5ª e Sáb. às 21.45, Dom. às 16.00
DESEJO SOB OS ULMEIROS
De Eugène O'Neill

TEATRO MARIA MATOS

Av. Fr. Miguel Contreiras, 52 - T. 897007
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
VÓRTICE
De Noel Coward

TEATRO NACIONAL

D. MARIA II

Praça D. Pedro IV - T. 322210
De 3ª a Sáb. às 21.30
Sáb. e Dom. às 16.00
MINETTI
De Thomas Bernhard

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

- 16.10 - PONTO POR PONTO
- 16.50 - O CORPO HUMANO
«O Sono e o Repouso»
- 17.15 - BRINCA BRINCANDO
Segredos de Mimix: «Super Rato», «Minet e o Cachorro», Mischa» e «Caderno Diário».
- 18.15 - RUA SÉSAMO
- 18.40 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
- 18.45 - RODA DA SORTE
- 19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA DIA A DIA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.15 - RODA DE FOGO
83º Episódio
- 21.10 - DESENHOS ANIMADOS/BOA NOITE
- 21.35 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«Nova Iorque Fora de Horas» (After Hours) E.U.A. (1985): a cidade de Nova Iorque está ligada à maior parte dos filmes de Martin Scorsese. Por vezes, de forma trágica, como acontece em «Taxi Driver»; outras vezes, de modo nostálgico, como no caso de «Nova Iorque, Nova Iorque». Em «Nova Iorque Fora de Horas», Scorsese conta uma



No 1º canal às 21.35,
«Nova Iorque Fora de Horas», de Martin Scorsese, em Lotação Esgotada



«As Três Damas do Quiosque», no 2º canal às 18.30

história marcada por um humor agressivo e desconcertante, quase negro. Para além do habitual sentido de espectáculo que o cineasta revela. Interpretes: Griffin Dunne, Rosanna Arquette, Verna Bloom, Thomas Chong, Cheech Martin e Linda Fiorentino, entre outros.

Duração: 93 minutos.

- 23.30 - 24 HORAS
- 00.05 - 24 HORAS
- 00.10 - O TEMPO
- 00.25 - REMATE

RTP-2

- 14.30 - AGORA, ESCOLHA!
- 15.55 - MADEIRA - CÁ ENTRE NÓS
- 16.50 - RECREIO 2
«Crystal Tipps e Allistair» e «Nils Holgerson»
- 17.30 - ETERNO FEMININO
23º Episódio: ginástica e beleza são as rubricas desta tarde, subordinada ao «Devagar se vai ai longe». Um ortopedista, uma pedicura, um bailarino e um coreógrafo, para além de Michel (sapateado), são os convidados de Teresa Guilherme.
- 18.30 - AS TRÊS DAMAS DO QUIOSQUE
9º Episódio

- 19.00 - TI-TI-TI
43º Episódio
- 19.25 - CIRCO
- 19.40 - VIA RÁPIDA
Limeligh é uma antiga igreja que já foi discoteca e hoje é um espectacular restaurante. Álvaro Costa esteve na inauguração, na pista de dança onde anteriormente foram as catacumbas. O novo filme de Oliver Stone, sobre Jim Morrison, líder dos Doors, será também tema de conversa nesta edição.
- 19.50 - CLÁSSICOS DA TV
«Ruas de S. Francisco»: um atirador isolado, afecta tragicamente as vidas de algumas pessoas não relacionadas, durante um período de vinte e quatro horas.
- 20.45 - DICK TRACY
23º Episódio
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - O OUTRO LADO DE NASHVILLE
- 23.35 - XINGU
Um documentário onde se revela a organização social e o trabalho dos índios, captando o ritual em que as mulheres demonstram já uma certa contrariedade em relação aos privilégios masculinos. Xingu é realmente a «Terra Mágica do Índio Brasileiro». E aqui, eles são «Herdeiros do Paraíso».
- 00.15 - O TEMPO

PARABÓLICAS ALBA

- Antena de 90 cm Off-Set
- equivalente às tradicionais de 110 cm
- LNB com polarizador incorporado
- Receptor estéreo com 16 canais memorizáveis
- Telecommando infravermelhos com todas as funções
- Poder de captação:
 - Actual: 8 canais
 - A partir do final do ano: 24
- Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado

AUDIMAX T. 4106275 Algés

AMANHÃ

RTP-1

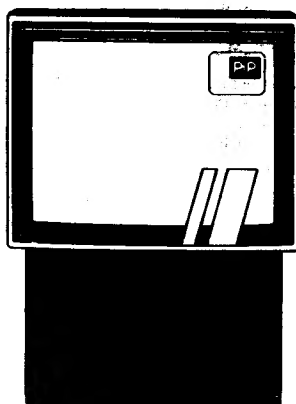
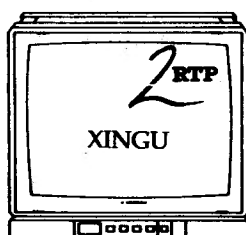
- 09.01 - BOM DIA
- 10.00 - RUA SÉSAMO
- 10.30 - PONTO DE ENCONTRO
- 11.45 - CULINÁRIA
- 12.05 - A GATA COMEU
- 13.00 - JORNAL DA TARDE
- 13.25 - BOLSA DIA A DIA
- 13.27 - O TEMPO
- 13.30 - SEM LEGENDAS
- 14.30 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
- 14.35 - PRIMEIRA MATINÉE
«Indiscreto»
- 16.10 - PONTO POR PONTO
- 16.55 - CIDADES COM METRO
- 17.20 - BRINCA BRINCANDO
- 18.15 - RUA SÉSAMO
- 18.40 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
- 18.45 - A RODA DA SORTE
- 19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA DIA A DIA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.10 - DIREITO DE ANTENA
- 20.25 - RODA DE FOGO
- 21.15 - DESENHOS ANIMADOS/BOA NOITE
- 21.35 - EURONICO
- 22.30 - JACK, O ESTRIPADOR
- 00.10 - 24 HORAS
- 00.45 - O TEMPO
- 00.50 - REMATE

RTP-2

- 12.02 - A FORÇA ASTRAL
- 12.25 - FILHOS E FILHAS
- 12.50 - A IDADE DA RAZÃO
- 13.05 - JERRY LEWIS
- 14.00 - PRIMEIRO JORNAL
- 14.30 - AGORA, ESCOLHA!
- 15.55 - AVENTURA
- 16.20 - LICEU DEGRASSI
- 16.45 - RECREIO DO 2
- 17.30 - O ETERNO FEMININO
- 18.30 - O MENINO DOUTOR
- 18.55 - TI-TI-TI
- 19.25 - CIRCO
- 19.45 - VIA RÁPIDA
- 20.00 - REGIÕES MAGAZINE
- 20.45 - DICK TRACY
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - DRAMAZINE
- 21.55 - ACERTO DE CONTAS
- 22.45 - CINECLUBE
«O Cabeçudo das Trincheiras»
- 23.50 - CAMPEONATO MUNDIAL DE VOLEIBOL
- 00.50 - O TEMPO

BLAUPUNKT

Seleccionou para si...



BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

MUDANÇAS

TRANSPORTES DE PIANOS — COFRES

SERVIÇOS DIÁRIOS DE CARGA GERAL

LISBOA — SINES

PESSOAL ESPECIALIZADO

A TRANSPORTADORA
IDEAL DE ST.ª ISABEL

LARGO DO MITELO 18 (ao Campo Santana)

☎ 53 26 37 - 57 74 79

FAX: 352 51 61



«A oposição só pode saber o que se passa dentro dos hospitais, das escolas e das oficinas através de visitas de só-deputados, com marcação prévia»

A. Correia de Campos, «Diário de Notícias», 16.10.90

A PERGUNTA DO DIA



Mário de Almeida
presidente
da Associação Nacional
de Municípios
Portugueses

Como se vai traduzir, na prática, o protocolo assinado ontem entre a ANMP e a Faculdade de Letras de Coimbra relativo à defesa do património histórico-cultural?

«Para a ANMP a assinatura deste protocolo é particularmente necessária na medida em que vai possibilitar a formação de técnicos com capacidade para assumirem funções importantes na defesa do património histórico-cultural das autarquias. Na verdade, os municípios portugueses não dispõem, em geral, de pessoas devidamente habilitadas, capazes de apoiar a realização das suas atribuições neste domínio. A assinatura deste protocolo representa o culminar de esforços que o Centro de Estudos e Formação Autárquica e a Faculdade de Letras de Coimbra têm vindo a desenvolver desde 1988 no sentido de lançar um curso de pós-graduação para os licenciados em História. Nesta primeira fase, vão ser formadas vinte pessoas, que serão posteriormente colocadas em diversas autarquias.»

Quinta-feira no

Diário de Lisboa

Willy Brandt
em Grande Angular

Tudo sobre o jogo da selecção nacional no Estádio das Antas

Entrevista a Pedro Passos Coelho

MEDIA

Pôr um ponto final na importação em massa de programas produzidos pelos países do Norte e promover a cooperação entre as nações mediterrânicas em matéria de televisão foi a tónica do Prix Itália, que teve lugar no mês passado em Palermo, na Sicília

Países do Mediterrâneo combatem colonialismo televisivo

A problemática das televisões do Sul foi este ano, e pela segunda vez, o tema dominante do Prix Itália, um dos mais prestigiados concursos de programas de rádio e televisão de todo o mundo, que tem lugar anualmente em Palermo, na Sicília. Catorze países situados nas margens do Mediterrâneo, incluindo a Albânia e a Líbia, presentes pela primeira vez, participaram num congresso sobre «As televisões europeias e norte-africanas da região do Mediterrâneo», tendo concluído que um dos maiores problemas das estações africanas se prende com a hegemonia da programação ocidental.

Ná sua 42ª edição, o Prix Itália contou com a participação de 57 estações provenientes de 36 países e que apresentaram a concurso perto de 200 obras. O vencedor, na modalidade de ficção televisiva, foi um filme produzido pela Antenne 2 em colaboração com o Canal +. Os franceses conquistaram ainda o galardão destinado às produções de arte. A estação britânica ITV arrecadou os prémios destinados ao documentário e ao programa sobre ecologia.

O congresso dominou, porém, as atenções. Organizado conjuntamente pela RAI e pelo Ministério italiano dos Negócios Estrangeiros, reuniu uma dúzia de políticos transalpinos, entre os quais Nini Cristofori, que se deslocou a Palermo em representação de Giulio Andreotti. O ponto de partida dos debates foi a crise do Golfo e o papel dos media que, segundo o presidente da RAI, Enrico Manca, passaram de testemunhas a actores e criadores de acontecimentos. Tais factos levaram o responsável da televisão italiana a falar na existência, hoje em dia, de uma verdadeira «videocracia».

Para Enrico Manca, esta hegemonia da imagem arrisca-se a aumentar ainda mais o fosso Norte/Sul, mais profundo do que o separava o Leste do Ocidente na medida em que se trata de um fosso estrutural, enquanto o primeiro era ideológico. Exemplificando este desequilíbrio, o director da RAI afirmou que 40 por cento dos telespectadores do Sul estão familiarizados com a série norte-americana «Dallas», mas apenas 1 por cento dos habitantes do Norte conhece programas produzidos no Sul. E acrescentou que os montantes movimentados pelos grupos multimedia ABC e Bertelsmann são superiores ao Produto Interno Bruto da Tunísia, e que os investimentos publicitários da França, Itália e Espanha são superiores ao PIB de Marrocos.

Para transformar o audiovisual de arma de guerra em arma de paz, Enrico Manca

lançou a ideia da criação de uma estação de rádio italiana em língua árabe, para as comunidades imigradas na Europa. Propôs também a constituição de um forum que possibilitasse o diálogo, a coordenação de actividades e a troca de programas entre os países do Mediterrâneo e a realização de uma conferência, sob a égide das Nações Unidas, sobre o panorama do audiovisual no Sul.

A generalidade dos países presentes concordou com estas propostas e denunciou as situações de atraso que se vivem neste domínio. A maior crítica foi feita ao que classificaram de neocolonialismo e de imperialismo norte-americano que difunde o imaginário das nações desenvolvidas nos países pobres, enquanto estes se limitam a olhar o interdito.

Os representantes dos países do Norte mostraram-se reservados face às reações intempestivas dos seus parceiros do Sul. Os franceses defenderam a necessidade de, numa primeira fase, ajudar os países menos desenvolvidos a produzirem os seus próprios programas para, posteriormente, os auxiliarem na sua exportação para os mercados do Norte. Propuseram ainda a criação de uma cadeia de rádio mediterrânica, considerando que através deste meio de comunicação é mais fácil evitar a colonização cultural. A imposição de quotas de programação foi outra das propostas apresentadas.

A declaração final da conferência, aceite por todos os participantes, sublinhou os novos riscos de hegemonia e apelou aos países europeus e africanos das margens do Mediterrâneo para se empenharem numa cooperação pacífica nos campos da criação e da produção, promovendo igualmente a livre circulação de informação e o diálogo entre culturas.

«DL»/«Le Monde»



Os maneirinhos

Embora não estejamos propriamente no reino do faz de conta - às vezes até parece! -, todos os dias nos cruzamos com umas ilustres personagens que fazem que andam, mas não andam, e que, à falta de melhor nome, me permito nomear de maneirinhos.

São seres acomodados, por regra previsíveis, de ambições limitadas, avessos a correr riscos, doentiamente calculistas (sempre em nome do «realismo...») e que revelam um estranho contentamento por aquelas pequenas coisas que não são carne nem peixe, que nada acrescentam à vulgaridade reinante.

Desconfiam de qualquer ideia que perturbe a rotina acomodada, embora gostem de aparentar a sua adesão a novos rumos. Em nome do progresso, chega um dia em que, depois de muitas noites de insónias, depois de muito puxar pelo lápis (as calculadoras nem sempre são de confiar...), ganham uma espécie de coragem para uma remodelação.

Remodelar é o máximo de que são capazes. Isto é. Mudar alguma coisa para que tudo fique na mesma, como já dizia alguém que agora não vem ao caso.

A mercearia está fora de moda, mudem-se as prateleiras e chame-se-lhe supermercado. A estrada está esburacada, remende-se, alargue-se e chame-se-lhe via rápida.

Sabem adaptar-se! É o que é. Os tempos mudam e é necessário caírem as paredes, melhorar o visual. O atrevimento dos maneirinhos fica por aqui. Não conhecem a ousadia no verdadeiro sentido da coragem que envolve.

Não são grupos delimitados. Tropeçamos neles todos os dias e a cada passo. Há quem veja na nossa História um acumular de decadência entrecruzado por uns quantos feitos heróicos de alguns inconformistas que teimam em querer desvendar outros mundos.

A mediocridade, as vistas curtas, não largam os poderes que nos governam. As tantas é uma sina que nos persegue. Mais do que a crise do Golfo para explicar a recessão que se avizinha, são os maneirinhos que nos cercam que fazem a nossa recessão quotidiana...

António José Teixeira



A.M.A.

Auto Monumental do Alentejo

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8
1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75